



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES VISUAIS
DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

JULIANA DE MORAES COELHO

**TORNAR-SE NEGRA:
AS DANÇAS AFRO NO PROCESSO DE AUTOIDENTIFICAÇÃO E
EMPODERAMENTO ÉTNICO DE UMA PROFESSORARTISTA**

Pelotas
Novembro, 2019

TORNAR-SE NEGRA:
AS DANÇAS AFRO NO PROCESSO DE AUTOIDENTIFICAÇÃO E
EMPODERAMENTO ÉTNICO DE UMA PROFESSORARTISTA

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em Artes Visuais da Universidade Federal de Pelotas na Linha de Educação em Artes e Processos de Formação Estética como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Artes Visuais.

Prof. Dr. Thiago Silva de Amorim Jesus (Orientador)

Pelotas
Novembro, 2019

**TORNAR-SE NEGRA: AS DANÇAS AFRO NO PROCESSO DE
AUTOIDENTIFICAÇÃO E EMPODERAMENTO ÉTNICO DE UMA
PROFESSORARTISTA**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em Artes Visuais da Universidade Federal de Pelotas como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Artes Visuais.

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Thiago Silva de Amorim Jesus – PPGAV/UFPEL (Orientador)

Prof^a. Dr.^a Carmen Anita Hoffman – PPGAV/UFPEL (Banca interna)

Prof^a. Dr.^a Larissa Patron Chaves – PPGAV/UFPEL (Banca interna)

Prof. Dr. Cláudio Baptista Carle – PPGAnt/UFPEL (Banca externa)

DEDICATÓRIA

Dedico aos meus queridos e amados, pai (in memoriam) e mãe. Minha força, incentivo e inspiração vieram destas duas pessoas.

AGRADECIMENTOS

Agradeço minha família. Primeiramente na figura dos meus pais, José Paulo (*in memoriam*) e Rose, pelo amor e pelo incentivo aos meus estudos.

Agradeço e reverencio aos mais antigos, a nossa ancestralidade. Hoje só é possível estar aqui porque outros vieram antes, abrindo os caminhos e lutando por nós.

Agradeço a minha família, às minhas irmãs Paula e Alessandra, aos sobrinhos, cunhados e à minha tia Neusa. Eles são as minhas raízes, e é por meio desta base que sou formada, os valores, questionamentos e, também, enfrentamentos. É com eles que divido as minhas reflexões, alegrias e também angústias.

Agradeço ao meu noivo, Leonardo, pela partilha de vários momentos dançantes, pedagógicos, momentos de pensar a negritude, a dança, a arte, a educação, por meio de práticas antirracistas, que sei que também o contagiam.

Agradeço ao meu orientador. O trilhar neste trajeto de dúvidas e incertezas, de enfrentamentos e o embarque nesta viagem ao meu mundo. Acho que eu o enegreci, um pouco mais.

Agradeço à Companhia de Danças Afro Daniel Amaro pela partilha de muitos momentos de dança, de (re)conhecimento de ser, tornar-se negra.

Agradeço à Abambaé Companhia de Danças Brasileiras por me conectar a um mundo novo e a me possibilitar novos conhecimentos e encontros com as minhas brasilidades.

Agradeço as(os) amigas(os) que muito me instigaram a pensar, me tirando de minha zona de conforto, sobretudo, amigas pretas e amigos pretos que dividiram tantas tristezas, lutas, dores e também alegrias.

Aos amigos(as) que fiz nas Danças Afro, agradeço as parcerias. Momentos inúmeros de dançar, pensar Danças Afro. Pensar os atravessamentos, as alegrias e dores nossas que se misturam as nossas danças, identidades, negritudes.

Agradeço à todas mulheres pretas! Me vejo na figura de cada uma de vocês, em todas as suas tonalidades, formas, credos. Somos todas uma. Sigamos na resistência e em busca de representatividade, sempre.

Agradeço aos meus alunos, sem vocês eu não seria quem sou. Eterno aprendizado, ensinando e aprendendo. Hoje me desafio a ser sempre alguém melhor, pensando, sobretudo, em vocês.

Agradeço aos professores do Curso de Mestrado em Artes Visuais, aos conhecimentos e as possibilidades oferecidas nestes dois anos de curso.

Agradeço a banca composta pela professora Doutora Carmen Hoffman, professora Doutora Larissa Chaves e professor Cláudio Carle, pela disponibilidade e atenção para com a minha dissertação.

Sou grata à todas as circunstâncias e situações que me possibilitam viajar em meus pensamentos que está nesta constante formação do ser professorartista.

As minhas crenças invisíveis!

RESUMO

O estudo apresenta a investigação de minha dissertação de Mestrado no Curso de Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Universidade Federal de Pelotas, no qual estou inserida na Linha Educação em Artes e Processos de Formação Estética. Enquanto mulher negra, bailarina, professora e pesquisadora das Danças Afro e, sobretudo, das questões que se engendram no seu fazer, busco a partir das vivências que me são permitidas, entre suas práticas e minhas experiências de vida, dançantes e docentes, articular e problematizar diferentes atravessamentos nestas perspectivas. Sendo assim, o objetivo principal está em refletir sobre a articulação entre as vivências com as Danças Afro e o meu processo de autoidentificação e empoderamento étnico negro. É a partir da autoetnografia (FORTIN, 2006) que me torno parte decisiva do estudo, ou seja, sujeito, trazendo experiências e vivências pessoais e profissionais para discutir conceitos como: Danças Afro, Identidade, Educação. Buscando em referenciais das Danças Afro, cultura afro-brasileira, educação e etc., o aporte teórico para o estudo a partir de leituras dos autores SILVA (2011, 2013), GOMES (2002, 2003, 2009), SABINO & LODY (2012), BRANDÃO (1981) entre outros. Defendo as Danças Afro como possibilidades de ampliar e fortalecer os conhecimentos em história e cultura afro-brasileira a partir de sua prática e por meio destas danças. Sendo este estudo uma investigação de si (mim), uma autorreflexão, não há resultados “finais”, mas, considerações provisórias e parciais que reforçam a potência destas práticas para assunção da identidade étnica negra e formação da professorartista, o que me instiga a estudar e aprofundar meus conhecimentos, me levando a crer neste fazer como uma prática empoderadora e potencializadora, dando voz e visibilidade para a cultura negra, seja no fazer artístico ou docente.

Palavras-chave: Danças Afro; Autoetnografia; Empoderamento.

ABSTRACT

The study presents the investigation of my masters dissertation for the post-graduation program in Visual Arts of the Federal University of Pelotas, in wich I'm inserted in the Line Education in Arts and Processes of Aesthetic Formation. As a black female, balerina, teacher and researcher of Afro Dances and, above all, of the questions that engender in its doing, I seek from the living experiences that are allowed to me, between practices and my life experience, dancing and teaching, to articulate and problematize different crossings in those perspectives. Thus, the main objective is in reflecting about the articulation between the experiences with Afro Dances and my process of self-identification and black ethnic empowerment. It's from autoethnography (FORTIN, 2006), that I become decisive part of the study, that is, subject, bringing experiences and livings, personal and professional, to discuss concepts such as: Afro Dances, Identity, Education. Searching in references of the Afro Dances, afro-brazilian culture, education and etc., the theoretical basis for the study, from the readings of authors SILVA (2013), GOMES (2002, 2003, 2009), SABINO & LODY (2012), BRANDÃO (1981), amongst others. I defend the Afro Dances as possibility to enlarge and fortify the knowledges in afro-brazilian history and culture, from its practice and through those dances. Being this study an investigation of itself, a self-reflection, there are no "final results". However, provisonal and partial considerations, wich reinforce the potence of those practices for the assumption of the black ethnic identity and the formation of the teacher-artist, what instigates me to study and deepen my knowledges, leading me into believing in this doing as an empowering and potentiating practice, giving voice and visibility to the black culture, whether in artistics doing or in teaching.

KEY-WORDS: Afro Dances. Autoethnography. Empowerment.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Mapa com a distribuição das Charqueadas na Região do Porto/Várzea na Cidade de Pelotas, retratando as terras da família Rodrigues Barcellos, aproximadamente no ano de 1814.....	29
Figura 2 – Escola Municipal de Ensino Fundamental Carlos Laquintinie, escola a qual sou professora de Educação Física.....	30
Figura 3 - Eu, Juliana “pequena”, regando as plantas da casa da minha tia na Praia do Laranjal, em meados de 1991.....	37
Figura 4 - Eu, minhas irmãs e mãe, na sala da casa de minha mãe em um dia de reunião da “mulherada”.....	39
Figura 5 - Eu e minha mãe em um passeio de verão em uma das praias em São Lourenço do Sul, 2018.....	57
Figura 6 – Mercedes Baptista, grande nome da Dança Afro-brasileira, imagem que compõe a cena do documentário “Balé de pé no chão”, de 2005. Foto: Documentário “Balé de pé no chão”, dirigido por Lilian Solé e Marianna Monteiro.....	66
Figura 7 – Mestre King em aula aberta na Cidade de Salvador. Aula que era realizada por este sempre ao final do ano em Salvador, e que hoje, mesmo após sua morte, continua sendo realizada por alguns nomes.....	67
Figura 8 - Ensaio do Grupo Odara em uma aula aberta em comemoração ao Dia da Mulher Negra Latino-américa e Caribenha, em julho de 2019.....	71
Figura 9 - Roda de conversa/Aula Odara onde conversamos um pouco sobre a minha pesquisa, sobre levar um pouco da mulher negra e suas trajetórias para academia, encontro realizado em setembro de 2018.....	72
Figura 10 - Registro de um ensaio da Companhia de Danças Afro Daniel Amaro, neste momento há o aquecimento com movimentos das Danças Afro, com ênfase em movimentos intensos de quadril, braços, ombros. Setembro de 2018.....	74
Figura 11 - Apresentação do Samba de Roda no 1º Festival Internacional de Folclore e Artes Populares de Pelotas, 2013.....	75
Figura 12 – Improvisação em Danças Afro, “Tornar-se negra”, desenvolvida para o Seminário De Pesquisa da Pós-Graduação em Artes Visuais - UFPel, setembro de 2018.....	78
Figura 13 - Laboratório de Danças Afro para montagem do Espetáculo “Rios de Sangue” na Charqueada São João.....	84

Figura 14 - <i>Workshop</i> com Balé Folclórico da Bahia, em Porto Alegre, em agosto de 2015. Eu e Walson Botelho “Vavá”, Nildinha Fonseca.....	90
Figura 15 – <i>Workshop</i> realizado no Afrosul Odomode, em Porto Alegre, na foto Aline Valentin e Cia Babalakina.....	91
Figura 16 - Primeiras cenas do Espetáculo “Rios de Sangue”, em junho de 2013 no Teatro Guarany.....	96
Figura 17 – Momento de abertura do Espetáculo “Sóis”, da Abambaé Companhia de Danças Brasileiras.....	97
Figura 18 – Equipe de Comissão de Jurados da Companhia de Dança Afro Daniel Amaro e um dos palestrantes do evento, no 2º Encontro de Carnaval de Florianópolis.....	98
Figura 19 - Capacitação de Jurados realizada na Câmara Municipal de Pelotas, onde estou palestrando sobre Comissão de Fren.....	99
Figura 20 – Bailarinos na Comissão de Frente da Escola de Samba Academia do Samba.....	100
Figura 21 - Apresentação da coreografia “Afoxé” no Festival Internacional de Folclore de Nova Petrópolis.....	101
Figura 22 - Solo Iemanjá, apresentação realizada na Semana da Consciência Negra de Pelotas.....	102
Figura 23 - Meu solo Orixá Iansã, apresentação no Espetáculo “Dança dos Orixás”.....	103
Figura 24 - Iansã nos bambuzais, momento onde ocorrem o passeio e contação de história com o público por entre alguns locais da Charqueada.....	104
Figura 25 - Apresentação de comunicação oral no evento Arte na Educação Básica, em Salvador.....	108
Figura 26 - Mesa redonda “Negritude na pesquisa em Arte e Educação”, no II Seminário de Dança Afro do RS, em 2018, no Colégio Municipal Pelotense.....	110
Figura 27 - Nildinha Fonseca a professora do Curso de férias na FUNCEB, minha inspiração enquanto mulher negra, bailarina, coreógrafa e professora, em janeiro de 2019.....	112

Figura 28 – Após uma aula puxada de Danças Afro, no Curso de Férias com Nildinha Fonseca, FUNCEB, em janeiro 2019.....	113
Figura 29 - Aula/ensaio dirigida por Paco Gomes.....	115
Figura 30 – Ensaio “Preto é o lugar onde moro” no porão do Museu do Doce, com a diretora e integrantes do elenco.....	118
Figura 31 - Ensaio do meu solo no Espetáculo “Preto é o lugar onde moro”, realizado no porão da SECULT.....	119
Figura 32 - Elenco completo “Preto é o lugar onde moro”, após a última sessão de apresentações.....	121
Figura 33 - Conversa sobre a cultura afro na Cidade de Pelotas e vivências de capoeira com alunos.....	129
Figura 34 - Oficina de Danças Afro ministrada por mim na Escola B, para alunos dos Anos Iniciais.....	131
Figura 35 - Conversa Cultura negra pelotense e oficina em Danças Afro ministrada na Escola A.....	132
Figura 36 - Qual cor é a sua?”, realizada com alunos das séries iniciais da Escola B, em 2018.....	133

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Organização corporal e relação com os movimentos nas Danças Afro...73

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	14
2. DANÇANDO A AUTOETNOGRAFIA: PARA ENTENDER ESTE TRABALHO	19
3. QUADRO TEORICO.....	24
4. “ME GRITARAM NEGRA”: Relações com a cultura pelotense e sobre ser mulher negra nesta cidade.....	28
4.1 NEGRA: SIM!.....	36
4.2 ENFRENTAMENTOS: MAS TU NEM É NEGRA, ÉS ATÉ CLARINHA!	44
4.3 O TORNAR-ME NEGRA E AS SUAS INTERSECCIONALIDADES.....	50
5. DANÇO, LOGO EXISTO: minha trajetória afro-dançante.....	60
5.1 Danças Afro e as referências que me movem.....	64
5.2 Só quando danço me liberto do tempo: esvoaçam as memórias, levantam voo de mim.....	77
6. Educação e práticas antirracistas na escola: experiências de uma professorartista	123
6.1 Dançando na escola: possibilidades e vivências em relações étnico- raciais.....	128
7. TORNEI-ME NEGRA: NOTAS DE UMA PROFESSORARTISTA.....	135
8. REFERÊNCIAS.....	138

1. INTRODUÇÃO

Este é o meu processo de investigação no Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Universidade Federal de Pelotas, onde estou inserida na Linha de Pesquisa em Educação em Artes e Processos de Formação Estética. Neste estudo busco uma autorreflexão, a partir de minhas experiências que se dão no campo artístico e pedagógico no ser professorartista¹, o que me torna negra, proporcionando-me empoderamento² e autoidentificação.

Nós somos a nossa história, e é por acreditar e valorizar essa história que ela tem que fazer parte do nosso viver, das nossas articulações e comunicações com o mundo que nos cerca. Como mulher muito interessada em sua própria história, em suas origens, trago aqui esta articulação com as minhas histórias, um laço e reforço de quem sou, mulher negra que busca, nas suas histórias, raízes para afirmar e reforçar estas através de galhos fortes, mas flexíveis, que dialogam e se adaptam ao mundo, tornando este um pouco de si, e sendo também este mundo.

O nosso território nada mais é que o nosso corpo, e as relações que se formam a partir dele, que perpassa desde a minha família e a constituição que se dá inicialmente nas minhas vivências com ela, entre outras interações que nos formam e possibilitam diferentes formas de ver e estar no mundo. Nestas interações há a escola, local por onde todos nós passamos, onde temos a possibilidade de conviver em grupo, de aprender, de ensinar, de conhecer, de viver outras realidades possíveis.

Ao pensar na educação escolar muitas são as questões que estão bastante latentes neste espaço, com potência e em fluxo de discussão que é de considerável importância neste contexto. É nesta instituição onde diferentes mundos e culturas se misturam através dos seus sujeitos, onde discussões são possíveis, e que se abrem

¹ Professorartista é um grifo/junção que eu escolho e adoto para pensar esta que sou, e que não há como desvincular estas atuações que trago no termo. Ambas são encaixe uma para outra, se completam e logo são a mesma possibilidade de ser como sou, atuante frente aos meus interesses para com as Danças Afro e posicionada frente aos contextos de nossa sociedade.

² Quando falo em empoderamento não pretendo me aprofundar nesta questão aqui neste texto, tão pouco discutir conceitos acerca do “poder”, nem realizar uma análise conceitual sobre tal. Trago a palavra empoderamento no sentido de representar as atitudes que fui desenvolvendo num processo de conscientização de minha identidade étnica, de forma que promoveu mudanças em meu entendimento sobre ser negra, o que foi possível com a prática de Danças Afro, logo, é um poder que me foi possibilitado, exercido a partir de uma prática corporal e que em consequência promove mudanças e simultaneamente, o empoderamento que irei discutir aqui.

oportunidades para a reflexão de aspectos que engendram as Danças Afro, bem como colado a esta questão, a cultura negra e outras ramificações que vão se abrindo a partir destes saberes.

Como pesquisadora e aluna do PPGAV e componente do grupo OMEGA – Observatório de Memória, Educação, Gesto e Arte –, insiro-me pesquisando a partir de minhas vivências nas Danças Afro e, a partir dela, as reverberações na assunção e formação étnica que se dá em seu fazer, refletindo em diferentes espaços de minha formação e atuação. Sendo assim, como tornar-se negra? Pergunta esta que respondo ao longo do meu texto, por narrativas e experiências que são possíveis a partir do meu diário de processos, fotos e análise de conceitos, articulando os meus fazeres pedagógicos e artísticos. Utilizo-me da autoetnografia (FORTIN, 2006) para autopercepção e reflexão, pois foi a partir da prática que me “percebi” como negra, logo, foi um processo de autoidentificação e o empoderamento étnico, a partir das Danças Afro, apoiada em minha experiência, enquanto mulher negra, professora e bailarina destas danças.

Na utilização desta metodologia busco articular a minha história pessoal com conceitos e experiências que dialogam com os fatos traçados. Assim, em um primeiro momento, são realizadas as leituras de aproximações com a temática explorada, a partir de GOMES (2002, 2003, 2009), SABINO & LODY (2011), MONTEIRO (2011), BRANDÃO (1981), entre outros. É importante salientar que a busca inicial de referências bibliográficas para este texto se deu a partir de autores (as) homens negros e mulheres negras que, em minha opinião, trazem uma visão e escrita diferenciada. Corroborando com uma luta pessoal por representatividade, além de trazer uma perspectiva, a partir de uma escrita do próprio negro, reforçando a ideia do “auto” que busco com a autoetnografia. Além, também, de identificar materiais que hoje são possíveis e visibilizados, mas que por muito foram negligenciados com o privilégio do homem branco europeu, acerca do conhecimento. É através dos estudos decoloniais³ que muitos autores engendram seus saberes, rompendo a lógica de conhecimento que por tanto perdurou e foi reconhecido como único.

³ Estudos decoloniais como possibilidade de questionar a colonialidade que nos é colocada, enquanto seres totalmente colonizados que somos. Estudos que nos permitem reivindicar outras formas de ser/estar em nossa sociedade

Longe de todo e qualquer ato de distinção de gênero e raça, optei por dar visibilidade para autores (as) negros (as) por uma questão de crença e representação étnica. Muitos autores (as) negros (as) não tiveram oportunidade e visibilidade na academia, ainda hoje muitos são desconhecidos e não tem devida importância que deveriam acerca dos estudos que desenvolvem. O racismo/sexismo epistêmico é um dos problemas mais importantes do mundo contemporâneo (GROSFOGUEL, 2016): o privilégio de uns desqualificou e invisibilizou o conhecimento de outros, que, logo, ainda não se fazem representados. Hoje ainda se mantém a lógica eurocêntrica, pois, sim, a universidade ainda é bastante branca e patriarcal.

Trago o termo professorartista, pois é como posso conceituar-me, como algo/alguém que não se desvincula, logo, é apontado, já no título, corroborando nesta lógica do autoconhecimento e autorreflexão de estar na prática e ser esta prática em todos momentos, de ser professorartista conjuntamente. É um diálogo ativo e que se mantém em todo percurso, seja na escola, seja no viés artístico, embora ambos caminhem juntos. Adoto a nomenclatura Danças Afro ao referir-me a dança que realizo, pratico, que desenvolvo na escola, que articulo em minhas práticas, por acreditar na influência formativa e artística que experienciei através da minha formação, e que me fazem “carregar” esta nomenclatura por todos os espaços e vivências.

Por ter usufruído de uma experiência positiva, penso ser fundamental que a dança possa refletir e difundir novos pensamentos e conhecimentos sobre a cultura Afro para seus praticantes, o que também é verificado em outros estudos (SILVEIRA, 2011; SILVA, 2013; COELHO, 2017), aspectos que reforçam o meu entendimento de abordagem destes saberes no campo educacional. Há inúmeras justificativas para esta crença, mas a mais importante é apoiar-me em minhas vivências com as Danças Afro que se deram, prioritariamente no campo não formal, ou seja, fora da escola, e é a partir desta prerrogativa que creio ser de extrema importância a presença desta linguagem na escola, a qual abrange um maior público e diferentes sujeitos e contextos. A partir destas vivências corporais o desdobramento destes aspectos sobre a cultura negra será apresentado.

A justificativa do meu estudo vem atrelada a importância de dar voz e visibilidade para os sujeitos e suas histórias, colocando suas potências em seus textos e abordando e problematizando suas histórias e fazeres diários. Nunca

imaginei que as minhas vivências pudessem fazer parte de uma pesquisa de dissertação, e hoje sinto que autoetnografia me mostrou outras formas de fazer pesquisa. Sinto que minhas experiências e narrativas podem contribuir para a difusão de novos pensamentos e formas outras para práticas antirracistas.

Nesse sentido, creio ser de extrema importância trazer para o centro das discussões acadêmicas a questão étnico-racial e as imbricações da vida real, que se seguem com as minhas experiências artísticas e pedagógicas; experiências individuais que refletem e se relacionam com experiências coletivas, pois são lutas e resistências de uma mulher negra que se estende para/com muitas outras mulheres negras.

Para tanto, esta pesquisa tem como objetivo principal refletir sobre a articulação entre as vivências com as Danças Afro e o meu processo pessoal de autoidentificação e empoderamento étnico negro. Tem como objetivos específicos: problematizar as minhas experiências por meio da autoetnografia; possibilitar uma reflexão sobre os aspectos artísticos e pedagógicos em torno da cultura negra; e, pensar novas formas para uma educação antirracista. É a partir da autoetnografia que olho para minhas experiências enquanto mulher negra, bailarina, professora, que pensa e analisa suas práticas, e, a partir delas, me utilizo destes conhecimentos para organizar, problematizar, atuar, experimentar e pensar outras formas de educação na qual o negro sinta-se parte e também protagonista.

O texto é dividido da seguinte forma: No Capítulo 1 é apresentada a *Introdução*, com os objetivos, justificativa e as intenções do estudo. No Capítulo 2, intitulado *“Dançando a Autoetnografia: notas para entender este trabalho”*, trago a discussão da parte metodológica que utilizei aqui, que está imbricada num processo de autorreflexão e conversa contínua com as minhas experiências. No Capítulo 3, *“Quadro teórico”*, trago os principais conceitos utilizados no texto, estes que perpassam os outros demais. No Capítulo 4, *“Gritaram-me negra”*, recorro a alguns conceitos, a partir das minhas vivências enquanto mulher negra na sociedade, bem como questões que perpassam o ser negro no Brasil e, particularmente, na sociedade Pelotense. No Capítulo 5, intitulado *“Danço, logo existo: trajetórias dançantes”*, abordo conceitos de Danças Afro, bem como alguns dos precursores das Danças Afro, baseando-me em artistas que movem minha prática dançante e docente. No Capítulo 6, intitulado *“Educação e práticas antirracistas na escola: experiências de uma professorartista”*, retomo as minhas práticas pedagógicas e

ações para uma luta antirracista, vou para esse chão que me possibilita experiências diversas da vida real, que é possibilidade contínua de luta. Por fim, no Capítulo 7, *"Tornei-me negra: notas para uma próxima dança"*, retomo alguns aspectos discutidos no texto, e aponto outros que possibilitem uma nova dança para continuar discutindo temáticas afins.

2. DANÇANDO A AUTOETNOGRAFIA: NOTAS PARA ENTENDER ESTE TRABALHO

Para entender este texto e a pesquisa que aqui se delineia é preciso compreender que o estudo é motivado a partir de minha história pessoal. É a partir destas descrições pessoais que vão surgindo os conceitos, e também as experiências que se relacionam aos fazeres, a partir de minhas trajetórias de vida, dançantes e docentes.

A pesquisa se dá no contexto da cidade de Pelotas, onde nasci e habito nestes 32 anos de vida, cidade situada no Sul do estado do Rio Grande do Sul, com uma população de aproximadamente 341 mil habitantes. Trata-se de um município no qual há uma mistura de povos, etnias e culturas, formando uma fusão de saberes, conhecimentos e atravessamentos acerca daqueles que ajudaram a “construir” e a desenvolver a cidade.

Entre os povos que aqui estão, os negros que para cá foram trazidos, ainda no século XVIII, contribuíram para o desenvolvimento e enriquecimento da cidade que, com o charque, obteve muitos êxitos, e aqui estes sujeitos influenciaram em muitos aspectos. Eu, enquanto mulher negra, nascida e criada em Pelotas, sempre tive muitas questões que me incomodavam de alguma forma, curiosidades e fatores que me colocavam a refletir sobre o “lugar” do negro na sociedade pelotense. Estas questões reverberam em minha essência, em quem sou, em buscar a valorização, ou melhor, o reconhecimento e fortalecimento dos negros e negras que aqui habitam.

Em uma determinada tarde, em meio as leituras de Sylvie Fortin (2006, p. 82), a autora me aponta a autoetnografia caracterizada por uma escrita do “eu” que permite o ir e vir entre a experiência pessoal e as dimensões culturais, a fim de colocar a partir do interior e sensível de si. Ao vislumbrar esta passagem do texto, me identifico com a descrição dada e percebo que a autoetnografia está relacionada ao estudo que começo a desenvolver. Logo, a escrita está relacionada com a minha história, reconhecendo-a e legitimando-a.

Desta forma, utilizarei a primeira pessoa do singular na maior parte do texto, o que é permitido nos estudos da autoetnografia, metodologia que utilizarei nesta pesquisa. Metodologia esta que, para Ellis & Bochner (2000), permite o envolvimento do pesquisador, assim como a narrativa de seus pensamentos e suas

opiniões reflexivas diante do estudo em que está inserido. Nesse contexto, coloque-me em uma situação autorreflexiva, com a percepção de estar na situação de sujeito participante e também de observador, o que eu sempre fiz, de forma natural, mas que poucas vezes foram assumidas metodologicamente e colocadas em um texto acadêmico.

Quando relaciono minha história ao presente texto, é para compreender que a autoetnografia exige que se faça este diálogo entre a linha do tempo de minhas vivências e as possibilidades conceituais/reflexivas que vão surgindo na pesquisa. Ao utilizar esta metodologia, estudo conceitos e faço reflexões que são pertinentes ao que desenvolvo diariamente, seja tanto em minha prática artística, quanto na teórica-pedagógica, embora estas atuações se complementem.

Inicialmente apresentei resistência para me colocar como sujeito desta história, por acreditar que seria interessante observar e pesquisar estes conceitos e saberes a partir de outros indivíduos, o que normalmente é observado nos textos acadêmicos. Ao longo das leituras e de minha escrita, inevitavelmente minhas memórias foram surgindo, e logo percebi que todas as provocações partiam de minhas histórias e experiências e que poderiam estar articuladas aqui. Para Fortin (2006), os dados autoetnográficos aspiram ultrapassar a aventura propriamente individual do sujeito, e, desta forma, penso que as minhas vivências se estendem e se relacionam com as de outros indivíduos que também buscam refletir suas experiências, sejam qual for os aspectos que forem aprofundados.

Ao assumir-me como sujeito desta pesquisa percebo a importância de trazer essas histórias e me colocar como sujeito de estudo. O que, neste caso, é o meu estudo, uma mulher negra contando a sua própria história, refletindo e problematizando questões que tanto me acompanham diariamente, e refletem em todos os âmbitos nos quais atuo.

Penso que minha história esteja articulada com outras tantas, que assim como eu, traçam o caminho artístico e pedagógico em Danças Afro. Considero importante compartilhar minhas experiências como mulher negra, professora, bailarina e pesquisadora para que possam contribuir para o campo da dança e de estudos que se relacionam aos temas de identidade negra, cultura afro, Danças Afro, educação para as relações étnico-raciais, preconceito, racismo, entre outros. Minhas articulações não estão isoladas e servem de ponta de lança para pensar outras histórias e experiências. Conforme Fortin (2006), “(...) o praticante pesquisador que

se volta sobre ele mesmo, não pode ficar lá. Seu discurso deve derivar em direção a outros” (apud LANCRI, 2002, p. 54), e, como já foi tratado anteriormente, minhas experiências vão dialogar com outras mais que podem e devem contemplar outros sujeitos que se identifiquem com a temática.

Compreendo que a trajetória que escolhi em dança e, especificamente, nas Danças Afro, me impulsiona a perceber o que me circunda. E sim, que foi a partir destas práticas que me “vi” negra, onde pude ter contato com os saberes da cultura afro e obtive uma autopercepção de quem eu era e, desta forma, a dança como uma oportunidade de discussão de inúmeros aspectos que perpassam a cultura negra. Com as práticas de aula, ensaios, cursos e espetáculos me foram proporcionados conhecimentos, a autoidentificação, o estreitamento com saberes que me possibilitaram o reconhecimento étnico, o empoderamento, que observei em tantas outras pessoas, sujeitos que, como eu, por vezes, estão invisíveis nos espaços e nas práticas destas danças se “enxergam” e se “(re) conhecem”.

Também fazem parte deste estudo as coletas de informações que derivam de minha teoria e prática, que me auxiliam neste processo de reflexão, e retorno as memórias, discutindo conceitos, a partir das vivências e narrativas. Um caderno de processos, onde registro reflexões, anoto poemas, anotações sobre questões diversas do meu cotidiano e que atravessam minhas práticas referentes aos temas tratados no texto e podem ser estes: uma aula, uma descrição pós-espetáculo, as reflexões sobre uma palestra ou vídeo que tenha visualizado, o que caracteriza, também, uma participação observante (WACQUANT, 2002), mistura de observação e experimentação, campo e transformação, uma vez que no momento em que estou participando da ação, também recolho-me ao momento de reflexão deste ato. O material coletado deste caderno de processos, entra neste texto a partir de reflexões, contribuindo nas discussões e experiências registradas aqui. E também o uso de fotografias, que mais do que meras ilustrações, são registros de momentos marcantes e que trazem significados e marcas neste processo.

Percebo a autoetnografia como uma nova metodologia, que alguns pesquisadores, artistas e professores têm adotado para falarem de seus trabalhos artísticos, suas práticas. Eu ainda estou descobrindo, tateando e criando formas de abordar, escrever e me posicionar; é uma escrita que me seduz e me desafia para o novo. A escrita é um exercício que todos nós, artistas, professores, pesquisadores deveríamos fazer, colocar em prática e disseminar “por aí”. Nesta escrita, aparecem

discussões pedagógicas, artísticas, culturais, sociais, e também políticas, articulando as experiências que atravessam o meu cotidiano. Ela possibilita refletir o meu fazer e vislumbrar que a teoria e prática devem caminhar juntas, ambas são inseparáveis na arte de pensar o contexto pedagógico e artístico nos quais estou inserida.

Inicialmente, meu estudo consistiu em separar materiais teóricos para o início das leituras. Já nesta inquietação, a partir da problemática de pesquisa e meu comprometimento com a ancestralidade dos meus, vou com sede às bibliografias, e percebo que o material é vasto, mas que especificamente sobre as Danças Afro a literatura é menor do que em relação aos outros saberes que transversalizam o estudo.

E são nos referenciais sobre a cultura afro-brasileira, identidade negra, educação para as relações étnico-raciais, corpo e estética negra, e muito partir da voz do colonizado, que vou percorrendo a literatura. Já no separar de materiais bibliográficos, imaginei um referencial que apontasse para autores e livros decoloniais, ou seja, partindo de uma escrita na qual o sujeito quis descolonizar-se epistemologicamente, e esta é minha ideia para pensar as Danças Afro como uma prática que foi/é descolonizadora para o meu corpo, aceitações, comportamentos, estereótipos, crenças. Ao pensar no princípio da decolonialidade trago hooks⁴ (1995), destacando que, no discurso colonial, o corpo colonizado foi visto como destituído de vontade, subjetividade, pronto para servir e destituído de voz.

Corroborando com a ideia de hooks (1995), penso que hoje nossos corpos e vozes têm um espaço e visibilidade um pouco maior que outrora. E que é de meu interesse trazer para o meu texto, para as minhas práticas, para as minhas pedagogias esses autores, reforçando minha escrita e minha ideologia, reforçando também, as práticas descolonizadoras que se dão em minha trajetória pedagógica/artística no meu ser professorartista. A ideia inicial era incluir estas bibliografias, autoras e autores negros, autores outros que saiam da lógica eurocêntrica e partam do princípio de uma escrita do ponto de vista do colonizado, que atravessam e desafiam o conhecimento que foi construído historicamente, sobretudo, o que aprendemos e no que são pautados os currículos escolares.

⁴ bell hooks é uma aclamada intelectual negra, teórica feminista, crítica cultural, artista e autora. Foi registrada como Gloria Jean Wartkins. O pseudônimo, inspirado pela avó materna, Bell Blair Hooks, é uma homenagem ao legado de mulheres fortes. É grafado com letras minúsculas para deslocar o foco da figura autoral para suas ideias, para ver mais: hooks, bell. O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras. Tradução Ana Luiza Libâneo. – 1ªed. – Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 2018.

Percebo, que nossos currículos, saberes, comportamentos ainda são bastante alicerçados em conhecimentos eurocêntricos, brancos, até mesmo, quando queremos tratar de estudos com a temática tratada aqui.

Os instrumentos utilizados são as minhas narrativas, experiências que são advindas do meu diário (caderno que registro acontecimentos dos mais variados), mas nem todos relatados aqui. Além do uso de imagens, sendo este um processo de retorno ao observar estes registros e também de dor, ao identificar que muitas fotos foram perdidas no tempo. Destaco que nem todas as imagens escolhidas foram utilizadas aqui, e as que aqui estão são marcantes e, com certeza, se estão aqui, tem importante significado e justificativa. Julgo importante salientar que a ideia não é realizar uma iconologia destas imagens, mas traçar momentos e ilustrar narrativas que são importantes no processo de autoidentificação e empoderamento étnico negro.

A escolha da autoetnografia vem pautada na necessidade de dizer o não dito, de pesquisar a mim mesma, de me deixar ser pesquisada, refletir e investigar uma experiência individual, contrastando com experiências coletivas e, assim, expor políticas de identidade, pertencimento, educação e promoção de igualdade. Deixar que uma história atravessada por diferentes questões possa problematizar e refletir sobre muitas outras experiências, deixando de ser objeto de estudo, o que historicamente é muito observado, e trazendo uma mulher negra que conta sua (s) própria (s) história (s).

3. QUADRO TEÓRICO

O quadro teórico a seguir é desenvolvido pensando em questões que atravessam diretamente as temáticas envolvidas neste estudo, logo, são conceitos que vão aparecer por entre os capítulos, mais de uma vez. Desta forma, mostra a capacidade de discussão e atravessamento em diferentes momentos abordados aqui, conceitos urgentes e que me acompanham, também, para além da estrutura textual, estendendo-se para minhas vivências e experiências diárias.

Com a maturidade, realizando prática de dança, e com minha inserção no contexto universitário, fui atrás de informações e leituras que me possibilitaram compreender outras faces sobre o negro, para além do que nos reproduzia a escola na década de 90. Hoje outras fontes e conhecimentos nos chegam, e nessa leva de saberes pude também ter acesso a autores negros que escrevem sob a perspectiva de alguém que é negro, descolonizando os saberes que por ora eram baseados nos conhecimentos eurocêntricos e nos propunham a ideia do branco como detentor do conhecimento e, logo, do poder.

Autores como Munanga Kabenguele (1995), Petronilha Silva (2007), Nilma Lino Gomes (2003, 2005, 2017), Sueli Carneiro (2003), bell hooks (2018), Stuart Hall (2015), Frantz Fanon (2008), entre outros proporcionam uma escrita que coloca o negro e suas questões no centro da discussão, trazem empoderamento e representatividade para nós, e menciono-os como referência de intelectualidades negras. Nem todos serão utilizados nesta escrita, mas, de qualquer forma, são compartilhados como referências de conhecimentos para os meus escritos.

Logo, trago alguns conceitos e aproximo-me dos termos *Identidade*, *Danças Afro* e *Educação*, termos que vou desenvolver e dar destaque aqui para salientar a importância que estes têm tanto no processo do desenvolvimento textual, quanto no atravessamento destes conceitos em minha história de vida. Esses serão discutidos rapidamente em um primeiro momento e, a seguir, nos capítulos. Trago brevemente a discussão acerca da *Identidade* (HALL, 2015), *Danças Afro* (MONTEIRO, 2011; MELGAÇO, 2007) e *Educação* (BRANDÃO, 1981; GOMES, 2002), autores os quais utilizo suas bibliografias, e que se constituem como a base para minha escrita e temática central deste texto.

No encontro com a metodologia autoetnográfica, a primeira discussão que fica evidente é a Identidade. Ao visitar minhas memórias é observável a reflexão sobre os processos de transformação, de ideias, posturas, comportamentos, que remetem a diferentes fases da minha vida e do processo de formação de identidade. Logo, a identidade não é estanque, ela forma-se desde o nosso nascimento frente as mais diversas situações de nossas vidas. Ela é, em termos gerais, tudo aquilo que está nos constituindo diariamente e que se constrói através de influências múltiplas, experiências vivenciadas desde o nascimento e que nos transformam em como estamos/somos. “Forma-se ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não é algo inato, existente na consciência desde o nascimento” (HALL, 2015, p. 24), mas se dá na interação com o outro e com o mundo.

Penso que inúmeros aspectos transformam nossa identidade, entre estes estão os grupos de pertencimento (GADEA, 2013), que representam grupos sociais, diríamos assim, que influenciam nossas práticas, inclusive participando na formação de nossa identidade. Penso as Danças Afro como este grupo de pertencimento em minha formação, no qual percebi que transformações ocorreram e proporcionaram mudanças no meu corpo e minha forma de ser/estar frente nossa sociedade. Mudanças estéticas, comportamentais, atitudinais, que me trouxeram outras percepções sobre ser negra, mostrando representação e novos entendimentos, para além da cor e características físicas.

As Danças Afro como práticas influenciadas e desenvolvidas sob o aspecto de uma Etnia, a Etnia negra, danças que compreendem informações que se relacionam com Afro, de África, danças que me atravessam e influenciam. A dança afrobrasileira é, então, fruto das práticas trazidas pelos escravos africanos para o Brasil, e foram reelaboradas e transformadas na América Portuguesa (MONTEIRO, 2011), tomando, em meados do século XX, forma e caráter cênico. No Brasil estas danças são reelaboradas a partir de nossas particularidades. Movimentos que são transformados e reorganizados por Mercedes Baptista (MELGAÇO, 2007), como outros tantos nomes exponenciais nestas danças, que influenciam fazer Danças Afro no Brasil. A dança trouxe saberes necessários e potentes sobre ser negra no Brasil, em Pelotas, trazendo estas histórias para o meu corpo.

Acredito na potência da educação para o desenvolvimento da identidade; educação não somente advinda da escola, mas de diferentes espaços que (trans) formam o sujeito. Logo, diferentes espaços educam, o grupo de dança, a ONG, as

vivências que possibilitamos para nós mesmos. Segundo Gomes (2002, p. 38), “a educação pode ser entendida como um amplo processo constituinte da nossa humanização, que se realiza em diversos espaços sociais”, como na família, na comunidade, no trabalho, nos movimentos sociais, na escola, dentre outros. O que conforme Gadea (2013), influenciaria nossa identidade e seria, como ele chama, os *grupos de pertencimento*, grupos que têm um objetivo (s) em comum e formam, ou melhor, influenciam, as nossas identidades.

Nesse sentido, a educação é percebida por espaços múltiplos que trabalham com saberes e que despertam no indivíduo o conhecimento, desenvolvendo os processos de ensino-aprendizagem a partir de diferentes saberes não escolarizados.

De acordo com Brandão (1981, p. 10):

A educação é, como outras, uma fração do modo de vida dos grupos sociais que a criam e recriam, entre tantas outras invenções de sua cultura, em sua sociedade. Formas de educação que produzem e praticam, para que elas reproduzam, entre todos os que ensinam e aprendem, o saber que atravessa as palavras da tribo, os códigos sociais de conduta, as regras de trabalho, os segredos da arte ou da religião, do artesanato ou da tecnologia que qualquer povo precisa para reinventar, todos os dias, a vida do grupo e a de cada um de seus sujeitos, através de trocas sem fim com a natureza e entre os homens, trocas que existem dentro do mundo social onde a própria educação habita (...).

A *educação* está em todo lugar, como já evidenciado, e ela não é privilégio exclusivo da escola. Trago particularmente a minha experiência com estas danças, para além do espaço formal, o que me possibilitou experimentar, fruir, compreender, perceber as *Danças Afro* e com elas buscar o conhecimento e as informações que fizeram possíveis uma *identidade*. Logo, sou grata à dança e à possibilidade das trocas, pois foi a partir deste movimento que, é claro, que houve o enriquecimento cultural desta mulher negra e, conseqüentemente, a formação de uma identidade empoderada.

ME GRITARAM NEGRA

Tinha sete anos apenas, apenas sete
 anos,
 Que sete anos!
 Não chegava nem a cinco!
 De repente umas vozes na rua
 me gritaram Negra!
 Negra! Negra! Negra! Negra! Negra!
 Negra! Negra!
 “Por acaso sou negra?” – me disse
 SIM!
 “Que coisa é ser negra?”
 Negra!
 E eu não sabia a triste verdade que
 aquilo escondia.
 Negra!
 E me senti negra,
 Negra!
 Como eles diziam
 Negra!
 E retrocedi
 Negra!
 Como eles queriam
 Negra!
 E odiei meus cabelos e meus lábios
 grossos
 e mirei apenas minha carne tostada
 E retrocedi
 Negra! [...] Alisei o cabelo,
 Passei pó na cara,
 e entre minhas entranhas sempre
 ressoava a mesma palavra
 Negra! Negra! Negra! Negra! Negra!
 Negra! Neeegra!
 Até que um dia que retrocedia ,
 retrocedia e que ia cair
 Negra! Negra! Negra! Negra! Negra!
 Negra! Negra! Negra!

Victoria Santa Cruz

Negra! Negra! Negra! Negra! Negra!
 Negra! Negra!
 E daí? E daí?
 Negra!
 Sim
 Negra!
 Sou
 Negra! Negra! Negra!
 Negra sou
 Negra!
 Sim
 Negra!
 Sou
 Negra! Negra! Negra!
 Negra sou
 De hoje em diante não quero
 alisar meu cabelo
 Não quero
 E vou rir daqueles,
 que por evitar – segundo eles –
 que por evitar-nos algum disabor
 Chamam aos negros de gente de cor
 E de que cor!
 NEGRA
 E como soa lindo!
 NEGRO
 E que ritmo tem!
 [...]

Afinal
 Afinal compreendi
 AFINAL
 Já não retrocedo
 AFINAL
 E avanço segura
 AFINAL
 Avanço e espero
 AFINAL [...] NEGRA

4. “ME GRITARAM NEGRA”: Relações com a cultura pelotense e ser mulher negra nesta cidade

Trago o poema de Victoria Santa Cruz para permear este entendimento sobre ser negra, que vai se dando a partir de minhas vivências que se iniciam na minha cidade, bem como suas influências, cultura, e, sobretudo, em minha identidade que se constitui a partir deste local e destas experiências. Eu nasci mulher negra na cidade de Pelotas, localizada no extremo Sul do Rio Grande do Sul. Cidade com grande população negra, explicada pelo número de negros que para cá foram trazidos para as Charqueadas em função do Ciclo do Charque no século XIX⁵. As Charqueadas eram fazendas com produção de charque, carne salgada, e com funcionamento baseado exclusivamente no trabalho de negros que foram escravizados.

Nascida e criada nesta cidade, que respira todas estas histórias, seja através dos casarões e praças, através da população e cultura que é fortemente influenciada por o ciclo forte do Charque que enriqueceu nossa cidade e a tornou referência no âmbito histórico e cultural. Hoje, com 32 anos, tenho outras percepções e entendimentos referentes ao que trato aqui, problematizações que foram iniciadas ainda na minha adolescência, e que se deram quando comecei a praticar as Danças Afro, o que me instigou a estudar e a pesquisar sobre essas questões.

Recordo-me que quando criança não questionava certos fatos em relação à identidade étnico-racial, preconceito, racismo, etc., e acredito que nem compreendia que eu era negra, muito embora reconhecesse minha cor e a cor de pele dos meus familiares. Também não problematizava todo o entorno da cidade e a riqueza histórico-cultural de Pelotas e a sua relação com os negros, e nem imaginava a importância de conhecer essas histórias, para também, de alguma forma, compreender a minha.

⁵ Para saber mais sobre as Charqueadas e o Charque produto-rei da economia, acessar: <http://www.escravidaoeliberdade.com.br/site/images/Textos5/vargas%20jonas.pdf>, através do autor Jonas Vargas, hoje professor da Universidade Federal de Pelotas, autor que admiro muito e conheço a partir de estudos referentes à cidade de Pelotas, Charqueadas e História da escravidão africana no Brasil. Foi possível ter acesso ao autor, a partir de estudos referentes ao meu envolvimento no Espetáculo “Rios de Sangue”, onde começo a realizar leituras em estudos que se relacionem as Charqueadas em Pelotas.

Tudo começa a ter novos sentidos e olhares a partir do meu conhecimento sobre as charqueadas, que ocorre no meu contato e nas minhas práticas com a dança, e que me foram remetendo curiosamente a busca por informações. As charqueadas foram responsáveis pelo crescimento econômico na cidade de Pelotas, e, em 1820, eram 22 e posteriormente, em 1873, 38. Sendo assim, a cidade enriqueceu sob esta forma de produção, indiretamente com o braço forte dos negros. Abaixo segue uma ilustração que traça as charqueadas mapeadas na cidade, mais precisamente perto na Região do Porto, onde se localiza também, o Arroio Pelotas.

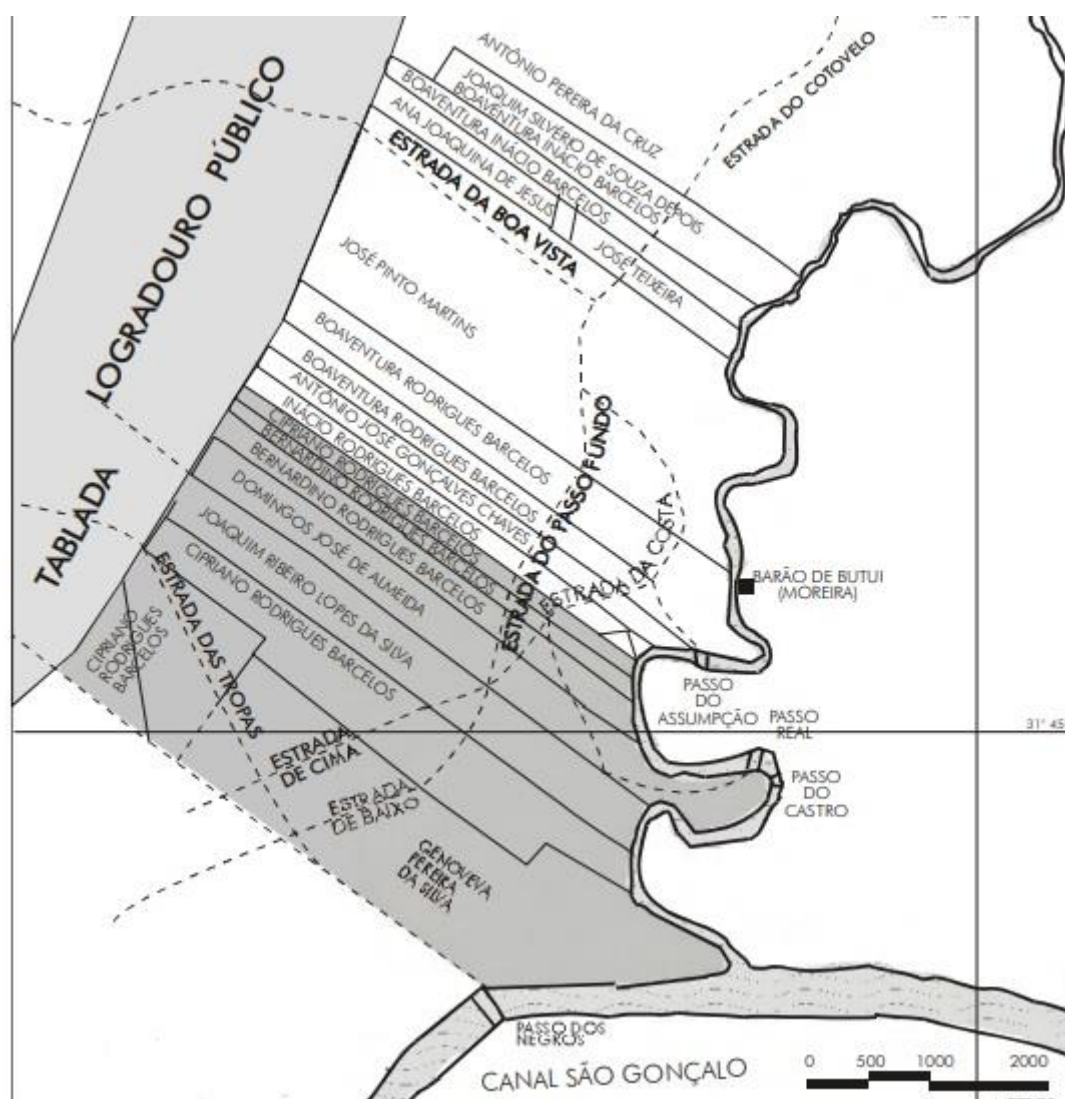


Figura 1 – Mapa com a distribuição das Charqueadas na região do Porto/Várzea na Cidade de Pelotas, retratando as terras da família Rodrigues Barcellos, aproximadamente em 1814 – Fonte: Livro Negros, charqueadas e olarias. Ester Gutierrez, 2011.

A imagem acima me foi apresentada recentemente no ano de 2018, em uma palestra ministrada na escola em que sou professora na Rede Municipal de Pelotas. A palestra foi conduzida pelo Arquiteto e Urbanista Guilherme Pinto de Almeida, relacionada ao “Projeto o Porto das Artes”. Guilherme, que durante o ano de 2018, vinculou algumas palestras falando e refletindo sobre alguns casarões e ruas do Porto, bairro onde é situada a nossa escola. Entre estas palestras surgiu a visualização deste mapa, apresentando o número de Charqueadas que existiam na cidade, sobretudo, no bairro Porto/Várzea e mais especificamente onde se situa nossa escola, onde também era localizada uma pequena Charqueada.

Ao trazer esta imagem reforço a importância e a ideia de conversar sobre a trajetória de resistência e luta dos negros no Brasil, e, especificamente, aqui em Pelotas. Juntamente com a visualização deste mapa, e com as palavras de Guilherme, chamei a atenção dos alunos para a importância desta informação para o que já desenvolvi com eles em outros momentos: A relação das charqueadas e a escravização de negros em nossa cidade, tema que já conversamos e inclusive, realizamos desdobramentos com oficina de Danças Afro. Abaixo a foto da Escola no qual desenvolvo inúmeros trabalhos relacionados à temática às Danças Afro e cultura pelotense.



Figura 2 – Escola Municipal de Ensino Fundamental Carlos Laquintinie, escola na qual sou professora de Educação Física. Fonte: Imagem retirada do site da Prefeitura de Pelotas

Em Pelotas ainda no século XIX era intensa a população negra, visto que muitos negros trabalhavam nas Charqueadas, e estes tiveram forte participação na construção da cidade e na constituição do povo e da cultura pelotense. Quero salientar aqui da importante contribuição negra em diferentes segmentos da cidade e dar visibilidade e voz sobre essas temáticas que se relacionam com a cultura negra e que perpassam nossas trajetórias e, além disso, influenciam nossos jeitos negros de ser e estar em Pelotas.

Quando olhamos para a imagem do Mapa das Charqueadas, podemos perceber o quanto a cidade foi marcada pelo trabalho de negros que foram escravizados, visto o alto número das charqueadas na cidade, e em consequência muita mão-de-obra que fora utilizada. Diziam que os negros que para cá viessem trabalhar não durariam muitos anos, que trabalhar aqui era conhecido como um purgatório onde poucos poderiam sobreviver. Creio que muitos detalhes poderiam influenciar nesta má vida dos negros aqui. Primeiramente o clima, ambiente frio e diferente das outras cidades do país, como Salvador e Rio Janeiro, onde também havia muita mão-de-obra negra e escravizada. Segundo, em relação a salga da carne, que maltratava muito os negros, bem como suas mãos; e, por último, a difícil vida que levava um escravo neste local, com os maus tratos e castigos.

Na vivência das Danças Afro tive contato com saberes que me possibilitaram refletir e questionar as condições de ser negro nesta cidade. Muitas vezes com o Grupo de dança fomos às charqueadas, e foi desta forma que fui apresentada para este local e estas histórias. Saberes que fui ter contato com a prática da dança, muitas informações mediadas a partir de visitas guiadas, laboratórios e espetáculos desenvolvidos neste local, a Charqueada, mais especificamente a Charqueada São João⁶. Por meio disso fui instigada a pensar, a dançar e a problematizar, e a partir do que vivenciava, ouvia, dançava, sentia, estas experiências foram exercendo sobre mim um incomodo, e a vontade de conhecer, me incentivando a buscar novas possibilidades de informação, sobretudo, em minha família.

As Danças Afro trouxeram para as minhas vivências e meu corpo, inúmeras perguntas, lacunas, e uma vontade de saber mais a respeito do negro, de representar, de conhecer. Como pessoa negra me via curiosa, mas também triste ao

⁶ A Charqueada São João foi uma das mais intensas na cidade de Pelotas, pois por esta muito negros foram escravizados, e também, muito sofrimento e o dito, purgatório, perante as maldades que eram exercidas para com os negros.

perceber que tantos negros foram retirados de África e aqui sofreram uma espécie de apagamento de suas histórias, tendo suas culturas, memórias e vidas esquecidas. Neste novo local, Brasil, iniciava-se uma nova caminhada em torno do enriquecimento de senhores brancos.

Ao longo de mais de três séculos, enquanto a própria nação brasileira se formava e tomava corpo, os africanos foram trazidos das mais diferentes partes do continente africano (...) Não se tratava de um povo, mas de uma multiplicidade de etnias, nações, línguas, culturas. A prosperidade econômica estava relacionada a uma intensificação da demanda de mão de obra escrava: não havia a possibilidade do progresso material sem que mais negros fossem importados, pois o trabalho era essencialmente africano e afrodescendente (PRANDI, 2000, p. 52).

Tão importante quanto apresentar uma história que é rica em sua influência negra, como é a história brasileira permeada pela cultura afro, é abordar com clareza os aspectos históricos que nos constituem enquanto afro-brasileiros. Assim, possibilitar um conhecimento que vislumbra difundir a contribuição de nossa ancestralidade que é representada por uma história de luta, de conquistas, que foi e é marcada por muita resistência, é fundamental. O que quero dizer é que é preciso dar voz aos fatos históricos que vão demarcando nossa existência como pessoas negras, e que não é somente por um dito antagonismo, que é a escravidão, mas a “conquista” por nosso espaço, através de muita resistência, e que é sublinhada por um longo trajeto na vida dos negros, pois por debaixo da ponte muita água percorreu até a atualidade e um longo caminho ainda há para melhorias na vida de nós negros, para que possamos viver de forma mais igualitária.

Com a assinatura da Lei Áurea⁷, em 1888, a visão que particularmente eu aprendi, e que me foi reproduzida na escola, foi de uma abolição da escravatura e os negros libertos pela Princesa Isabel. Aprendi fatos pontuais, e que nunca foram questionados, nem mesmo aprofundados, pois não lembro de outras disciplinas, além de história, e de conteúdos que voltassem a sua abordagem para a cultura negra na escola. Como já relatado, com a minha inserção no mundo da dança, algumas questões foram sendo “descobertas”, questionadas e refletidas.

A assinatura, em 1888, dando a dita liberdade aos negros marca uma grande vergonha para o Brasil, o último país a realizar tal fato. E, por conseguinte, uma liberdade desassistida, onde se dá a liberdade, mas, por outro lado, não estende

⁷ Lei Áurea - Em 1888, o Brasil se tornou o último país do hemisfério ocidental a abolir a escravatura, embora uma série de reformas governamentais gradualmente já tivessem emancipado os escravos antes disso (TELLES, 2004, p. 26).

uma mão e muito menos possibilita a inserção dos negros na sociedade de forma verídica.

Muitos negros permaneceram com os seus ex-senhores após a liberdade, seja para cumprir contratos de indenização ou para exercer atividades. A extinção das senzalas foi um fator que originou bairros pobres na periferia das cidades. A disputa por vagas menos qualificadas nas indústrias nascentes também foi um espaço de alocação dessa grande mão de obra. Ao Brasil chegaram mais de três milhões de escravos negros até a proibição do tráfico. Produzir riquezas, seja na grande propriedade, na charqueada, no trabalho portuário ou no espaço doméstico de uma família luso-brasileira, era o papel histórico imposto ao negro por mais de três séculos (TORRES, 2008, p. 117).

Com base no exposto percebemos que os negros, tentando reerguer-se, foram incluídos das mais variadas formas nas cidades e foram se colocando nos espaços. A passagem da condição de escravo para a de homem livre foi substituída pela condição de abandono, preconceito e despreparo para a nova condição de cidadão brasileiro (TORRES, 2008), e os negros ficaram desassistidos. Assumo dizer que ficaram à margem da sociedade, desamparados, marginalizados, formando as ditas periferias, que nada mais eram do que os espaços que se formavam longe dos grandes e imponentes casarões e praças, constituindo-se como outros locais para as moradias.

Logo, retorno à história de Pelotas novamente. Por aqui, grandes casarões foram sendo construídos, levantados por mãos e braços de homens negros. Os filhos dos charqueadores e figurões ricos da época foram em busca de um ensino melhor e de qualidade, buscando se qualificar nas grandes capitais, viajando para o exterior em busca de conhecimento. Os filhos dos negros foram solidificando suas vidas, trabalhando em busca de condições mínimas de sobrevivência, mas a liberdade era algo que proporcionava a estes a espera por dias melhores.

Fazer uma leitura deste passado me entristece e me encoraja para refletir sobre estas histórias e resistir sempre. Além disso, possibilita que possamos conhecer a nossa história e a importância negra nesta cidade, que está nos casarões, nas praças, que está na nossa dança, na cultura, no carnaval e em outros aspectos que carregam a negritude nas suas raízes e que estão por todos os lados da negra Pelotas.

Os negros aqui, em Pelotas, como em outras tantas cidades, sofreram no pós-abolição, pois tinham um tratamento outro que não o mesmo dado aos indivíduos

brancos, pois estava inscrita, em sua pele, a sua cor, o que lhes relacionava em qualquer espaço aos indivíduos que outrora haviam sido escravizados. De qualquer modo, algumas formas de organização já estavam ocorrendo na cidade de Pelotas neste período pós-abolição (LONER; GIL, 2007) para que pudessem dar conta de integrar e socializar formas destes sujeitos interagirem na sociedade e (re) afirmarem suas identidades.

Os negros, de uma forma geral, mantinham uma subvida com o pouco que lhes era possível, um tratamento que não lhes proporcionava boas condições de vida, de emprego, de direitos à educação, saúde e moradia. E é nesta mesma sociedade desigual que circundam as ideias eugenistas⁸ no Brasil, que defendiam o padrão genético superior da “raça” humana. Ideias que já circulavam na Europa e que mostravam um quadro de preconceito em relação ao negro, indicando inferioridade, apontando tanto para as questões físicas, como para as questões intelectuais.

No Brasil o ideal do branqueamento (tão forte e explícito no início do século, depois da escravidão) fala na cor e evita a oposição preto x branco. Apresenta a cor preta como algo que deve ser mudado, transformado para melhor. Essa transformação pretendia o embranquecimento da população, o elemento branco era valorizado em todos os sentidos, mas o fato de enaltecer a “raça branca” (por mais contraditório que pareça) não inferiorizava o negro diretamente, havia um discurso de igualdade [...] Somos iguais, porém devemos nos tornar mais brancos para melhorarmos (...) (ARAUJO, 2012, p. 5).

Conforme o exposto, há a importação de imigrantes de países da Europa para o Brasil, e entre outros fatores, o objetivo desta emigração, reforça a ideia da eugenia, e a miscigenação seria uma forma de “acabar” com esta marca em nossa população. Esses pensamentos reforçam a ideia de raça inferior, apontando que o sangue branco iria “purificar” o sangue primitivo do africano, permitindo a eliminação física destes e a formação gradativa de um povo homogêneo, branco e “civilizado” (OLIVEIRA, 2008).

Nesse sentido, é importante salientar que ocorrem diferentes imigrações para o Brasil, e em diferentes momentos, mas a que me refiro é, em relação como forma de branqueamento da população, que ocorreu entre 1860 e 1880. Cabe destacar que é

8 Eugenia - O termo “eugenia” é cunhado por Francis Galton em 1883, desenvolvendo-o a partir da percepção de melhorar a espécie humana através de casamentos de pessoas com boas qualidades físicas e intelectuais, trabalhando e pensando nos fatores da hereditariedade. Disponível em: <<http://www.ibamendes.com/2010/11/o-que-e-eugenia.html>> Acesso em: 10 de setembro de 2016.

facilitada a imigração de forma que são dadas terras e uma ajuda financeira para os imigrantes. O que, segundo Silva (2016):

Para estimular a entrada de estrangeiros, foi concedida, na época, ajuda em dinheiro feita pelos cofres públicos. Esse incentivo à imigração europeia dá início a uma fase de valorização do imigrante, colocando a figura do índio e do negro em segundo plano. As facilidades concedidas a esses imigrantes incluíram, além das terras recebidas, apoio financeiro, auxílios oficiais e ajuda material, dentre outros (SILVA, 2016, p. 35).

Na passagem acima, percebemos que dinheiro e outros apoios foram dados para que imigrantes pudessem aqui se estabelecer, corroborando a ideia da miscigenação e o branqueamento da população. No Rio Grande do Sul, é possível observar um grande número de imigrantes da Itália e Alemanha, entre outros, que, de certa forma, reforçam o branqueamento, que nada mais é que a mistura dos povos, miscigenando e em consequência clareando a pele. Munanga (2015) complementa, apontando a eugenia como solução segura e definitiva para a supremacia racial branca, segundo o pensamento da maioria da elite brasileira.

Se olharmos em nossa volta, os ideais da miscigenação que nasceram lá atrás resultaram na mistura dos povos, das etnias, o que não foi algo tão simples e tão natural como pode ser visível frente as muitas atrocidades que foram permitidas em torno, principalmente, da mulher negra. A ideia era branquear, misturar e aos poucos promover o apagamento do negro, os resquícios deste fenótipo do indivíduo negro, que foi marcado como inferior. O branqueamento puramente dito não ocorreu de forma plena. O que posso ressaltar é que há a mistura de raças e, obviamente, a miscigenação, a mistura de etnias e povos, o que ocorre inclusive em minha família.

Falar dessa miscigenação da minha família, como em tantas outras, é identificar que nestas relações há o perigo do apagamento, do esquecimento das raízes e da não assunção de sua identidade étnico-racial. Em minha família nunca conversamos e aprofundamos sobre nossas raízes como um assunto natural, mas em determinadas ocasiões o assunto veio a pauta e muito foi esclarecido e refletido sobre outras questões que se relacionam ao fator. Curiosidades vieram ao centro, revelações, brigas e rompimentos também.

Não identificar-se com o tom de pele negro, este que pode ser visivelmente identificado, pode estar relacionado a muitas circunstâncias decorrentes do não dar-se conta da importância de se reconhecer e assumir-se, como descendente de e

assumindo, inclusive, posturas, reconhecimento, ancestralidade, posicionando-se. Ao não reconhecer-se ou não se enxergar como pessoa negra o indivíduo está negando suas raízes e, para, além disso, está rompendo com a oportunidade de conhecer e ouvir as histórias de seus ancestrais.

Hoje podemos identificar que muitos indivíduos são frutos da miscigenação a tal ponto que não carregam mais os fenótipos negros, nem na pele e nem em suas características físicas, o que torna a discussão mais densa, e que não é o objetivo do tratado aqui, mas é necessário tocar neste assunto, que tanto se relaciona com a temática central. Posso ressaltar que em minha própria família é identificado este fato, esta miscigenação se deu naturalmente, mas por trás deste aspecto, há a discussão de fatores tão delicados, como é o caso da inferioridade das raças, que por muito perdurou-se a ideia de “clarear”, e que não foi um ato tão ingênuo, pois muito circulou a questão do branqueamento em nossa sociedade. Muito ouvimos nas conversas de nossas famílias negras: “tu debes clarear” a raça, algo quase cultural, que qualquer pessoa negra já deve certamente ter ouvido em algum momento da sua vida.

E para falar desta questão étnica e racial que me atravessa é bom começar pela provocação: Quem sou eu? Esta é uma pergunta importante, no sentido de falar deste trajeto do “tornar-se” negra, que perpassa o meu lugar de fala, compreendendo de onde vim, minhas raízes e passando sobre o lugar de reflexão sobre o que tenho feito e para onde vou. Eu sou fruto de uma miscigenação de famílias, miscigenação esta que é típica do Brasil, algo tão natural e já debatido acerca dos ideais Eugenistas.

4.1 NEGRA: SIM!

Essa sou eu, Juliana de Moraes Coelho...



Figura 3. Eu, Juliana “pequena”, regando as plantas da casa da minha tia na Praia do Laranjal, em meados de 1991. Fotografia: Rose Coelho

Esta menina na foto sou eu. Neste dia estávamos na casa da Tia Rosi, uma vizinha que minha avó considerava como filha. Como era verão e o clima quente, estava vestida a vontade, pés descalços, e estava regando as “plantinhas”. Na casa, estávamos eu, minha mãe e irmãs, Alessandra e Paula, Tia Rosi, minha Tia Neusa, irmã de minha mãe, Mauro meu primo, e minha Avó Assumpção. Lembro que fomos passar o final de semana e nos divertimos bastante em família. Eram em momentos como este, em que compartilhávamos histórias, no caso, eu escutava, e assim, era possível conhecer um pouco mais de minhas (nossas) origens.

Eu sou filha de Rose Marie de Moraes Coelho, uma mulher negra e filha de José Paulo Nunes Coelho, um homem dito pardo, ambos também, típicos frutos de miscigenações. Meu pai (já falecido) era filho de uma mulher mulata e um pai branco, com 5 irmãos, de todas as tonalidades de pele possíveis, brancos, loiros e um negro (eta misturada de família). E, pelo lado de minha mãe, uma misturada também, mas uma mistura que tinham “cores” predominantes, minha mãe e tia negras com tom de pele escuro.

Minha avó materna era filha de uma mulher branca e que, ao se apaixonar ainda jovem por um rapaz negro (neto de um homem negro que havia sido

escravizado), foi posta para fora de casa, ao assumir o namoro, e, assim, casou-se com o tal homem que era negro, e, logo, julgado pela cor da sua pele na sociedade da época. Para a família de minha avó, que era considerada toda branca, este homem era a marca do que não prestava, mas que tinha um motivo influenciador, e que, obviamente, era por este ser negro, ser neto de negros ex-escravos, na pele deste estava a resposta. E o pai de minha mãe que não cheguei a conhecer, meu Avô Darcy, vindo de Cruz Alta, pouco sabíamos de sua família, era descendente de índios e havia sido adotado ainda pequeno, veio para Pelotas já maior tentar a vida e aqui conheceu minha avó.

A vida da mãe de minha avó não foi nada fácil, não teve ajuda e nem apoio da família, pois, ao casar-se com um homem negro, nunca mais quiseram notícias dela. Ela teve cinco filhos e, como todas as mulheres (ou maioria) daquelas do início do século XX, era do lar, enquanto o marido trabalhava fora e também, dava suas escapadas com outras mulheres. Ela adoeceu com os filhos todos ainda pequenos e, com a sua morte muito cedo, cada filho adotado e foi para um lado. Assim, a família que inicialmente repudiava as crianças por serem filhas de um negro, começaram a estreitar alguns laços com os pequenos, sobretudo com minha avó, que era a única menina.

Minha avó materna Assumpção foi meu exemplo de vida, até mesmo porque sempre mantivemos muito contato, pois era próxima aos netos e filhas. Ela trabalhou desde nova, e casou-se com meu avô, que aqui em Pelotas nem familiares tinha. Ambos trabalhavam muito e formaram uma família de três filhas, Nina, Rose (minha mãe) e Neusa, sendo que Nina morreu ainda pequena, com 9 anos, com uma febre que na época era fatal para as crianças. A ideia que tive durante toda a minha vida, foi de minha avó como uma mulher forte, muito aguerrida e que enfrentava as pessoas, sobretudo o meu avô que era muito machista, conforme as histórias contadas por minha mãe. Por trabalharem muito, sempre deram boas condições para minha mãe e tia, considerando as condições das outras famílias do bairro e da época.

No seio familiar da minha casa, éramos eu e mais duas irmãs. Minhas irmãs casaram quando eu ainda era bem pequena, até porque tínhamos uma grande diferença de idade e, por muito tempo, me considerei como “quase” filha única, pois era a única filha da casa. Meus pais, pouco ou quase nada falavam sobre as questões étnicas, mas, desde sempre, escutei muitas coisas nas relações da nossa

família, expressões com aspecto particular relacionado a estrutura racial, do tipo “clarear” a raça, a história do cabelo ruim, sendo que esta última expressão me deparei na rua/escola. Em nossa casa minha mãe nunca apoiou alisar os cabelos e nem entrava em discussão sobre o cabelo “bom” e “ruim”, mas era perceptível que o que ela considerava como um cabelo arrumado é o que era definido como o padrão pela sociedade, ou seja, o cabelo liso. Inúmeras vezes ela dormia de touca, uma tática para deixar o cabelo “domado” e para, no outro dia, já estar com ele mais organizado. E entre a nossa família, ou melhor, as mulheres da família, sabíamos que o cabelo de minha mãe era o considerado “melhorzinho”, um cabelo ondulado, com um fio que não era crespo, como o das filhas, devido a mistura étnica e os antepassados, pois muito também se questionava esse cabelo, devido ao tom de pele de minha mãe, haja visto que ela era negra de tom escuro de pele.



Figura 4. Eu, minhas irmãs e mãe na sala da casa de minha mãe em um dia de reunião da “mulherada”, em 2010. Fonte: Arquivo pessoal

Nesta imagem estamos na casa de minha mãe num final de tarde no ano de 2010. Nesta época ainda morava com ela e era costumeiro minhas irmãs, sobrinhos e cunhados visitarem aos finais de dia e a conversa rolar solta. Neste dia, especificamente, estavam somente as mulheres, ou seja, minhas irmãs Paula e

Alessandra e sobrinhas Emmanuele e Mariah, além de mim e da minha mãe. Conversamos sobre as rotinas diárias, sobre “as crianças”, faculdade, trabalho, sobre a família, mas nada relativo ao aspecto tratado na temática abordada aqui. Temática esta que hoje, trato com mais naturalidade, muito influenciada pelos estudos e leituras que tenho realizado.

Relembrando minha infância e adolescência, foram nos embates que começaram a ser observados e percebidos na rua que iniciaram as primeiras reflexões e apontamentos para essas discussões, mas são aspectos que não eram discutidos de fato em nossa casa. Embora tínhamos noção de sermos negros, visto os traços físicos e o que era evidente pelo tom de nossa pele, ainda que de tonalidades diferentes. Nós nunca havíamos conversado ou refletido sobre aspectos étnico-raciais. Hoje, com a maturidade, consigo lembrar de fatos que já ressoavam essas discussões, mas que na minha ingenuidade nunca foram enfrentadas, como, por exemplo, quando minha mãe ia me buscar na escola ou na academia que fazia ginástica, e que muitas foram às vezes em que as crianças ou outras pessoas não a identificavam como minha mãe.

Hoje falo com naturalidade sobre raça, etnia e aspectos que circulam no arcabouço da identidade étnico-racial, mas estes são assuntos que sempre foram silenciados. Acredito que minha mãe, embora nunca tenha falado nada sobre, nem assumido tal postura, tenha certa mágoa com a história de rejeição da família de minha avó para com minha avó e seus irmãos, rompimento que se manteve durante um tempo, mas que, quando nasci, já não existia mais, ou seja, as relações já estavam estabelecidas. Digo que ao menos as famílias se relacionavam sem problemas visíveis, mas que estes fatos com certeza marcaram as relações.

Desde pequena não entendia muito as misturanças na minha família, mas algo eu tinha certeza é que nós éramos as negras da família. Nós éramos as negras tanto pelo lado paterno, pois meu pai casou-se com uma negra, e, assim, vieram netas e sobrinhas negras, quanto pelo lado de minha mãe, visto que ela e minha tia eram as negras e o restante da família, primas, tias e outros, tinham a pele clara, eram brancos.

Ao olhar um pouco para minha trajetória percebo o quanto essas histórias familiares são misturadas, o que reflete em outras tantas histórias que observamos por aí, que ainda hoje reforçam estereótipos e nos impedem de nos compreendermos como pessoas negras, e também de conhecermos nossas

histórias. Logo, que identidade é esta que pode ser formada quando não se sabe sobre sua história, quando essa história pessoal também pode ser coletiva, haja visto que pouco essa história está para nós em outros espaços?

As nossas identidades são, na verdade, muitas, são múltiplas, somos muitas identidades. A identidade forma-se na família e em outros tantos grupos e espaços que vamos socializando e que também vão influenciando nossas formas de ser. E a identidade étnico-racial, substancialmente, passa pelo conhecer sua história, identificar sua ancestralidade, compreender suas origens. Minhas questões e identificações foram postas em debate quando entrei em contato com a dança, logo, foram refletidas, questionadas, e me possibilitaram diálogos familiares, olhar para si mesma e compreender quem eu era.

Há momentos em que nossas identidades sofrem estímulos, influências, e são atravessadas por experiências que nos fazem refletir sobre algo, alguém, ou sobre nós mesmos. Ao tempo que não debatia as questões de cunho étnico-racial e o fato de ter a pele negra, além de identificar as características na minha família, tenho, simultaneamente, uma prática em Danças Afro que começa a subsidiar as minhas dúvidas e percepções no que se referem a estas temáticas. De tal forma, Figueiredo propõe:

(...) arriscaria afirmar que quase todos nós nascemos embranquecidos, visto que há uma predominância dos aspectos da cultura branca – se é que assim podemos denominá-la – em nossa sociedade, e só enegrecem ou se tornam negros ao longo dos anos os que optam por incluir em suas vidas os aspectos identificados com a “cultura negra” e se tornam curiosos em conhecer o seu passado e a sua história (FIGUEIREDO, 2002, p. 56).

Assim, com as Danças Afro inseridas nas minhas vivências, ser negra e pensar sobre autoidentificação tomam outras proporções. Me identifico com aquilo que é experimentado nestas danças e, logo, começam a adentrar minhas curiosidades sobre ser negra, sobre a minha família e, como diz o autor na citação acima, nascemos embranquecidos e, ao inserir a dança em minhas rotinas, transformo minha forma de perceber e viver a cultura negra, como também a percebo em mim e em minha família.

Nós nascemos e nos formamos em um mundo que tem a hegemonia branca, onde o branco é tido como padrão, como referência, assim, os conhecimentos que são passados na escola se dão a partir de uma ótica branca, européia e heterossexual, e somos formados sob este viés, que nos conta uma história única

vista sob o ponto de vista branco. Não nos são passadas as histórias de nossos ancestrais, pouco nos falam sobre os negros na constituição do Brasil, na formação, na cultura, na religiosidade. Logo, não nos questionamos como sujeitos de outra cultura e cor, com outras características físicas.

Eu, enquanto mulher negra, me suscitei ao questionamento, a partir de minha aproximação com a prática de Danças Afro. Percebi que, neste caminho, houve dúvidas, sofrimentos, e muitas descobertas, que me levaram e me levam aos mais diferentes trajetos e contextos. Os conhecimentos advindos do movimento, e que passam pelo corpo, me fizeram refletir, e também constituíram e constituem o meu jeito de ser. A minha identidade, que passou a ser compreendida como negra, e que se transforma e passa por modificações e percepções diariamente movimentam-se junto, na medida que passo por novas experiências. Foram a partir destas danças que houve a autoidentificação e o reconhecimento, e a prática me permitindo adentrar saberes até então desconhecidos e, assim, de alguma forma, conhecer e me identificar com a identidade que pouco foi alavancada em qualquer outro espaço de formação.

A forma como nos relacionamos com o nosso corpo é uma construção social, que se dá mediante o confronto com a identidade individual e com a identidade que é construída socialmente. Um processo que não se dá apenas com o olhar de dentro, do próprio negro sobre si mesmo e seu corpo, mas também na relação com o olhar do outro, do que está fora. Neste processo, “o corpo negro construído ao longo da sociedade brasileira nos mostra um corpo que durante três séculos de história do Brasil foi resumido a *status* de mercadoria” (SILVA, 2013, p. 61), e na prática da dança, problematizo e compreendo um outro corpo, um corpo potente e que me possibilita identidade positiva sobre ser negro, que me informa e me empodera sobre quem sou.

A identidade negra forma-se na interação com o mundo, não apenas com o meu mundo individual, mas na relação com o que nos cerca. Ao nascer negro, nos percebemos negros através de nosso fenótipo, nossa cor de pele, traços físicos, mas a identidade étnica negra não é algo dado *a priori*, faz parte de um conhecer a si mesmo, assumir e permitir-se ser negro, é uma formação que é dada no dia-a-dia. Formação que pode ser advinda de um apanhado de lugares que interagimos e colaboram em nossa formação, entre eles a família e a escola e outros grupos

sociais, ajudando no desenvolvimento da identidade individual e coletiva, neste caso, da minha.

Ao recordar minha trajetória escolar, nunca me foi dito nada que trouxesse referências positivas sobre ser negro, ou melhor, nunca me foram proporcionados momentos de conhecimentos a respeito da história e cultura afro que identificasse as contribuições do negro em nossa sociedade. Conheci e tive o contato com as Danças Afro, a partir de outro espaço que não a escola, e em nenhum momento lembro de ter contato com práticas ditas “afro”, sejam as danças, especificamente, ou outros conhecimentos na escola que tivessem relações com a cultura negra, como, por exemplo, a capoeira.

Não lembro de ouvir falar sobre trajetória dos negros no Brasil, no Rio Grande do Sul, nem em Pelotas, nem de contribuições que pudessem ter em nossas danças, cultura, arte e outros aspectos. Este é um dos questionamentos que penso que o contato com as Danças Afro muito fortaleceu, tanto na minha autoidentificação, quanto pelo fato de obter conhecimentos que nunca me foram dados a partir do espaço escolar.

A pouca discussão sobre a história e cultura africana impede um entendimento da história e da cultura brasileira a partir da visão dos afrodescendentes, pois sem este conhecimento ela se torna uma história unilateral, branca, marcada por concepções eurocêntricas (OLIVEIRA, 2008, p. 2).

Logo, a identidade étnico-racial começa a ficar mais evidentes e ativa a partir da prática das Danças Afro, pois foi nesta etapa que comecei a me questionar, a refletir sobre determinadas questões. Sempre soube qual era minha cor, a cor dos meus, mas nunca, de fato, me senti naquele grupo, se é que posso dizer assim, nunca me senti identificada, representada, como alguém que soubesse a sua história e fosse adiante com ela/por ela. Com a prática, e as experiências que foram me instigando nas danças da vida, fui conhecendo e desvelando as histórias, buscando as memórias, sobretudo as minhas.

4.2 ENFRENTAMENTOS: MAS TU NEM É NEGRA, ÉS ATÉ CLARINHA!

“Mas tu nem é negra, és até clarinha” foi uma das expressões que desde nova muito me acompanhou. Lembro que quando criança não me incomodavam essas afirmações, e creio que só passaram a incomodar quando me (re) conheci como negra e me aceitei de verdade. Pois, sim! Ser negra é uma questão de aceitação, reconhecimento, é um tornar-se negra que é diário, que faz com que todos os dias você descubra uma nova forma de resistir e ser negra, frente aos fatos e experiências que passamos, dia após dia.

Por ter o tom de pele mais claro, sempre ouvi muitos comentários que não me incomodavam, pois eu não problematizava e, menos ainda, pensava sobre essas questões. Hoje retorno a estas passagens, e percebo o quanto todos nós negros sofremos com esses questionamentos e enfrentamentos, que nós independente do tom de pele passamos. Inúmeras foram às vezes que duvidavam que minha mãe fosse minha mãe, pois, em um primeiro momento, ela poderia ser qualquer outra pessoa, mas dificilmente a relacionavam, à primeira vista, como minha mãe, visto o tom de pele mais escuro. O mesmo acontecia com minha irmã mais velha, que, pelo mesmo motivo, poucos a identificam como minha irmã. Foi só após muitos destes fatos que me dei conta que por sermos de tons de pele diferentes, suscitava o questionamento.

Influenciada pelas tendências, via programas e novelas da década de 90, nos quais era normal ligar a televisão e ver, entre os programas, ou melhor, não ver entre os programas, a presença dos negros. Cadê os negros? Na novela eles não estavam, mas era só trocar de canal e uma série de escravos mostrava uma triste realidade, que nenhuma criança negra gostaria de se reconhecer. E as super top apresentadoras que eu curti na infância, e depois na adolescência? Eliana e os dedinhos, Angélica. E os Programas? Sandy e Júnior, com vários meninos lindos, mas nenhum negro. E a mais importante de todas apresentadoras infantis da época, e com certeza a que todas sonhavam conhecer: Xuxa, com suas belas paquitas loiras de olhos azuis. Nas mídias dos anos 90 e início dos anos 2000 não tinha lugar para preta e preto não. Assim foi um pouco da infância embranquecida que todos nós que nos formamos nos anos 90 passamos.

Hoje falamos muito do exemplo e de representatividade, que nada mais é do que nós, negros, percebermos outras pessoas negras em situação de

representação, ocupando espaços e proporcionando visibilidade. Na atualidade muito lutamos pela representatividade, que é muito importante para formação de nossa personalidade, identidade e autoidentificação, principalmente de crianças negras. Na minha infância eu não me enxergava em ninguém, pois minhas bonecas eram loiras e de olhos azuis e era daquela forma que eu queria ser. E na escola, nosso currículo também não contribuía, pois não tínhamos referências positivas sobre ser negro e quase ou pouco sabíamos sobre os nossos.

Na minha família há uma mistura de cores, como em diversas outras famílias, mas o núcleo central era negro, mãe negra escura, o qual, conforme referido acima, colegas e amigos por vezes não identificavam como minha mãe. Irmãs cada uma num tom de pele, e como nós sempre mexíamos, nós eramos os pretos da família, isso tanto pelo lado materno, como paterno. Meu pai, pardo (como classificavam e ainda classificam) bem claro e com olhos verdes, filho de um branco com uma mulher mulata; meus tios todos misturados, primos brancos. Os negros da família éramos nós. Uma típica família brasileira, com traços de miscigenação característicos de nosso país, marcado por um histórico que fortemente influenciou nesta mistura das raças e em uma falsa democracia racial.

Eu fui criada no contraste, e como já dito, em casa não se falava sobre essas questões. Raça e etnia, eram aspectos que não eram refletidos, ninguém tratava, e nem se discutia sobre. Mas na rua? A rua não perdoava as questões étnico-raciais, quem era negro “ganhava” apelido, era negrão, cabelo de bombril, tinha o nariz grande, “o nariz de batata”, boca, traços diferentes, que com certeza eram lembrados em diferentes ocasiões. Já eu escutava de algumas pessoas que era clarinha, que meu cabelo até era bom, e por aí muitas expressões neste sentido. “Tu te passas por branca”, “tu nem tem cabelo ruim”, “o teu cabelo é até bom”. Meu desentendimento e confusão eram tão grandes que acredito que, por momentos, fiquei feliz em escutar estas falas tão agressoras, mas que para uma criança e adolescente poderia soar como um elogio, visto que ser negro no Brasil não era relacionado com algo bom.

Minha infância foi marcada por muitos amigos negros, pois, onde morava, na periferia, os negros eram a maioria. Estudava em uma escola pública, com poucos colegas negros e, dentre esses, alguns eram os taxados de rebeldes, alguns repetentes, outros taxados de problema e adjetivos que se relacionavam com coisas ruins. Fora os apelidos depreciativos para quem fosse negro, que muito se

relacionavam com sua cor de pele e características físicas, de forma negativa e pejorativa, tudo era tratado como normal e parecia tão naturalizado.

Penso, observando aquela época, e vejo com clareza, que qualquer criança não gostaria de ser negra, ou ao menos não se identificaria como. Ser negro era algo ruim, as mídias nos expunham e nos colocavam de forma negativa, culturalmente se mantinham relações que nos colocavam como inferiores. E eu era uma lacuna, não me recordo de me perceber como negra. Lembro que tinha uma professora que me chamava de “de cor de Jambo”, o que eu não gostava, ficava com vergonha. Na verdade, eu nem sabia o que era Jambo, mas não gostava da exposição em sala e na repercussão que tinha frente nossa turma. Uma vez ela me chamou em sua mesa e falou que tinha uma sobrinha que era mais escura como eu, e também a chamava de cor de jambo. A partir dali meus colegas mexiam comigo e aquilo me incomodava, mas nunca sofri com apelidos, diferente de outros colegas.

No círculo de amigas da adolescência foi onde começou o embate de saber quem eu era; Algumas alisavam o cabelo, independente de ser branca ou negra, e eu não fazia nem chapinha, e por isso algumas delas me questionavam. Os meninos que todas se apaixonavam eram brancos, e geralmente os negros elas achavam feios, e eu, para não ficar de fora, também ia nessa de não me interessar por negros. Mas, aos poucos, percebi que os meninos negros eram sempre os considerados feios, ruins, aqueles que nenhuma mãe queria por perto, mas uns eram meus amigos e, por isso, algumas posturas de minha parte começaram a ser enfrentadas.

Em outro círculo de amizades, eu era uma das negras com o tom de pele mais claro, e com o crespo com o fio diferente. Muito escutei das “gurias” que meu cabelo era bom, e aquilo me incomodava, mas hoje compreendo o quanto asurias, entre outras pessoas (inclusive eu) sofriam/sofreram com as exigências estéticas absurdas desta sociedade racista e preconceituosa, o que também justificava o uso de chapinha por algumas delas. E, no grupo de amigas, onde todas eram brancas, eu também escutava expressões que se assemelhavam, mas que deslocavam para “tu és clarinha, teu cabelo nem é crespo”, porém eu nunca entendia o que elas queriam dizer, talvez nem mesmo elas se dessem por conta da proporção e do efeito daquelas frases.

Em determinada época da adolescência, quando começaram os interesses por grupos de pagode⁹, e aí a descoberta do interesse por meninos negros, assim como eu, percebi também que alguns se interessavam por mim. Também percebi que gostar de pagode parecia ser errado, pois o pagode, assim como o samba e outros ritmos associados à cultura afro-brasileira, ficava à margem da sociedade e sofriam com certos julgamentos e pré-conceitos. Isto era observável entre os lugares/espços que frequentava, escola e entre alguns amigos, onde esta cultura não era não tinha importância e o comum era gostar de outros ritmos, pop, rock. Ao assumir que tinha gosto pelo pagode, samba, muitas identificações ocorreram; parece que foi um reconhecimento de mim mesma e dessa cultura que já estava ali.

Quando falo sobre o interesse de meninos negros por mim é por observar que, na época, a vida afetiva de meninas e mulheres negras não era simples, pois nós nos esbarrávamos na aceitação de ser quem éramos: “mulher bonita é que vai à luta, quem tem opinião própria e não se assusta quando a milésima pessoa aponta para o seu cabelo e ri dizendo que ele está em pé” (DUARTE, 2016). Nós, mulheres negras, sofremos diariamente com as imposições de uma sociedade machista e racista, e eu também sofri e sofro, muitas de nós não éramos valorizadas e nem mesmo escolhidas afetivamente. Penso que muito em razão de nossa estética não ser representada e sermos vistas como o outro, o outro do padrão, como nos fala Djamila Ribeiro (2017) embasada e referenciando outras feministas e mulheres negras, nós éramos vistas como o outro, não éramos o padrão.

O enfrentamento para uma menina, mulher negra era a aceitação. Como nos aceitarmos como éramos, quando alguma crítica viria em relação ao nosso cabelo? Esta aceitação tem inúmeros desencadeadores, começa também pela nossa falta de representação, que reflete em nossa assunção, na sexualização de nossos corpos, que passa a ser julgado como uma mercadoria. A solidão da mulher negra é um fato que recorre de uma série desses aspectos como os tratados anteriormente, e é real. Durante minha adolescência mais de uma vez eu escutei de meninos negros que eles não ficavam com meninas negras, e sempre justificavam de forma absurda. Ainda hoje, adulta, escuto de homens negros que eles não conseguem ficar com mulheres negras. Seria loucura? De novo a questão da aceitação.

⁹ Pagode é um ritmo musical, associado a cultura afro-brasileira.

Na adolescência eu curtia muito ser negra, acredito que foi um processo que foi simultâneo a prática de dança, que foi acontecendo naturalmente este reconhecimento e pertencimento da minha cor, dos meus cabelos e aceitação. Foi como se entendesse quem eu era, ou melhor, eu já entendia, mas nesta fase eu estava valorizando os meus traços e minhas características. Foi a aceitação de mim mesma. Esta autoidentificação com a cultura afro, que veio por meio da dança, impulsionou e me permitiu mergulhar em minha negritude e poder conhecer mais sobre eu mesma. Nestas identidades que estavam se formando e que davam lugar para novas identidades, o que pode ser observado diariamente.

Somos, então, sujeitos de muitas identidades e essas múltiplas identidades sociais podem ser, também, provisoriamente atraentes, parecendo-nos, depois, descartáveis; elas podem ser então rejeitadas e abandonadas. Somos, desse modo, sujeitos de identidades transitórias e contingentes (BRASIL, 2005, p. 43).

Essas identidades se entrecruzavam em mim e nas diferentes Julianas que eu era, que eu tinha sido até ali, que se resignificavam, se reconheciam, se negavam. Tudo foi um processo, um conhecer-se, um processo diário. Nossas identidades vão se (trans) formando, eu sou negra de muitas formas, todas elas diferentes, e que foram se transformando e proporcionando uma identidade fortalecida, afirmada e que me trouxe muitos questionamentos, mas a autoidentificação e o empoderamento.

Não estranho nós negros passarmos por fases de negação, aceitação e questionamentos, haja vista os processos históricos aos quais fomos submetidos no que se trata do assunto de miscigenação e branqueamento. Nós, negros, fomos considerados como seres inferiores, onde nos fragiliza e nos submetem aos mais perversos processos identitários. O negro estaria em uma “raça” inferior, raça partindo de um conceito relacionado ao aspecto biológico, fenótipo, buscando aporte nas características físicas do sujeito. A dita “raça negra”, que traz os traços negros, além de demarcar uma forte relação com os negros que foram escravizados, era demarcada pelas feições físicas fortes, o nariz, a boca, os cabelos, a cor. São traços que caracterizariam a raça e, em consequência, subjulgariam nós os negros por, então, estarmos classificados em uma situação inferior em relação aos brancos.

O termo raça, em poucas palavras, pode ser resumido ao que está atrelado ao aspecto biológico quando relacionamos o sujeito aos traços físicos. É “(...) uma

forma de carisma ou estigma grupal baseada na crença de uma herança genética que define o valor moral, intelectual e psicológico de um indivíduo ou de um grupo” (GUIMARÃES, 1999, apud GADEA, 2013, p. 15). Por outro lado, surgem menções ao termo etnia, no qual sua etimologia situa-se na expressão grega “*ethnós*”, que significa povo, conforme Luvizotto (2009). Etnia engendra os aspectos relacionados às questões culturais de um grupo, que traça suas características, comportamentos, modos de organização e de vida. Os termos raça e etnia, durante o tempo, foram sofrendo transformações e, podemos dizer que ambos sempre estiveram aliados às relações de poder, oras superior e, em outras inferior, modificando estruturas e colocando em pauta alguns saberes em detrimento do outro e, assim, julgando questões, e conseqüentemente produzindo o dito “racismo” e julgamento de valores, as questões culturais de um grupo.

Com o ideal de branquear a população e com objetivos de produzir o apagamento da população negra, que era conseqüentemente marcada e composta por ex-escravos, buscou-se, no Brasil, a construção de uma identidade nacional, arrisco-me a dizer: branca! Identidade em formação que é muito influenciada pelas ideias eugenistas, que é onde se funda o racismo, por acreditarem na superioridade das raças. Assim, uma raça prevaleceria à outra, reforçando a ideia da importância de uma raça superior: branca.

Foi a partir destas motivações, principalmente, do termo raça, que grupos sociais, tais como o movimento negro, foram construindo suas lutas por sociedades mais justas, iguais e inclusivas, nas quais o negro pudesse ter voz, vez e representatividade. A partir disso aparecem os espaços de interação e inserção dos negros nas sociedades, os ditos clubes sociais, entre outros movimentos, pois até então os negros estavam longe de interagirem com a população e sociedades.

Na cidade de Pelotas não aconteceu de forma diferente, os negros estavam longe das áreas sociais, logo, alguns Clubes¹⁰ começaram a se formar e organizar a inserção dos negros na sociedade pelotense, mostrando resistência e representatividade, pois os negros não faziam, ou melhor, não poderiam fazer parte dos Clubes Sociais da época. Entre os Clubes Sociais: Depois da chuva, Chove não

10 Para saber mais sobre os clubes, acessar o texto disponível em: <<http://repositorio.pucrs.br/dspace/handle/10923/3943>>. Dentre os muitos objetivos dos clubes, estavam a inserção dos negros no mercado de trabalho e a cidadania, visando a contribuição no desenvolvimento dos negros na cidade de Pelotas.

molha, Fica Ahí pra ir dizendo, Quem ri de nós tem paixão e Está tudo certo, clubes que marcaram como forma de inclusão dos negros na sociedade e também no mercado de trabalho.

Com isso, a identidade negra Pelotense vai se afirmando, inicialmente junto com as organizações dadas a partir dos Clubes Sociais Pelotenses, que, de alguma forma, ajudam neste desenvolvimento social inclusivo. Logo, alguns destes clubes vão se relacionando com os Blocos Carnavalescos inseridos no Carnaval da cidade, que também vão trazendo uma certa visibilidade negra. Segundo informações de meus familiares, alguns destes clubes e, posteriormente, os blocos, vão dividindo os ditos “Clube dos ricos”, que era relacionado ao Fica Ahí, e o “Clube dos pobres”, que era relacionado ao Depois da Chuva. É interessante perceber estas formas de organização dos negros na cidade, formas que se estendem até hoje, e que posso dizer que as Danças Afro perpassam estas formas de representação e afirmação da identidade negra na cidade.

4.3 O TORNAR-ME NEGRA E AS SUAS INTERSECCIONALIDADES

Ao falar sobre ser negra e “tornar-se” é imprescindível percorrer a minha história, refletindo e problematizando sobre questões que se relacionaram ao enegreSer, neste processo de Ser negra, e tornar-se, reconhecendo e falando deste lugar, pois contrário ao que muitos pensam, ter a cor de pele negra, não te faz negra desde o momento em que nascemos, é um processo de construção, de afirmação. Nesta trajetória é possível refletir sobre identidade, e os caminhos, construções desta que de alguma forma tem seus pontos de interseccionalidade, conceito desenvolvido pela feminista afro-americana Kimberlé Crenshaw (2002). Trago o conceito referente aos aspectos que estão imbricados na existência de ser negra.

A identidade nos “situa” no mundo, em nossa interação com a sociedade, com a cultura, logo, são identidades que são (trans) formadas, frente aos aspectos raciais, de gênero, de classe, entre outros, então, são identidades, no plural. Nesta interação com o outro e vivências diversas, somos múltiplos, muitas identidades que nos identificam classificam-nos e nos situam em grupos, agrupando-nos a partir de características semelhantes, e que também nos distinguem dos demais. Ao pensarmos na identidade étnica-racial concordo com Gomes (2003) quando nos diz que negros e brancos são iguais, somos iguais geneticamente, e foi ao longo da

experiência histórica, social e cultural, que a diferença entre ambos foi construída, pela cultura, como uma forma de classificação do humano, classificação que imbrica, sobretudo, na nossa descategorização como seres pensantes e com alma, já que outrora assim não fomos considerados.

Quando falo em identidade, ressalto que a primeira identidade é individual, a Juliana que se constitui a partir de diferentes espaços, grupos, vivências, mas que substancialmente tem uma primeira identidade, como mulher, traçada no momento em que nasce, a identidade de gênero. A seguir, outras tantas aparecem permeadas a esta primeira: Juliana filha, irmã, neta, sobrinha, logo, me mostram a dimensão da família. Um primeiro grupo, que forma e tem participação na minha personalidade e que influencia a identidade individual, e a identidade social, construída no coletivo.

A identidade racial é estabelecida no momento de (com) partilhamento familiar. É ou deveria ser no seio familiar que se dá as relações no entorno étnico-racial, a partir das características físicas e/ou a partir do que é vivenciado e estabelecido com a família culturalmente, que agrega informações em relação a esta identidade, dada a partir de aspectos físicos, mas que não é dada a garantia de uma assunção desta identidade.

As primeiras referências são influenciadas e vivenciadas em nossa formação familiar, os valores, atitudes e a dita “educação” que vem de casa. Nesta mesma casa muito aprendemos sobre quem somos, de onde viemos, nossas ancestralidades. A partir das memórias, das fotos, dos objetos, da oralidade, aspectos que também formam nossas formas de ser, estar, nossa identidade. Esse é o primeiro grupo de interação, o que Borges (2007) chama de socialização primária.

A socialização primária é aquela iniciada na família na infância, ela só termina quando a criança introduz em sua consciência a separação de papéis e atitudes dos agentes socializadores. Daí a importância dos pais na socialização primária, pois transmitem aos seus filhos não só a compreensão do mundo dos outros, como também a do mundo como uma realidade em que cada indivíduo interfere na construção social do outro (BORGES, 2007, p. 1).

A família é também o nosso primeiro grupo de interação social, e é nesta que nascem as descobertas. Muitas delas falam quem somos, onde vivemos, falam

sobre nossas raízes. Grande parte de nossas influências, advêm daqui, de nossa convivência e formação com os nossos, nossa educação. E também é nesta que, a partir de nossas características físicas e culturais, nos enquadrados em um determinado grupo étnico, aquele que dividimos saberes e que nos identificamos mutuamente.

Ao falar sobre etnia, retorno em minhas memórias e tento buscar nela o momento em que me identifiquei e percebi de fato que era negra. Hoje consigo pensar sob o ponto de vista não somente do tom de pele, e extrapolar essas questões mais identificáveis através do fenótipo e dos traços físicos. Porém, creio que nem sempre foi assim, visto a miscigenação que atravessa os brasileiros e que em minha família é muito identificável. Miscigenação esta que, por um período, “tenta” apagar o negro, suas características, até mesmo a cultura.

Para pensar a identidade negra muitas fichas tiveram que cair, e diariamente continuam caindo. Elas me fazem sair do pensamento comum que todos somos iguais, e me faz pensar que sim, somos humanos e somos iguais na nossa constituição, genes, mas, fisicamente, somos formados e constituídos por características que nos incluem em um determinado grupo, relacionando-os no meu caso, a identidade negra. A pele, os traços físicos, os cabelos, muitas características nos diferem, cada um com suas particularidades.

A existência da identidade negra é o reflexo de um processo inter-racial de pessoas com características raciais opostas, se há pessoas negras, o que é perceptível por suas características, pele e ademais, há pessoas com características que se opõe a estas. Ademais, há um conjunto de aspectos que corroboram na formação dessa identidade, que Gomes refere na citação a seguir:

O que chamamos de identidade negra é o resultado do processo em que o indivíduo se torna negro no dia a dia, pois a sua construção identitária é um desafio diário, acontece conforme seu modo de vida, seus hábitos, seus grupos de pertencimento, sua família e suas escolhas. Também estão na construção do ser negro aspectos como o enfrentamento aos preconceitos e aos dilemas históricos, que somente aquele de pele negra pode sentir na carne (GOMES, 2003, p. 1).

Ao formarmos nossa identidade enfrentamos diariamente fatos que nos mostram como é ser negro, principalmente pelo aspecto da diferença, o que reverbera no preconceito e no racismo que observamos cada vez mais, através das

mídias, jornais. E é na interação com o outro que é perceptível o fato de que vamos formando nossos jeitos de ser. Como afirma Souza *et al.* (2005), a identidade não é construída no isolamento, mas no contato com outras referências que perpassam e afetam o modo de agir e ser no mundo. E conforme, Brasil:

Tanto a identidade pessoal, quanto a identidade socialmente derivada são formadas em diálogo aberto. Estas dependem de maneira vital das relações dialógicas estabelecidas com os outros. Esse é um movimento pelo qual passa todo e qualquer processo identitário (...) (BRASIL, 2005, p. 42).

Muitos espaços podem influenciar nossa (s) identidade (s), com informações e saberes que nem sempre nos são acessíveis, mas que, quando acessados, proporcionam outros olhares e sentidos, nos desacomodando. Quando penso na identidade negra, observo que são identidades que foram banidas, apagadas, esmaecidas, abafadas, sufocadas durante certos períodos históricos e que, hoje, pedem reconhecimento, o direito de existir e serem representadas.

Ao longo de nossas vidas vamos nos constituindo a partir dos mais diversos grupos e espaços vivenciados. São experiências que nos formam, modificam comportamentos, pensamentos, ideias, que nos posicionam no mundo, estes grupos dizem um pouco de nós. A dança enquanto um grupo de vivência que atravessa minhas experiências, me possibilita informações, conhecimentos e um corpo outro, um corpo munido de saberes. É, portanto, esse o espaço responsável pela constituição de minha identidade étnico-racial, e sem estas vivências acredito que o percurso teria sido outro.

Na dança, este corpo pôde ser ressignificado e problematizado, passei a entender outras perspectivas que não as costumeiras e experimentadas a partir da escola, das mídias e a partir do que observava na sociedade. Percebi um corpo potente, rico em histórias, não mais como um corpo que outrora foi “manipulado”, forçado ao trabalho, mas um corpo que trabalha, que tem história, luta, que vive, que representa, que dança. O corpo é o produtor de conhecimento, e é a partir desse que levamos a história dos negros. E foi neste corpo dançante que vi outras formas possíveis de existir, vi a dança como uma forma de encontro entre o corpo negro e a constituição da identidade (SILVEIRA *et al.*, 2011).

Tão importante quanto falar das questões que engendram a problemática racial que foram surtindo curiosidades com a prática de dança é pensar nas intersecções

desta com as questões de gênero, que ficaram necessárias de diálogo. Ao perceber-me negra veio essa potência de percepção de mulher negra, e nada mais urgente do que problematizar e compreender o ser mulher em uma sociedade patriarcal, branca, classista e heterossexual como a nossa. Ser mulher me faz diferente e, logo, estou posicionada em nossa sociedade como um sujeito “inferior”. Esta problemática toma outras proporções quando se adiciona o aspecto racial. Se ao ser mulher já somos enquadradas como “menor”, diminuídas, com pouco valor frente a uma sociedade patriarcal, atravessadas pela questão étnico-racial a luta aumenta.

As questões étnico-raciais, de gênero e outras não menos importantes, mas, que não nos aprofundaremos aqui, nos colocam em outro patamar, como seres inferiores, o negro historicamente foi apontado como inferior, ao adicionarmos a questão gênero, ser mulher, a situação duplica, é um dilema sério, se em um debate sobre o racismo o sujeito é o homem negro, e em gênero a mulher branca, nós mulheres negras, ocupamos qual lugar? Discussão provocada por Grada Kilomba¹¹.

Ao me identificar enquanto mulher e negra, é na prática das Danças Afro que percorro explorando a cultura afro-brasileira, e assim, me suscitam também as questões de gênero atravessando o aspecto étnico-racial. Ser mulher negra é ter, sobretudo, particularidades que ao longo de nossas trajetórias irão ficando evidentes. Particularidades que são baseadas em nossas características físicas e no imaginário social acerca da mulher negra, e é sob esta problemática que vamos, no decorrer de nossas vidas, experimentando a diferença, as dores e os embates frente aos discursos preconceituosos e discriminatórios que coisificam nossos corpos e nos inferiorizam em relação às demais mulheres. Porque ser mulher negra é estar em uma categoria abaixo do que o restante das mulheres. Nós somos o outro, um sub-grupo dentro do grupo.

Ao pensarmos o feminismo e as questões apontadas, percebemos que até mesmo o feminismo esteve, por longo tempo, prisioneiro da visão eurocêntrica e universalizante das mulheres (CARNEIRO, 2003), o que, de fato, não representa e não pensa/pensou a partir de nós, mulheres negras, e nos foi dado um lugar secundário. Para enegrecer este movimento foi necessária uma luta pensando a mulher negra com suas particularidades e angústias diferentes das mulheres que já

¹¹ Grada Kilomba é escritora e professora do Departamento de Estudos de Gênero da Humboldt Universität, em Berlim.

estavam sendo contempladas no movimento feminista. Ser mulher negra é, sobretudo, estar atravessada por aspectos que nos diferem de outras mulheres, que modificam nossas histórias e diminuem e polarizam ainda mais nossas lutas.

Esta luta é uma forma de afirmarmos e visibilizarmos uma perspectiva feminista negra que emerge da condição específica do ser mulher e negra (CARNEIRO, 2003). Ao nos incluirmos e lutarmos não somente como mulheres, mas na premissa de mulheres negras, sob o aspecto racial, estamos adentrando outro campo de luta, que é antirracista, que se faz urgente para pensarmos nossas questões. Ou seja, nossas demandas são diferentes e exigem posicionamentos e posturas para que possamos pensar na perspectiva de uma mulher que não tem as mesmas especificidades e nem as mesmas condições de vida.

Enquanto mulher, muitos fatores entram em pauta, e aumentam as proporções quando somos mulheres e negras. Os aspectos do campo do gênero são primordiais para pensarmos nossas condições e formas de organização, mas o fator étnico-racial prepondera, e é crucial sob todos os aspectos, visto que vivemos em uma sociedade racista. Para além do machismo entram outras questões preocupantes, e que merecem destaque e reflexão sobre as mulheres negras: os estereótipos, os julgamentos, a solidão da mulher negra, a hiperssexualização de nossos corpos, a coisificação destes, a violência obstétrica, o feminicídio, entre outras tantas problemáticas que são maiores os números de incidência entre as mulheres negras.

A situação da mulher negra no Brasil de hoje manifesta um prolongamento da sua realidade vivida no período da escravidão com poucas mudanças, pois ela continua em último lugar na escala social e é aquela que mais carrega as desvantagens do sistema injusto e racista do país. Inúmeras pesquisas realizadas nos últimos anos nos mostram que a mulher negra apresenta menor nível de escolaridade, trabalha mais, porém, com menor rendimento, e as poucas que conseguem romper com as barreiras do preconceito e da discriminação racial e ascender socialmente têm menos possibilidade de encontrar companheiros [...] (SILVA, 2003, p. 1).

A citação anterior reforça algumas das barreiras que são identificadas na trajetória de mulheres negras, além de mostrar que estas também passam por invisibilidades quando a questão é afetiva/emocional, como já tratado em outros momentos do texto. A mulher negra quanto ascende, e se enquadra em classes sociais média/alta, e até mesmo quando atingem níveis de ensino mais altos, são julgadas como “metidas”, entre adjetivos neste sentido. Como se estas mulheres não

pudessem fazer parte de outro grupo diferente daquele que lhes é esperado historicamente, de subalternidade. Sobre este fator de julgamento da mulher negra muito já ouvi e vivenciei. Logo, a mulher negra desacomoda, quando se movimenta, e toda a estrutura da sociedade se move com ela (DAVIS, 2018).

Pensar sobre ser mulher negra me remete às mulheres que são exemplo de luta e resistência para mim, entre estas minha avó (já falecida) e minha mãe. Mulheres fortes que não puderam estudar, ir atrás dos seus objetivos pelo estudo, mas foram dedicadas e trabalharam uma vida inteira para poder proporcionar o melhor para suas famílias. Minha avó trabalhou desde cedo, casou e dividiu-se entre o trabalho e as lidas do lar, sempre “lutando” contra o sistema e o machismo que se estabelecia na própria casa. Minha mãe, ainda jovem, desistiu de estudar e resolveu dedicar-se a família que constituiu, trabalhou a vida inteira em casa, cuidando das filhas, posso dizer, do marido (meu pai). Paralelamente, era costureira, artesã, tinha muitas habilidades manuais e era, também, nossa professora, pois ajudava nas atividades escolares que eu não conseguia realizar. Ela é meu exemplo de mulher.

Para além das mulheres da família, outras tantas eu conheci com as práticas de dança, sobretudo Danças Afro, pois foi através destas práticas que tornei-me negra e empoderada, e quando digo empoderada é no sentido de dar poder a algo ou alguém e, sendo assim, senti que poderia ser mais do que a sociedade impunha para a mulher negra, historicamente falando. Nas Danças Afro me percebi como mulher negra, percebi a potência das mulheres negras, e fui em busca de fontes de informação e de muitas outras mulheres que atravessam as minhas práticas e crenças e me fortalecem enquanto mulheres negras, que também são.

Essas mulheres me possibilitam uma espécie de espelho, onde quero me espelhar no que há em cada uma delas para, desta forma, estimular o meu próprio crescimento. Falo das mulheres e de suas resistências, das nossas lutas frente a esta sociedade que nos oprime diariamente. Uma sobe e estende a mão para as demais, entre eu e minhas amigas estamos buscando uma ideologia que sirva para nos espelharmos e ajudarmos umas as outras, uma crescendo as outras também crescem e, dessa forma, servem, também, de exemplo e estímulo para as meninas das novas gerações.

Finalizo o capítulo com o desejo de pesquisar, fortalecer, dançar e viver mais as mulheres negras, pois elas têm muito a nos contar. Se outrora as mulheres

negras eram objetos de pesquisa, hoje são contadoras das suas próprias histórias. Abaixo a mulher da minha vida: minha mãe! Mulher que me inspira a seguir adiante e tentar ser melhor todos os dias.



Figura 5 – Eu e minha mãe em um passeio de verão em uma das praias em São Lourenço do Sul, 2018. Fotografia: Marco Antonio Coi

Finalizo trazendo esta foto com a minha mãe, e muitas coisas me “passam” na cabeça. A força que observei uma vida inteira e, ao mesmo tempo, a fragilidade, no avançar da sua idade, hoje com seus 74 anos. Ela “segurou as pontas da casa” muitas vezes. Foi mãe e pai, na ausência do meu pai que estava trabalhando e tinha que viajar. Era ela que nos cobrava muito, que dizia vários não e que era firme quando dizia: vai estudar! Hoje eu entendo. Quando eu nasci, ela tinha 42 anos, e minhas duas irmãs, 13 e 14, respectivamente. Quando tinha 9 anos minhas irmãs casaram e eu virei a filha única da casa, muito embora logo foram chegando os sobrinhos.

Muitos foram os momentos vivenciados em parceria com a minha mãe, e ela tem grande parcela nas minhas escolhas e influências culturais, sociais, profissionais. Lembro da infância compartilhando o “*Sete ao entardecer*”, Projeto cultural que proporcionava atrações das mais variadas, nas segundas-feiras, no

Teatro Sete de Abril¹². Minha mãe ia a todas as apresentações e me levava junto. Eram atividades musicais, dançantes, cênicas. Muita saudade desta época e das filas que acabávamos enfrentando, pois desta interação surgiram amizades e muitas conversas enriquecedoras sobre a cultura de uma forma geral.

Aos 7 anos ingressei na Ginástica Rítmica, realizando aulas na Academia Estímulo, que hoje não existe mais, e alguns dias, também, na Escola Superior de Educação Física – UFPel, atividade que minha mãe escolheu para mim, acreditando que me faria desenvolver habilidades e meu lado social. Hoje agradeço profundamente, pois foi onde iniciaram minhas atividades corporais, o que influenciou as minhas escolhas. Foram muitas viagens, apresentações, *collants*, sapatilhas, maquiagens e momentos artísticos ao lado da minha mãe, momentos que me deixam muito feliz. Também foi nessa época que conheci professoras, artistas e importantes bailarinas que circulavam nas imediações da Academia Estímulo, entre elas a minha professora Vânia Vianna e a Berê Fuhro Souto (em memória) que era proprietária da academia, onde mais tarde, depois formada, trabalhei por 5 anos. Estas mulheres também tiveram grande contribuição na minha vida artística e profissional.

Minha mãe trouxe uma contribuição musical e artística que ela nem imagina. Foram muitas tardes e noites sentadas na sala, mexendo e escolhendo os discos de vinil para escutar no antigo rádio. O repertório vasto da minha mãe foi passado para mim, Dalva de Oliveira, Clara Nunes, Martinho da Vila, Emilio Santiago, Carlos Santana, Freddie Mercury, tangos com Astor Piazzolla, boleros, músicas clássicas, muitos artistas e uma variada seleção musical. São memórias de uma infância compartilhadas por uma mãe/mulher sempre presente, influenciando, acompanhando, incentivando.

Poderia passar elencando inúmeras situações que ela me proporcionou, as fantasias que ela mesma confeccionava para eu ir aos bailes de carnaval, seus artesanatos tão bem feitos e elogiados por amigos, os trabalhos de Artes que ela ajudava a realizar, os estudos compartilhados, a divisão das suas sabedorias. Hoje, com 74 anos e mais caseira, ela é quieta e cautelosa consigo, após duas paradas cardíacas que nos colocaram muito medo e a incerteza de sua presença nas nossas

¹² Teatro Sete de Abril, importante Teatro da cidade de Pelotas e do Brasil, erguido em 1834 no auge do ciclo econômico da cidade, proveniente das Charqueadas. Teatro que está fechado desde março de 2010.

vidas. E, também, a colocação de um marcapasso, que após o mês de Julho de 2018, colocou as filhas, netos e irmã mais atentos e em alerta para a idade que avança e que traz consigo outras particularidades e preocupações.

As Danças Afro, sem dúvidas trouxeram a contribuição e o reconhecimento de ser mulher negra e perceber outras tantas mulheres e negras em suas potências. Mulheres que passaram por situações de discriminação, apagamento de identidade, o simples fato da cor de pele, tornou a vida destas, marcadamente diferente, onde por muito foram julgadas e diminuídas nas suas sabedorias e invisilizadas nos espaços. Minha mãe, sem sombra de dúvidas, é o meu maior exemplo de mulher negra. Dona Rose é minha/nossa fortaleza, a incentivadora de todos nós. O meu exemplo de mulher negra “que levanta, sacode a poeira e dá a volta por cima”¹³.

¹³ Trecho da música de 1962 do músico Noite Ilustrada, que muitas vezes escutei com a minha mãe.

5. DANÇO, LOGO EXISTO: minha trajetória afro-dançante

Falar de dança é falar de boa parte da minha vida. Como já relatado durante este texto, é na dança que me possibilito enxergar quem sou, de onde venho, minhas origens, história e ancestralidade, espaço que proporciona minha auto-identificação e reconhecimento. Foi a partir, particularmente, das Danças Afro que pude ter contato com diversos saberes que fizeram possíveis a representação, a aceitação, o entendimento e a identificação com a identidade étnico-racial.

Ao iniciar este capítulo começo me posicionando e discutindo a escolha pelo termo *Danças Afro* como a nomenclatura utilizada aqui, fazendo referência para tais danças que têm origem em África, mas que se dão no território brasileiro, sendo aqui reelaboradas e organizadas a partir de releituras e vivências em torno da cultura local. De acordo com a literatura, percebo que a definição vai modificando conforme alguns aspectos, desde as localizações geográficas que disseminam tais danças no Brasil, até formações artísticas específicas que os professores e coreógrafos que a difundem passam a seguir e desenvolver e, desta forma, as danças vão ganhando outras “definições”.

Em minha formação tive experiências e relação com o termo Danças Afro, e é esta a definição que adotarei em grande parte do texto, bem como, também, é esta a nomenclatura que utilizo para designar a dança que desenvolvo, pois tem relação com as minhas vivências e está no meu fazer formativo, pedagógico e artístico. Tenho consciência que esta é uma dança que tem referência das matrizes africanas, tal como movimentações gestuais e toda uma poética que aos vislumbramos sua execução identificamos de imediato. Creio, também, que a forma como intitulamos aquilo que abordamos não deve e não pode ser um limitador para o trabalho que desenvolvemos. Assim, assumo esta nomenclatura e a trago para o meu cotidiano por entender que tive aproximações com este termo, embora possa assumir que sou “atravessada” por outras experiências, e que estas respingam nos meus trabalhos e ideologias, sendo influenciada, também, por outras poéticas de dança. Logo, a improvisação, os traços de dança contemporânea, as danças populares brasileiras e a ginástica rítmica vão se presentificando no meu corpo, e em minha abordagem, pois não há como dissociar a Juliana destas experiências que tive contato e vivenciei.

É importante destacar que tenho visto, tanto na literatura como em formações, em oficinas e *workshops*, diferentes formas de nomear as Danças Afro, mas percebemos, no fazer, que estamos tratando da mesma poética de origem, diríamos assim. Vários são os termos abordados que se encontram disponíveis por aí: Danças de Matriz Africana (SABINO & LODY, 2011)¹⁴, Dança dos Orixás, Danças Afro-Contemporâneas, Técnica Silvestre (técnica da Professora e bailarina Vera Passos), Método Grio-Lab (Paco Gomes), Dança de Benin, Dança de Senegal, Danças Negras, muito bem colocado na pesquisa realizada no Documentário “Um Filme de Dança” (2013), pela coreógrafa e cineasta Carmem Luz, como também pode ser observado em, “O Negro na Dança- diálogos ausentes”¹⁵ de Carmem Luz e Renata Lima (2017), Danças da Diáspora Africana, Danças Afro Tribais, Danças Populares Brasileiras, nesta última é possível observar influências destas danças. Além dessas, muitas outras denominações circulam por aí.

Ao falar Danças Afro, imagino que todas estas que citei no parágrafo anterior estão também implicadas no fazer desta dança. Nesse sentido, ao debater o tema, trago para minhas reflexões também algumas leituras que tenho feito nos últimos tempos, autores potentes que dialogam e representam na cena da dança e reflexão da cultura afro-brasileira, como Paulo Melgaço Silva (2007), Mariana Monteiro (2011), Ferraz (2012), Marilza Oliveira (2016), Sabino & Lody (2011), lembrando que há muitos outros. São textos e teóricos que me fazem refletir sobre esta dança, mas cabe retornar a falar que cada qual vai trazer a sua menção no entorno desta dança sob o aspecto da sua formação e experiência. Muito carregadas de outras pessoas, professores/mestres, que dizem muito de onde vieram e sua formação.

As poéticas as quais me refiro aqui, são, principalmente, o envolvimento com história e cultura afro, no sentido de falar, tratar e representar o negro, a memória, a história, a resistência. Também me refiro às características corporais, o contato dos pés com o chão, a natureza, a terra, a flexão de joelhos, a utilização dos membros simultaneamente, o tronco com ondulação, os movimentos marcados, enfim, são movimentações que dispõe de um corpo com energia e movimentos vibrantes.

¹⁴ Sabino & Lody são autores um da área da Educação Física e do outro da antropologia que desenvolvem o conceito Danças de Matriz Africana em seu livro Danças de Matriz Africana antropologia do movimento, 2011.

¹⁵ Estes documentários que tem ambos a Direção de Carmem Luz, abordam as danças que são difundidas e experimentadas por pessoas negras e que, sim, são Danças Negras.

Em minha prática artística não tenho como separar meus meios de atuação que me fazem, conjuntamente, refletir e pensar minha forma de atuação e ser no mundo. Eu, Juliana, negra, professora de dança e educação física, uma militante da causa étnico-racial, embora não faça parte oficialmente de nenhum grupo e/ou atividade do Movimento Negro Pelotense, tenho a dança como parte desta mediação e atuação pelos aspectos étnico-raciais.

Eu sou uma militante da educação na escola, na prática enquanto bailarina, em minhas práticas diárias e também como pesquisadora e mulher negra; entre os meus fazeres eu resisto e existo nestes espaços que pertencem. Minha forma de atuar no mundo reverbera frente a todos os espaços nos quais interajo cotidianamente, e é desta forma, também, que me posiciono, e na dança e na vida me faço representar. Dança esta que me provoca para estudar, conhecer e identificar as histórias que existem em mim, a história que existe por aqui, por ali e por lá, e que não é valorizada. As danças me possibilitam transitar e questionar

Estas danças são referências para a cultura afro-brasileira, pontos de comunicação, preservação e valorização. São um meio de visibilizar e tocar os sujeitos de forma sensível, artisticamente a partir do movimento e do gesto, levar saberes, sabores, cores, texturas, memórias, movimentos. Uma dança que é caracterizada pelos pés no chão, o contato com a terra, a flexão dos joelhos, o movimento dos quadris, os movimentos simultâneos de muitas partes do corpo, a sinuosidade do tronco, os movimentos de ondulação.

A dança é uma forma de contar história, é neste contar, que os saberes se disseminam, que empoderam corpos e trazem a nossa ancestralidade. Como aponta Ferraz (2012), a prática das Danças Afro mostra-se como um fazer político, norteado por uma etnia que traz, no seu cerne, a afirmação e a identidade da cultura negra. Na prática da dança ficou claro os saberes que estavam sendo proporcionados ao meu corpo, justamente por serem as Danças Afro, uma dança étnica pautada pelos saberes da etnia negra, o que me trouxe conhecimentos, reflexões e que empoderou a negra que habitava em mim, potencializando a minha identidade étnico-racial.

Eis minha experiência como ponto de partida para um entendimento da dança como um potente fator que potencializou minha identidade, esta que é algo em constante transformação. As experiências cotidianas dizem respeito ao processo de construção e desconstrução da identidade (SOUZA et al., 2005). Logo, essas identidades estão diariamente formando e transformando-se, assim como a

identidade étnico-racial, que é uma forma de entender-me como negra neste mundo. O que se deu, no meu caso, pela percepção da dança como meio de conhecimento de uma cultura, pouco vista na escola e em outros espaços.

A identidade étnico-racial, em um primeiro momento, parece estar vinculada ao sujeito negro, assim como outras tantas, mas nem sempre foi assim no meu caso. Eu nasci negra, mas foi a partir das interações e articulações com a sociedade que a identidade foi sendo potencializada. O sujeito nasce negro, o que é visível por nossa pele, os traços, perceptível pelo fenótipo do indivíduo, mas tornar-se negro, como eu digo, é algo que passa por nossa formação, tanto familiar, como frente aos grupos e espaços com os quais convivemos.

Minha forma de conhecimento e empoderamento foi a dança, minha autoidentificação como negra também se deu pela prática dessa linguagem artística que me abriu os olhos sobre o que era ser negra, que estava para além da minha cor e dos meus traços físicos. O acesso e conhecimento sobre a cultura negra e, logo, o empoderamento negro e o autoconhecimento, se deram através da dança. Este fazer dança me possibilitou um tornar-se negra, me encontrar, representar, e foi através da dança que hoje enxergo a possibilidade dela como um ponto de conhecimento para muitos alunos negros (as), assim como eu. A dança foi meu grupo de pertencimento (GADEA, 2013) e a partir dela sei de onde vim, sei o que quero e percebo a potência que ela tem.

Foi neste espaço e com a minha prática em um grupo de dança, que pude vivenciar minha negritude e descobrir as minhas origens, perceber as raízes do povo negro, valorizar a minha cor, os meus traços físicos. No processo de formação identitária o reconhecimento da corporeidade negra e sua valorização significam fator de consolidação de uma identidade negra (GOMES, 2009) e é na prática destas danças que a corporeidade vem à tona e é (re) conhecida, o que pude constatar com as minhas experiências ao longo destes anos.

Com base nisso, entendo as Danças Afro como um espaço que não necessariamente é físico, mas formado por um grupo de pessoas com o mesmo propósito, que tem um mesmo objetivo. No caso da dança, pode ser o movimento pelo movimento, o aprender o movimento, reproduzi-lo, buscar uma melhor *performance*, movimentar o corpo, melhorar o condicionamento, a sociabilidade, enfim, uma série de objetivos podem estar relacionados as práticas. Entendo que é de fundamental importância que seja destacado que no seu experienciar, que o

indivíduo se percebe com outros conhecimentos potencializados em Danças Afro, o que se dá a partir das poéticas por ela desenvolvidas.

Este espaço de dançar é um grupo, uma forma de manifestar algo em comum, algo que está, neste caso, latente nos corpos, por vezes nos ideais, o que foi se tornando o meu caso. A dança, para mim, inicialmente era algo despretenso, mas ao passar dos anos foi potencializando minha identidade e a busca pelos conhecimentos da cultura afro-brasileira. Por isso digo que as Danças Afro é um grupo de pertencimento, pois fica atrelado à busca pela valorização e disseminação deste saber que é a dança, e também a cultura dos afro-brasileiros.

5.1 Danças Afro e as referências que (me) movem

Ao tratar sobre as Danças Afro é de extrema importância a memória, a história e a ancestralidade, bem como traçar uma linha na qual os precursores sejam lembrados e reverenciados. Além de trazer para a discussão uma dança pouco valorizada e que está, se é que posso dizer, à margem das outras danças que sempre ganharam os grandes palcos Brasil a fora, além de visibilidade nas mídias. As Danças Afro, além de um fazer artístico, trazem, na sua prática, a intenção de comunicar, alinhar a resistência, a cultura e a história de um povo, se constituindo como uma existência política, pois se trata de valorizar uma dança que representa uma matriz étnica, resgatando e a valorizando a cultura negra.

Quando falo em Danças Afro começo por Mercedes Baptista¹⁶, reconhecendo que algumas pessoas vieram antes, mas Mercedes, para mim, é o que traça as Danças Afro-brasileiras e, como dizem, as Danças Afro de Mercedes, mulher de história forte e resistente. Nascida em 1921, em Campos de Goytacazes, no Rio de Janeiro, foi com sua mãe para a capital Rio de Janeiro onde haviam mais

¹⁶ Mercedes Ignácia da Silva Krieger, bailarina e coreógrafa, nascida em Campos de Goytacazes em 1921. Nome potente no universo das danças afro-brasileiras, Paulo Silva Melgaço Júnior, em seu livro, faz uma narrativa sobre a construção da identidade negra na dança brasileira a partir da vida e obra de Mercedes, filha de João Baptista Ribeiro e Maria Ignácia da Silva, criada somente pela mãe, que desenvolvia sua vida humildemente como costureira. Para ver mais: SILVA JÚNIOR, Paulo Melgaço. Mercedes Baptista: a criação da identidade negra na dança. Brasília, DF: Fundação Cultural Palmares, 2007. Este material pode ser acessado através do link: <www.museuafrobrasil.org>

possibilidades para seu crescimento. E é na capital que ela tem experiências com Eros Volúcia¹⁷, de onde surgem suas primeiras experiências em dança.

Começou a fazer aulas de dança, inscrevendo-se na Escola da prestigiada bailarina Eros Volúcia, sendo essa sua primeira professora, sendo essa sua primeira professora no universo da dança. Volúcia era um nome de reconhecimento por abordar as danças populares como uma linha de experimentação que se distinguia da predominância do balé clássico (MIRANDA e GIORDANO, 2016, p. 33).

Mais tarde Mercedes ingressa na Escola de Balé do Teatro Municipal do Rio de Janeiro. Mercedes, de fato, é a primeira negra a incluir o corpo de baile do Teatro Municipal, mas na realidade, e esse fato é confirmado a partir da leitura de pesquisas sobre a sua figura e a partir de relatos no Documentário “Balé de Pé no chão”¹⁸ de Lilian Santiago e Marianna Monteiro (2005). É possível confirmar que a bailarina não é incluída verdadeiramente nos grandes trabalhos, ficando sempre em um plano secundário, nunca sendo escalada para realizar papéis importantes, ficando visível a invisibilidade da bailarina no corpo de baile do Teatro Municipal.

Mercedes tem uma trajetória de resistência e potência e, simultaneamente a estas andanças da dança no Teatro Municipal, tem contato com o Teatro Experimental Negro através de Abdias do Nascimento, nome de luta e resistência, importante referência para a cultura e militância negra no Brasil. Assim, Mercedes amplia seus horizontes e sua arte e, a partir de um contato com a bailarina Katherine Dunham¹⁹, que vem ao Brasil ministrar uma oficina para o Teatro Experimental do Negro, Mercedes é contemplada com uma bolsa de estudos e, desta forma, se afasta do Teatro Municipal e segue em direção aos Estados Unidos para estudar e trabalhar.

¹⁷ Eros Volúcia – Bailarina que fica conhecida no Brasil e internacionalmente por suas coreografias inspiradas na Cultura brasileira, imprimiu na dança de forma pioneira traços das raízes nacionais. Para saber mais: PEREIRA, Roberto. Eros Volúcia – A criadora do Bailado Nacional. Coleção Perfis do Rio. Rio de Janeiro: Editora Relume Dumará, 2004.

¹⁸ O documentário “Balé de pé no chão – a Dança afro de Mercedes Baptista” pode ser acessado e visto gratuitamente, através do link: <https://www.youtube.com/watch?v=x9CMU4aayjU>.

¹⁹ Katherine Dunham - Precursora do movimento antropológico na dança. Bailarina, professora, coreógrafa e Antropóloga. Doutora em Antropologia pela Universidade de Chicago. É considerada uma das grandes autoridades das danças afro-americanas. Impulsionou a consciência das culturas da diáspora africana através de suas coreografias. Para saber mais, acessar: <https://www.britannica.com/biography/Katherine-Dunham>.

Com estas novas experiências Mercedes vai transformando sua forma de entender e possibilitar a dança, e percebe a potência desta. Logo vislumbra a possibilidade de inserção dos negros na cena. Quando retorna ao Brasil, são múltiplas as suas vivências e ela já não está mais tão relacionada somente ao Balé Clássico.

Mercedes Baptista propôs uma leitura peculiar da cultura afro-brasileira e situou a dança afro em novas bases. Mais uma vez o termo se redefiniu. A dança afro de Mercedes Baptista configurou-se como uma prática, um estilo, um repertório de passos e danças em ruptura com o balé clássico e completamente identificado com os novos parâmetros da dança moderna, mas tendo como referência a tradição africana tal qual se configurava no Brasil. O material trabalhado por Mercedes Baptista diferia daquele trabalhado por Dunham, já que as danças praticadas no Brasil não condiziam exatamente com a tradição afro-caribenha (MONTEIRO, 2011, p. 10).

Suas experiências lhe fizeram alçar novos voos, e é a partir de sua dança que forma seu grupo. A partir destas experiências, a bailarina e coreógrafa mistura suas vivências e propõe uma nova forma de fazer dança. Sua importância é extrema, colocando não somente o negro na cena nacional e internacional, mas a forma de propôr sua dança, que é esta mistura de experiências e, que, na verdade, é a Dança Afro de Mercedes Baptista.



Figura 6 - Mercedes Baptista, grande nome da Dança Afro-brasileira, imagem que compõe a cena do documentário “Balé de pé no chão”, 2005. Foto: Documentário “Balé de pé no chão”, dirigido por Lilian Solé e Marianna Monteiro

Mercedes Baptista, como podemos observar na foto acima, era muito bonita, uma mulher que se destacava na cena. Nesta foto ela está realizando um movimento, e esta imagem é utilizada no documentário dirigido por Lilian Solé e Marianna Monteiro, em sua homenagem. Em, “1953 nasce o Balé Folclórico Mercedes Baptista, uma companhia formada exclusivamente por artistas negros e mestiços, com o claro objetivo de criar novos rumos para a dança no Brasil” (MELGAÇO, 2007, p. 42).

Enquanto propositora da dança afro-brasileira Mercedes Baptista nos deixou como herança os códigos elaborados a partir da sua pesquisa voltada para a dança dos orixás, articulada com os conhecimentos previamente adquiridos de outras técnicas de dança, como o balé clássico e a dança moderna, organizando um modo de ensino comprometido com a afirmação política de uma dança negra, conferindo uma identidade singular a essa arte (OLIVEIRA, 2016, p. 48).

De outro lado do nosso Brasil, a UFBA – Universidade Federal da Bahia –, conquista um espaço de representação com a Escola de Dança na década de 50, através do curso de dança que é precursor no Brasil. Logo, nomes importantes começam a movimentar a cena dançante pelos lados de Salvador, como Lia Robatto e sua mestra Yanka Rudzka, que captam os movimentos e valores da cultura afro e traduzem em coreografias inspiradas no Candomblé. Mas é outro nome que vai despontando a partir da cena das Danças Afro, o Mestre King, que, a partir da década de 70 vai fazendo seu nome ecoar na cidade de Salvador.

Raimundo Bispo dos Santos nasceu em 1943, em Santa Inês, uma pequena cidade perto da capital, onde morava com seus 5 irmãos. Se mostra importante ressaltar que a Bahia é um celeiro das manifestações afro, e que Mestre King é uma referência quando fala-se em Danças Afro, mas ele, com certeza, é influenciado por um repertório de diversidades negras próprias daquele local, como a religiosidade, a música, a dança, a capoeira, e por diferentes blocos afros e diversos grupos que influenciam as diferentes manifestações que estão por toda parte.



Figura 7 - Mestre King, em aula aberta na Cidade de Salvador. Aula que era realizada por ele sempre ao final do ano em Salvador. Hoje, mesmo após sua morte, alguns nomes realizam esta atividade. 2017. Foto: <http://portalsoteropreta.com.br/mestre-king-aulao-reconhecimento>

Acima uma imagem de Mestre King, grande mestre das Danças Afro. A imagem refere-se a uma aula aberta em Salvador, aula que acontece há quase 30 anos no mês de dezembro, e que continua ocorrendo mesmo após sua morte. A história de Raimundo “Mestre King” com Salvador inicia aos seus 7 anos, quando é adotado por uma família com um melhor poder financeiro que sua família biológica. Em Salvador mora no Pelourinho, mas sua família é bastante cuidadosa e não o deixava ficar na rua com os garotos. Raimundo recebe o apelido de King, ao praticar capoeira, que ele se aventura também nesta época, e é desta forma que se iniciam as suas atividades artísticas.

Através de seus dotes na capoeira, Raimundo conheceu a professora Emília Biancardi, folclorista e musicóloga, que lhe ensinou a cantar maculelê e lhe apresentou conteúdos folclóricos como o samba de roda e a puxada de rede, e o candomblé. Ele conta que ela viajava para fazer pesquisas na área de dança e que ele sempre a acompanhava nas suas empreitadas. Assim, além de jogar capoeira e cantar no coral, King também cantava em companhias de dança e música (FERRAZ, 2008, p. 6)

Nos entremeios artísticos, também frequentava o coral e a dança também já era uma influência em sua vida, a partir de sua vivência no Grupo Folclórico Viva Bahia. A partir disso, Mestre King decide prestar vestibular para o Curso de Dança, na Universidade Federal da Bahia. King passa no vestibular, é através do curso que novas possibilidades de dança surgem e aprimoram seus conhecimentos, possibilitando a ele o acesso à novas técnicas. Curioso pelas práticas das Danças Afro e por sua origem, Mestre King mostra-se um excelente pesquisador. Para aprofundar seus conhecimentos sobre a cultura afro-brasileira e o candomblé começa a frequentar terreiros, aumentando seus saberes sobre a dança dos orixás, onde conhece rituais e aprende a tocar instrumentos (FERRAZ, 2008). Forma um grupo em 1977, e a partir disso muitos outros artistas bebem de sua fonte e continuam seu trabalho a partir de suas leituras de Danças Afro, valorizando e preservando a cultura afro, algo que fica muito claro nas entrelinhas do trabalho e aprofundamento de suas pesquisas para criações artísticas.

Diferente da história de Mercedes Baptista, Mestre King difundiu sua história como professor também em escolas públicas, e na periferia de Salvador possibilita essa referência de dança para outros tipos de público. Ministrou, também, aulas no SESC, onde outros artistas hoje renomados iniciaram a sua trajetória, sendo responsável pela formação e influência direta na disseminação do ensino das Danças Afro, entre os quais muitos nomes foram influenciados:

Zebrinha, Armando Pekeno, Tânia Bispo, Raimunda Sena, Rosângela Silvestre, Elísio Pita, Augusto Omolu (in memoriam), Rita Rodrigues, Leda Ornelas, José Ricardo, Nildinha Fonseca, Julieta Rodrigues, Carlos Neguinho, Amélia Conrado, Ricardo Biriba. E outros, como a pesquisadora Inacyra Falcão e Suzana Martins, que com ele tiveram a oportunidade de dividir o palco e são referência nas suas respectivas pesquisas com temática negra (SILVA, 2016, p. 58).

Quando escrevo esse texto e leio estas histórias que circundam as Danças Afro e, principalmente, seus precursores, sinto o quanto de luta e resistência está imbricado no seu fazer, é a afirmação de uma cultura tão rica e vasta como a cultura negra. Quando vejo estas referências em dança me sinto contemplada em poder dizer que pude compartilhar dos saberes de alguns destes nomes. As Danças Afro merecem destaque para que possamos refletir, difundir e levar suas poéticas onde houver a formação humana, para que possamos sempre reconhecer não somente a difusão dos saberes destes nomes que são referências para nós, artistas que

trabalhamos com o afro, sobretudo, negros. E, ainda, para que a dança, bem como a cultura afro, seja sempre valorizada e preservada como um saber que deve ser partilhado para todos.

Quando iniciei as minhas práticas em Danças Afro, pratiquei durante um período com o mesmo professor. Logo, bebi desta fonte de conhecimento e informações, e influência de nomes exponenciais que meu professor também considerava importante para as práticas e condução de seus trabalhos. Por outro lado, a cidade de Pelotas tinha poucos locais difundindo a poética, especificamente, ou seja, não existiam outras Companhias e Grupos que desenvolvessem o gênero Afro, assim como existiam em relação aos outros gêneros de dança, logo, éramos nós por nós. Buscando referenciais, leituras, cursos, informações.

No âmbito de nossa cidade, por muito tempo, Daniel Amaro (onde iniciei minhas práticas) e sua Companhia de Dança Afro Daniel Amaro e o Grupo Odara²⁰, hoje ONG Odara, eram os poucos que trabalhavam e desenvolviam o Afro na cidade. Poucos ou talvez os únicos que se intitulavam Afro em Pelotas, embora existissem locais que entre suas práticas realizassem coreografias isoladas de Danças Afro, como o próprio Clube Cultural Fica Ahí, local onde iniciei minhas práticas com o Daniel Amaro, grupo de dança, que fechou alguns anos após a sua abertura. Atualmente, no ano de 2019, o grupo retorna lentamente.

Logo, os trabalhos desenvolvidos por aqui em Danças Afro eram de conhecimento de todos, e geralmente estavam relacionados aos grupos que comentei anteriormente. Lembro que em meados dos anos 2000 houve o Movimento Cabobu²¹, que deu um forte impulso para o movimento e cenário afro na cidade, o que também teve relação e contribuição na criação de ambos os grupos, tanto Daniel como o Odara, o que é comprovado em conversas tanto com o próprio Daniel Amaro, como com Maritza Freitas, diretora artística do Odara e uma das

²⁰ Grupo Odara – Grupo de Dança Odara, hoje Odara - Centro de Ação Social, Cultural e Educacional, trabalha com a dança em prol da cultura negra. O grupo esteve parado e se reorganizando, hoje ele funciona aos sábados com ensaios no Colégio Municipal Pelotense.

²¹ O Projeto Cabobu, idealizado pelo músico pelotense Giba-Giba, e realizado em Pelotas em meados dos anos 2000 e 2001, serviu como agente do ressurgimento do Sopapo (grande tambor), bem como da migração de contexto – carnaval para a música popular e dança afro –. Trecho retirado da Tese de Mário de Souza Maia, “O sopapo e o Cabobu: etnografia de uma tradição percussiva no extremo sul do Brasil”, ano de 2008. Lembro de ouvir, em casa, sobre o Cabobu, pois ele teve grande influência nas Escolas de Samba da cidade, sobretudo, na cultura popular.

idealizadoras. O projeto Cabobu teve grande repercussão na música e na arte negra em geral na cidade.

Ao falar sobre o Odara é preciso reconhecer que, embora dançasse com o Daniel Amaro, sempre tive, no meu íntimo, também, vontade de fazer parte do Grupo Odara, mas, que, enfim, não era possível para aquele momento. Muitas de minhas amigas e duas primas eram do Odara, então ficávamos trocando informações e conversas sobre ambos os grupos. Hoje, após um tempo de reorganização do Odara, o mesmo retorna para o Colégio Municipal Pelotense, onde tudo iniciou. Lá se concentram os ensaios, ensaios que tenho tido a feliz oportunidade de participar, como registrado na fotografia abaixo.



Figura 8 – Ensaio Grupo Odara, em uma aula aberta em comemoração ao Dia da Mulher Negra Latino-américa e Caribenha, em julho de 2019. Fotografia: Maritza Freitas

Fotografia de um dos ensaios realizados no mês de julho, em comemoração ao Dia Internacional da Mulher Negra Latino-Americana e Caribenha. Aula especial e tão bem elaborada por Maritza Freitas, no qual dançamos, improvisamos, refletimos e recitamos poemas de mulheres negras fortes e inspirações para todas nós, como Conceição Evaristo. Porém, com as correrias diárias é impossível conseguir estar presente em todos os ensaios. Logo que o grupo retornou, em setembro de 2018, coloquei minha situação para com o grupo, de uma participação

talvez nem tão presente, mas não com menos interesse e entrega. E foi lá que, no primeiro encontro que realizamos, ao final do ensaio uma roda de conversa, pude compartilhar um pouco do meu estudo, onde conversamos, nos emocionamos e nos sentimos potentes, juntas (os). Abaixo um registro deste momento.



Figura 9 – Roda de conversa/Aula Odara, onde conversamos um pouco sobre a minha pesquisa, buscando levar um pouco da mulher negra e suas trajetórias para academia. Encontro realizado em setembro de 2018. Fotografia: Dilermando Freitas

Para falar das Danças Afro é necessário reiterar que ela tem um movimento inicial que se relaciona com a diáspora africana. Aos poucos fui percebendo, muito baseada pelas leituras e percepção de grupos Brasil a fora, que outras vertentes foram influenciando e dando a possibilidade de trabalhar esta dança sob outras perspectivas, inclusive da dança contemporânea, que era algo que o Daniel Amaro já trabalhava.

As Danças Afro tem um fio condutor relacionado com a oralidade e a ancestralidade, já que, como sabido, os negros que foram escravizados perderam seus registros, logo, o corpo e as memórias foram as estratégias de ressignificação e preservação destes conhecimentos. Logo, a oralidade foi/é um importante instrumento na valorização e seguimento da cultura. É através dos corpos que mitos, signos, significados, simbologias, histórias vão sendo movimentadas,

proporcionando a exaltação da cultura afro e das histórias negras. Trazendo, assim, potencialmente resistência dos negros e a preservação de nossas histórias, através de corpos que dançam.

Para Ferraz (2012, p.16) “a matriz étnica, não deve ser tratada como singular. Seu caráter racial a aproxima de uma matriz comum, que, no entanto, também é múltipla”, e, corroborando com o autor, também me aproximo desta ideia. Uma dança que é múltipla, que tem no seu fazer uma infinidade de influências e discursos, uma dança que é plural, que traz, a partir de seus fazeres, possibilidades outras, mas que é facilmente visível e identificada quando vista. Ainda, conforme o autor, “são inúmeras as configurações abarcadas pelas expressões da cultura negra, sendo impossível esgotá-las” (FERRAZ, 2012, p. 19).

Ao pensarmos sobre o que é esta dança nos remetemos ao corpo e imaginamos como esta se dá corporalmente, seus movimentos, como faz reverberar no corpo. Para isso traremos Kelly Cardoso (2006) e uma tabela por ela organizada que sistematiza os movimentos pensando nas partes do corpo.

Partes do corpo	Dança Afro
Ombro	Ombros flexíveis e em intensos movimentos giratórios.
Tronco	Bailarino em posição vertical ou inclinada, realizando frequentes ondulações e intenso movimento de quadris.
Pernas	Pernas dobradas, que levam o corpo a se voltar para o chão, sendo este referência determinante.
Pés	Plantas dos pés voltadas para o chão, em posição paralela.

Tabela 1 – Organização corporal e relação com os movimentos nas Danças Afro. (CARDOSO, 2006)

Com a presença desta tabela, no momento em que leio as características marcantes da dança, simultaneamente, posso percebê-las em meu corpo, sentindo cada um destes movimentos acontecendo.

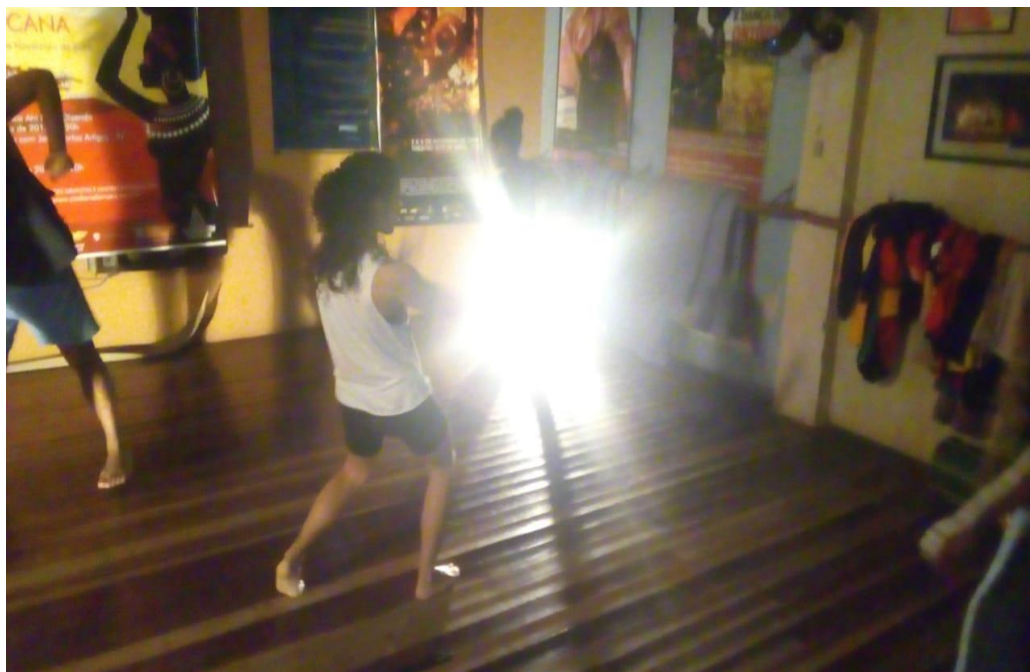


Figura 10 - Registro de um ensaio da Companhia de Dança Afro Daniel Amaro. Neste momento há o aquecimento com movimentos das Danças Afro, com ênfase em movimentos intensos de quadril, braços, ombros. Setembro de 2018. Foto: Daniel Amaro

A imagem acima registra nosso momento de aquecimento no ensaio “Dança dos orixás” da Companhia de Dança Afro Daniel Amaro. Sua resolução não está tão boa, pois é difícil captar movimentos. Com esta imagem saliento alguns movimentos característicos das Danças Afro, principalmente no que se refere aos movimentos intensos e simultâneos de diferentes partes do corpo, que devem ser executados com energia e precisão. Os movimentos se contrapõem a outros gêneros de dança, entre estes o *Ballet* clássico, que se baseia em um desenvolvimento vertical, para cima, alongando a coluna, crescendo. Já nas Danças Afro, o movimento é voltado para o chão, um retorno à terra e a flexão dos joelhos, como bem ilustra a imagem.

Nesta ideia de multiplicidade da dança, que hoje se articula em diferentes frentes, que há a relação com a diáspora africana, mas não necessariamente a dança, em si, mostra características tão semelhantes como outrora e nem estanques como uma dança que não sofreu suas influências, assim como nos mostra e

reconfigura Mercedes Baptista. Há, nos entremeios das danças populares brasileiras, muita influência das Danças Afro, pois é inegável o reflexo que os negros trouxeram para estas danças nas diversas regiões do país, sendo elas inúmeras: Maculelê, Capoeira, Maracatu, Afoxé, Tambor de Crioula, Jongo, etc.

Logo, ao pensar neste olhar expansivo do que são as Danças Afro em relação as danças populares brasileiras, posso me remeter à Abambaé Companhia de Danças Brasileiras, grupo do qual também participei em minha trajetória dançante no período de Maio de 2013 ao final do ano de 2017, onde me afastei devido aos atribulamentos de mestrado, vida profissional, etc. A Abambaé tem o foco nas danças populares brasileiras, logo, o grupo também atua frente às Danças Afro, ou, ao menos, inspira-se a partir de suas poéticas em muitas danças de seu repertório. Danças as quais já fiz parte de algumas em suas práticas coreográficas, e que tão logo me possibilitaram conhecer suas histórias e me apaixonar por estas.



Figura 11 - Apresentação do Samba de Roda no 1º Festival Internacional de Folclore e Artes Populares de Pelotas, 2013. Fotografia: Gugu Machado

Na imagem acima trago a apresentação da Abambaé no 1º Festival Internacional de Folclore e Artes Populares de Pelotas, que ocorreu em 2013. Neste Festival recepcionamos inúmeros grupos de Danças Folclóricas da América do Sul e

apresentamos a coreografia Samba de Roda, conforme a imagem. Evento este que foi muito importante, pois houve uma troca de conhecimentos culturais, entre estes a dança, com os grupos de fora, além de belas apresentações dos bailarinos e danças referentes aos seus países. A Abambaé, enquanto grupo anfitrião, apresentou o samba de roda com muita alegria e embalados pela música “Girando na renda”, com a interpretação da cantora Roberta Sá “...Reza quem é de rezar, brinca aquele que é de brincadeira...”. Esta foi a primeira coreografia que aprendi ao entrar no grupo, e que com certeza marcou a todos, um samba de roda que é pura alegria.

Quando falo nas Danças Populares é difícil trazer o nome específico de somente um grupo que tenho apreço e que traga, nos seus quadros coreográficos, a relação com as Danças Afro. Saliento, aqui, o Grupo Sarandeiros, e o quadro da “Dança dos Orixás”, que pude visualizar sempre por entre vídeos e na rede social YouTube, e tive a oportunidade de ver a apresentação ao vivo no Festival Internacional de Folclore, em Nova Petrópolis, no ano de 2015. E, também, o Grupo Andanças, que por ser de Porto Alegre já pude ter contato e oportunidade de apreciar os seus trabalhos, sobretudo, os que têm relação com coreografias relacionadas às Danças Afro.

Por serem, as Danças Afro, uma dança que flui, contamina e se deixa atravessar por outras características, muitos são os professores-coreógrafos-diretores que carregam consigo, em seus corpos e em suas aulas, aquilo que vivenciaram e as influências, outras, que somam em suas aulas e criações. Suas aulas nada mais são do que o reflexo de suas influências corporais, crenças, vivências múltiplas que fazem com que as Danças Afro estejam sempre em movimento, algo (re) elaborado, como já havia sido realizado por Mercedes Baptista. Penso e percebo as Danças Afro com este viés, de uma dança que pauta sob algumas características, mas que se deixa influenciar e dialogar com o mundo.

Quem vivenciou no corpo esta poética sabe que, mesmo na prática de outras vivências, as características Afro corporais sempre se salientarão. Alunos como eu, que embora tenham e vivenciem outras experiências corporais, outros gêneros de dança, carregam na essência os movimentos flexionados, dirigidos em relação ao solo e rápidos do gênero Afro. Quando menos se espera, estes movimentos surgem no meio de uma coreografia, na hora da improvisação, nascem no corpo quando despretensiosamente se escuta o toque de um tambor, por exemplo.

Quando me refiro às Danças Afro sei como identificar os tipos de representação características destas danças, independente da nomenclatura, pois sua base de movimento, são inconfundíveis. Dança que me ganha em sua potência e simultâneos movimentos fortes. Nesta dança que se dá com os pés em contato com o chão, não há o uso de sapatilhas, nem calçados, simplesmente pés descalços. Grande parte das Danças Afro têm o contato do corpo com os elementos da natureza, que é o caso da dança dos orixás, “assim, os contatos físicos com elementos que representam os orixás ampliam os significados do corpo” e, consequentemente das danças (SABINO & LODY, 2013, p.76).

Nesta trajetória percebo que outros grupos que são denominados de Danças Afro carregam essa bandeira de resistência, de contação de suas negritudes, de valorização da sua cultura e identidade negra, através dos gestos, dos corpos. O corpo é a memória viva, capaz de repetir, traduzir e, principalmente, comunicar, conforme as suas habilidades específicas, os processos de aprendizagem das posturas, dos gestos, dos cumprimentos e das coreografias (SABINO & LODY, 2013, p. 115).

5.2 Só quando danço me liberto do tempo: esvoaçam as memórias, levantam voo de mim

Mia Couto, Livro Mar me quer



Figura 12 – Improvisação em Danças Afro, “Tornar-se negra”, desenvolvida para o Seminário De Pesquisa da Pós-Graduação em Artes Visuais - UFPel, setembro de 2018.
Fotografia: João de Deus

A imagem retrata uma tarde de improvisações e criação em meio à natureza, eu, meus pensamentos e os movimentos em Danças Afro. Esvoaçando movimentos, improvisando sensações, tornando-me negra, como sempre. Esta criação-improvisação foi um processo que desenvolvi para o SPMAY, Seminário de Pesquisa da Pós-Graduação em Artes Visuais - UFPel. A improvisação, as fotos e o vídeo foram desenvolvidos em setembro, e expostos no Seminário em outubro de 2018. Uma tarde de movimentos, criações e inspiração em meio à natureza, na presença do sol e de uma brisa leve, que remeteu *Iansã*, orixá que represento na Dança dos Orixás.

Nestes anos de experiência é possível perceber que na prática das Danças Afro, bem como, na montagem e execução de espetáculos, os praticantes/bailarinos, são convidados a acessar um universo outro, que exige do corpo novos movimentos, além de sensações, provocações, movimentações e percepções que transcendem. Assim, quando toca o tambor o corpo é provocado, a exigência de movimentos se dá de outra forma, e o corpo capta as sensações e os movimentos vão suavemente aparecendo através de ondulações, de partes específicas que entram no jogo das Danças Afro e que aos poucos vão transformando-se em gestos.

Tudo isso exige dos alunos/bailarinos um conhecimento, e até mesmo a aceitação da corporeidade, como foi o meu caso, um diálogo com o meu corpo e aceitação dele, do corpo do outro e uma conexão com minhas raízes africanas para ser fiel ao que as Danças Afro se propõem, ou seja, provocar emoção e reconhecimento histórico (SILVA, 2013).

Em 2017 desenvolvi em meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) na graduação em Dança Licenciatura – UFPel, uma pesquisa que me fez pensar o processo de formação identitária de bailarinos a partir das práticas em Danças Afro sob o ponto de vista de professores e coreógrafos que trabalhavam com as Danças Afro ou já haviam trabalhado com as Danças Afro em algum momento de suas vidas. O que me fez pensar para além do que eu considerava, pois também início esta investigação baseada no meu processo enquanto bailarina, que é permeada por estas práticas e também pela atuação e condução nas aulas de Danças Afro, percebendo que um ponto forte era a mediação do professor neste processo de formação identitária.

Ao retornar a minha pesquisa de TCC muitos pontos marcaram em relação aos 3 professores entrevistados. Trago abaixo um recorte de uma das entrevistadas por mim, uma professora da Educação Básica, que, em um determinado tempo, desenvolveu um Projeto na escola com a inclusão das Danças Afro. Ela também é ex colega de Danças Afro, já que dançamos juntas durante um período no Daniel Amaro. Nesta passagem ela coloca que frente a práticas das alunas ocorreu um reconhecimento daquela corporeidade que já estava ali.

[...] Tu começa a fazer, dar uma aula, e aí, algumas tem dificuldade com certos movimentos, e a gente sabe que a Dança Afro tem uma coisa, tem algumas coisas que são da nossa essência, assim...aquilo vem que vem, vem e vem com facilidade. E aí, e elas começam a se enxergar, não posso te dizer assim, começam a se enxergar como negra, não sei, isso aí é um processo mais longo no entendimento delas [...] Mas elas se enxergam enquanto assim, brasileiras que tem descendência de negro, isso já vê um discurso, tipo assim, a porque, né professora, na minha família, né?! [...] (COELHO, 2017, p. 73).

Na passagem acima, a entrevistada menciona esse reconhecimento que é acessado na prática das Danças Afro a partir de uma experiência de aula, o que foi percebido e relatado por ela a partir de suas experiências como docente. O que de fato acontece, pois lembro que em minhas primeiras práticas enquanto bailarina os

meus movimentos saiam como se eu sempre tivesse feito aqueles movimentos, era e é algo que não consigo explicar, apenas sinto. Hoje, com minha experiência, digo que é o reconhecimento da minha própria corporeidade, da linguagem do meu corpo. Nós necessitamos de um estímulo e logo nos reconhecemos naquela dança, para os negros o acesso é imediato, e esse reconhecimento fez com que eu passasse pelo processo de assunção de minha identidade negra, pois nascemos negros, mas ser negros é uma formação diária, de aceitação, de resistência, de conhecimento.

Logo, percebo a importância de estar presente de fato naquele fazer dança e sentir o movimento, os sons, os estímulos. O cenário musical nas aulas das Danças Afro fazem parte do conjunto, pois a música para as práticas vão ao encontro da corporeidade exigida pela dança, ou seja, há músicas específicas para as Danças Afro, que são ritmos que minimamente utilizam o som do tambor, atabaque e outros instrumentos de percussão. Assim, são elementos na prática das Danças Afro tanto os sons, como os objetos por vezes utilizados, sempre com representatividade e significados para a cultura afro e, especificamente, para a religião afro. Foram estes e outros dispositivos que acrescentaram novos saberes sobre a cultura afro, e acredito que estes foram despertando em mim, e em meus colegas de dança, tanto negros, como brancos, novos conhecimentos em relação à dança e aos saberes desenvolvidos sobre África, ou melhor, sobre aquilo que já está instalado no Brasil, haja visto que essa dança já faz parte daquilo que é nosso. Ganham nossas formas, influências e características, logo, são as Danças Afro-brasileiras.

Quando falo em dança, e mais especificamente em Danças Afro, remeto-me a muita coisa boa que esta prática proporcionou e proporciona em minha vida. Significados que vão para além do movimentar-se, que me levam para outro ponto de um conhecimento de mim mesma ou, melhor, um (re) conhecimento de minha autoidentificação, momentos de identificação com aquilo que nem tinha ideia de que poderia ser. É uma ideologia de vida, dançar me emociona e me faz crer em algo muito bom, uma prática de vida, que nos fortalece.

A prática nas Danças Afro que começou quando eu era ainda jovem, uma adolescente querendo dançar, com quais motivações eu não sei, mas esta vontade me levou ao Clube Cultural Fica Ahí Pra Ir Dizendo procurar pelas aulas de danças que abririam com o professor Daniel Amaro, isso em meados de 2003/2004. Uma época muito legal, de encontros, de amizades, de conhecimentos, de

reconhecimento e de identificação também deste espaço de potência que é o Clube Cultural Fica Ahí Pra Ir Dizendo. Ao lembrar dessas recordações sinto muita saudade, pois aliada a esta prática de dança lembro das junções do grupo, que era o mesmo grupo de jovens do Clube. Que saudade boa! As festas, as apresentações neste clube, e todas, de certa forma, voltadas para a consciência e a cultura afro-brasileira.

Lembro-me de certa apresentação onde seria “concedida” aos quilombolas algumas terras. A data especificamente não lembro, mas foi muito marcante, pois embora negra, não entendia muito sobre a nossa cultura, e o que era/quem eram os quilombolas. Foi uma experiência ímpar e muito diferente, acho que a primeira experiência com as Danças Afro em um local aberto, ou seja, fora das dependências do clube. Dançamos na região dos quilombolas, no meio das árvores, pedras e águas. Ao final alguns quilombolas vieram nos parabenizar e conversar com a gente sobre as danças apresentadas.

E, assim como esta experiência, houve outras que se relacionavam com as festividades do clube e, claro, com a cultura afro, pois a dança era difundida no espaço do clube, que tratava dessas questões. Assim, foi mediante a prática no Clube Cultural Fica Ahí que um dos bailarinos do Daniel Amaro (nosso professor) disse para eu passar na Companhia do Daniel e fazer uma aula, explicou que havia ocorrido uma audição²² de bailarinos, mas pediu eu passasse por lá. E foi o que fiz, passei para fazer uma aula e lá fiquei entre os seus bailarinos, e assim começou uma nova fase, agora bailarina/estagiária da Companhia de Dança Afro Daniel Amaro.

Quando entrei no grupo da Companhia de Dança Afro Daniel Amaro era novata, considerada estagiária. E o que significava ser estagiária eu não sabia muito bem, mas sabia que tinha um outro grupo principal, que era composto pelos bailarinos “mais velhos”, aqueles que faziam a prática da dança há mais tempo e eram, se posso falar, “os profissionais” da Companhia, que estavam inclusos em quase todos os espetáculos. Algumas vezes fazíamos aula juntos, outras não. O que eu gostava mesmo era de vê-los dançar/ensaiar, eu achava lindo e pensava que talvez um dia eu estaria ali, como ocorreu, pois algumas vezes pude dividir a cena de palco com alguns deles.

²² Audição refere-se a uma chamada para novos bailarinos, onde inclui-se uma prática de movimentos que serve como avaliação.

Por vezes me pego pensando neste meu início de prática nas Danças Afro, e me questiono sobre como eu me enxergava como pessoa? Quase certeza de que eu me enxergava como se fosse alguém sem cor, não necessariamente desta forma, mas ignorava as problematizações étnico-raciais. O que eu quero dizer é que pouco me importava se eu era negra ou não, até porque eu não parava para questionar e observar se era negra, de onde tinha vindo, qual era a etnia dos familiares que me constituíam, como se dava este processo étnico-racial em minha família, na minha volta, etc.

Hoje percebo que minha entrada na dança e essas vivências ao longo dos anos são vistas como responsáveis por esta assunção da minha identidade negra. Este processo fez parte da minha autoidentificação e empoderamento que se deu mediante a dança, o conhecer a cultura afro e o estreitamento destas relações. Tenho muito orgulho dessa história e desse (re) conhecer através do movimento e do engendramento de aspectos que foram possíveis a partir da minha prática em Danças Afro.

A identidade que foi se construindo logo após o meu nascimento, mas que com a dança, certamente, ficou fortalecida, o reconhecimento, o esclarecimento e a valorização de ser quem sou, o empoderamento, negra! Nascer negra *a priori* não me traçou uma história e uma identificação com a etnia negra, uma identificação para além do que se vê na pele e nos traços físicos, uma aproximação com a cultura e origens. Nascer negra me trouxe dúvidas, já que não sabemos nossas histórias, eles não são contadas nas escolas, nas dúvidas não sabemos quem somos, e muitos de nós, negros, nem mesmo conseguimos nos reconhecer e nos identificarmos com a história dos nossos, esses são os resquícios de uma educação que não inclui a nossa história e pouco valoriza a cultura afro-brasileira.

Tornar-se negra é passar por uma formação desta identidade, que é formada diariamente a partir de nossas interações com os outros, com o mundo, em todas as nossas experiências. Reconheço fortemente a dança neste processo de ativação e de empoderamento étnico, e creio que todas nós que fizemos parte deste grupo de dança, seja no Clube Cultural Fica Ahí Pra Ir Dizendo e/ou na Companhia de Dança Afro Daniel Amaro, pudemos perceber essas identidades fortalecidas.

Minha identidade étnico-racial fica mais evidente e ativa, a partir da prática das Danças Afro, pois nesta etapa começo a me questionar e a pensar sobre

determinadas questões. Sempre percebi qual era a cor de minha pele, a cor dos meus, mas nunca, de fato, me senti naquele grupo étnico-racial, se é que posso dizer assim, nunca me senti identificada como alguém que soubesse a sua história e fosse adiante com ela/por ela. As experiências foram me instigando nas danças da vida, nós vamos conhecendo as histórias, buscando as memórias e através delas vamos nos pertencendo mais, e isso é lindo e empoderado.

Nestes anos de Danças Afro foram muitas idas e vindas. Inicialmente eu cursava o ensino médio e só estudava, conseguia ser uma aluna assídua e muito presente em espetáculos e apresentações. Logo veio a graduação em Educação Física, os estágios, o trabalho, a falta de tempo e, entre estes anos, algumas paradas e retornos. No início das práticas eu participei de alguns fragmentos de danças e fiz parte de alguns espetáculos, mas nunca participei de suas montagens. Os espetáculos foram: Reminiscência, Âmago e Tambores do Corpo. Lembro que em meados de 2005, o momento em que estava me afastando foi simultâneo a criação de um novo espetáculo.

Meu retorno às Danças Afro e à Companhia de Dança Afro Daniel Amaro foi através de uma audição para o, então, novo espetáculo na época, mas é claro que neste intervalo de tempo fiz aulas e participei de diferentes formas, mesmo que não inserida em um espetáculo. Em Janeiro de 2013 começa a montagem do novo espetáculo “Rios de Sangue”. Este retorno teve um gosto diferente, pois participei da montagem deste espetáculo acompanhando os movimentos e a trajetória desta nova poética. Na Obra Rios de Sangue estava em outro momento, mais madura, já com formação em Educação Física e vida profissional estabilizada, e também inserida no campo da educação e no campo da dança de uma outra forma, com outros pensamentos.



Figura 13 – Laboratório de Danças Afro para montagem do Espetáculo “Rios de Sangue” na Charqueada São João, 2013. Fotografia: Neco Tavares

Na imagem um registro de um dos nossos laboratórios realizados na própria Charqueada São João²³, que tinha direta influência na história da qual tratava o espetáculo. Nesta montagem pude acompanhar de perto o processo de montagem das coreografias. Foi uma experiência com diferentes sentimentos envolvidos, pois este espetáculo, falar dos negros na Charqueada São João, exigiu de nós, bailarinos, para além do condicionamento físico, um psicológico bem forte, visto o local e as memórias que deste são possibilitadas em relação aos nossos ancestrais. Foi onde considero que comecei a amadurecer minha artística de fato. Pesquisamos e fomos conhecer o local, realizamos visita guiada conhecendo um pouco das tristezas que lá os negros passaram. Realizamos laboratórios, ou seja, além das visitas, algumas práticas e ensaios foram lá, além das conversas e compartilhamento de informações.

Penso que as Danças Afro, ao longo destes anos, foram construindo em mim conhecimentos e percepções sobre a minha corporeidade. Estes conhecimentos que passam pelo corpo nos colocam para refletir, eles me fortalecem, mas também fazem doer, constituíram e constituem o meu jeito de ser. Penso que a prática me

²³ Charqueada São João, umas das maiores Charqueadas existentes na época da escravidão na cidade de Pelotas, considerada um purgatório, frente aos maus tratos realizados aos negros que foram escravizados neste local.

permitiu adentar os aspectos da cultura negra e, assim, de alguma forma conhecer e me identificar com a identidade que pouco foi alavancada em qualquer outro espaço.

Triste lembrar, mas quando recorro de minha trajetória escolar nunca me foi dito nada que trouxesse referências positivas sobre ser negro, ou melhor, nunca me foi proporcionado momentos de conhecimentos a respeito da história e cultura afro que outro além da escravização dos indivíduos negros. Conheci e tive o contato com as Danças Afro a partir de outro espaço que não a escola, e em nenhum momento lembro de ter contato com práticas ditas “afro”, seja as danças, especificamente, ou outras ações que tivessem relações com conhecimentos da cultura negra.

É visto que os espaços escolares não contribuíram tanto para a minha identidade negra, ou pelo menos por não ter tido a oportunidade de conhecer histórias positivas que me pudessem ativar essa negra que estava ali. É como se eu estivesse ali, mas não me pertencesse enquanto negra, ou melhor, não me reconhecesse. A história que a gente conhece, ou pelo menos que preponderava na década de 90 e no início dos anos 2000, não proporcionava tanta visibilidade para o negro como protagonista, como alguém que ajudou no desenvolvimento do Brasil. A educação e o conhecimento sempre foram pautados numa história Européia, numa história branca, machista, etc.

Ao dançar me (re) conheci, e estas danças foram reverberando no meu corpo e nos espaços de minha convivência, entre eles a família. Minha família, como já dito, nunca foi uma família que militasse ou abraçasse a causa racial e provocasse debates e reflexões. Porém, o meu envolvimento na dança trouxe ao ambiente familiar provocações, reflexões sobre o negro na sociedade, as relações étnicas e outras possibilidades que a partir da prática foram ativando no meu ser e em extensão atingindo minha família. Foram se instaurando outros pensamentos e posturas, às vezes incorporando novas estéticas, influenciando a corporeidade e, especificamente em mim, novas lutas.

É no fazer das Danças Afro que possibilitei ao meu corpo um conhecimento que transcende o meu entender, que me leva para outro lugar e me coloca em outros tempos, que me faz pertencer, que me faz compreender a importância do protagonismo negro seja pela dança ou por outro viés, foi este mesmo protagonismo capaz de me empoderar. É na corporeidade negra que me encontro, que me perco e que proporciono ao meu corpo o encontro com lugares nunca visitados. É neste dançar que me conheço, que me identifico e que me construo negra, sempre.

Que corporeidade é essa que vem à tona quando toca o tambor, quando sinto aquele ritmo penetrando minha pele e entrando pelos ouvidos, que me faz arrepiar e me sentir mais verdade? Não me sinto mais negra quando danço, eu me sinto mais eu, vou possibilitando ao meu corpo dançar e se conhecer, e essa corporeidade parece que sempre esteve ali, só faltava um estímulo para ativar e trazer este corpo para o protagonismo.

Os corpos ficam mais potentes nessas aulas, ficam empoderados. Logo que ingressei na Companhia de Dança Afro Daniel Amaro²⁴ fui apresentada ao instrumento tambor, que já conhecia de nome, mas ao dançar o fragmento do espetáculo “Tambores” tive a experiência de improvisar a partir dele. E foi desta forma que, aos poucos, fui me apropriando destes conhecimentos específicos das Danças Afro e cultura afro, e que é de todos nós, mas que não é acessada por grande parte da população.

As Danças Afro são uma espécie de ideologia de vida que busca a compreensão de uma identidade negra que é um constante vir a ser, um devir negro. Essa dança potencializa os corpos, convida para dançar e debater os assuntos atuais, atravessando a educação, o aspecto cultural, o social; é uma forma de estar presente no mundo. Esta é a forma que eu me coloco como um ser crítico, dançante e atuante nas questões que tangem ao debate étnico-racial e educacional, pois essas ações também fazem parte das minhas atuações docentes na escola.

Como bailarina de Danças Afro, e também como professora, meu objetivo sempre foi aprofundar minhas pesquisas de movimentação, experimentar práticas e buscar leituras e subsídios que me possibilitassem entender essas manifestações negras e levar para a minha dança e minhas atividades pedagógicas direcionadas a escola. E foi com o ingresso no Curso de Dança Licenciatura da UFPel, no ano de 2011, que comecei a ter olhares outros sobre minhas práticas e entendimentos a partir das Danças Afro. Outras formas de compreensão e percepção sobre a dança,

²⁴ Companhia que iniciei minhas práticas em Danças Afro, e que ainda hoje faço parte compondo o elenco a “Dança dos Orixás”. Companhia de Danças Afro Daniel Amaro, para saber mais acessar: www.ciadanielamaro.com.br/. Companhia que é dirigida pelo Diretor artístico e Coreógrafo Daniel Amaro, o qual desenvolve os trabalhos artísticos da Cia desde 2000 na Cidade de Pelotas. Daniel Amaro tem 48 anos e trabalha com a dança desde muito jovem, onde iniciou dançando em seu próprio bairro Vila Castilho com o Grupo Brothers Show, para saber mais TCC: “Negra, sim: olhares docentes sobre a identidade étnica e a relação com o ensino de Danças Afro na cidade de Pelotas”, acessar em: <https://wp.ufpel.edu.br/danca/files/2014/06/VERS%C3%83O-FINAL-TCC-JU-COELHO-.pdf>

sobretudo, a dança na escola, local onde eu, como aluna, não havia tido experiências.

Este ingresso numa Licenciatura em Dança também foi um ponto que muito me possibilitou revisitar meus entendimentos de Danças Afro e também da dança de uma forma geral, principalmente direcionada à escola, um dos meus locais de atuação. Já formada em Educação Física pela UFPel, e com experiências relacionadas à graduação muito insuficientes, procurava, nesta nova graduação, recursos e apoios para práticas em dança na escola. Ao retornar à minha formação inicial acredito que foram 4 ou 5 disciplinas que realizei em que fossem tratadas a dança e o corpo, lembrando que destas somente 3 eram obrigatórias. Já com o foco de desenvolver trabalhos com dança na escola contava com a minha experiência em dança, o que ainda me deixava insegura, pois procurava outras abordagens e mais subsídios que me proporcionassem uma visão de dança e educação.

Ser graduanda em dança me abriu novos olhares, mostrando outras possibilidades. Fiquei muito mais crítica, e busquei outras formações para além das possibilitadas pelo curso, saindo da minha zona de conforto, buscando agregar e acrescentar saberes. Por outro lado, o currículo da graduação na época, que já não é o mesmo da atualidade, não ofertava disciplina relacionada às Danças Afro. Houve disciplinas nas quais pude refletir e contribuir falando das Danças Afro e propondo a sua prática, mas foram atividades pontuais que partiram de mim mesma.

Foi simultâneo ao reingresso na Companhia de Dança Afro Daniel amaro que ingressei na Abambaé Companhia de Danças Brasileiras²⁵, em meados de 2013. Eu sabia que a Companhia desenvolvia trabalhos de Danças Populares e estava disposta ao desafio, pois, em minha opinião, iria acessar um outro universo de dança. Para a minha surpresa, lá estavam pessoas que já haviam, também, partilhado da experiência das Danças Afro. Assim, com o passar das aulas e práticas começamos a ter contato com as danças do nordeste, estas que em sua maioria tem a influência Africana no seu fazer, e aqui entra a discussão da corporeidade novamente, pois na prática destas danças eu “estava em casa”. Tive

²⁵ Companhia que ingressei em Maio de 2013, mas agora em função da falta de tempo fiz a escolha de afastar-me. Para saber mais sobre a Abambaé Companhia de Danças Brasileiras, acessar: abambae.blogspot.com.br. Companhia atualmente coordenada por Thiago Amorim, que juntamente com outros amigos, originaram o grupo em Cruz Alta na inquietude em pesquisar e conhecer mais da rica cultura nacional no ano de 2005, hoje o grupo fixa suas raízes em Pelotas. Thiago Amorim, tem longa trajetória com as Danças Populares Brasileiras, é também professor do Curso de Dança Licenciatura – UFPel e no Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais – UFPel.

uma identificação momentânea com as danças que estava conhecendo ali, já que seus movimentos e gestos se assemelhavam com as movimentações das Danças Afro.

A vivência do Abambaé me possibilitou identificar uma nova corporeidade em meu corpo, ou melhor, reconhecer esta corporeidade afro-brasileira que poderia ser propiciada a partir das danças brasileiras. Percebi que estas tinham muitas influências do negro e que, logo, muitas danças e manifestações estavam permeadas por movimentações e pela corporeidade que eu já conhecia, e assim, ficava muito à vontade nas práticas.

Em 2013, estava simultaneamente na Cia Daniel Amaro e na Abambaé. Foi um momento de um cansaço físico muito grande e de ensaios intensos, pois ambos os grupos estavam em pleno andamento de ensaios e construção de espetáculo. Na Cia. Daniel Amaro estávamos na montagem do espetáculo “Rios de sangue”, e no Abambaé também estávamos na montagem do espetáculo “Sóis”, onde dançávamos danças da região nordeste. Meu corpo estava muito comprometido com aquelas histórias e houve dias em que havia dois ensaios na mesma noite. Foi intenso, queria saber mais sobre as danças, melhorar a minha técnica, o meu condicionamento físico, levar mais verdade para os meus movimentos, foi uma época em que exigi muito do meu corpo e que estava muito entregue a ambos os trabalhos.

Questionamentos nasceram com a minha prática e, desta, a curiosidade por querer compreender as danças para além dos movimentos. O primeiro espetáculo a ser apresentado foi “Rios de Sangue”, que nos comprometemos em estudar, fizemos laboratórios na Charqueada, e eu, especificamente, pesquisei, fiquei curiosa com as histórias da cidade de Pelotas e os negros e realmente sofri e cresci muito com o espetáculo. Comecei a me questionar como ser negro nesta cidade, que foi construída por mãos negras. No Rio de Sangue, me dei conta de muitas coisas que até então eu desconhecia sobre a cidade de Pelotas, e sobre os negros que muito contribuíram para o seu desenvolvimento.

Neste percurso de formação contínua que é minha vida nas práticas de dança, desde outras experiências com outras danças, até as Danças Afro com suas idas e vindas, encarei a dança como uma forma de vida. Essa é uma forma de me conhecer, agregar histórias sobre meus antepassados, memórias, de ser uma pessoa melhor, que leva a dança como forma de conhecimento, levando no

movimento o conhecimento, proporcionando que os outros possam sair de sua zona de conforto e pensar, se questionar. As Danças Afro são minha fonte de inspiração diária e construção de conhecimento de mim mesma e de nossas histórias negras.

E foi nestas buscas por informações que, no ano de 2015, tive a feliz oportunidade de poder participar de um *workshop* com o Balé Folclórico da Bahia²⁶, em agosto. Acredito que este seja um marco na minha vida dançante e docente, pois, além de fã deste grupo, percebo-os como um potente instrumento artístico-pedagógico. O grupo baiano com 30 anos de história muito bem representa a cultura afro-brasileira no Brasil e no mundo, através da dança.

O Balé Folclórico da Bahia foi a Porto Alegre apresentar o seu espetáculo “A Corte de Oxalá”, e abriram para interessados uma oportunidade de experimentar a aula através de uma oficina mediante a análise de currículos. Realizar esta aula/oficina foi como um sonho, poder experimentar a preparação física/aquecimento de Nildinha Fonseca – primeira bailarina do grupo e também mulher e bailarina que me inspira – e poder usufruir daquela aula enérgica, com som percussivo ao vivo, e estar imersa neste mundo, foi uma espécie de injeção de Danças Afro na veia. Para mim que sou fã do trabalho corporal, poético e gestual do grupo foi uma experiência ímpar, que me deixou motivada e instigada a prosseguir. Abaixo segue uma foto com o diretor, Walson Botelho e Nildinha, primeira bailarina e preparadora do grupo.

²⁶ Para saber mais sobre o Balé Folclórico da Bahia, acessar: www.balefolcloricodabahia.com.br



Figura 14 – *Workshop* com Balé Folclórico da Bahia em Porto Alegre, agosto de 2015. Eu e Walson Botelho “Vavá”, Nildinha Fonseca. Foto: Karen Rodrigues.

Quando saímos de nossa zona de conforto e experimentamos o novo, ainda que esse novo já seja por nós um pouco perseguido, é uma busca sincera de conhecimentos e aprofundamentos. Eu, enquanto bailarina e professora, me vejo na obrigação de buscar estes saberes, de fazer esse movimento de busca onde for o novo, o desafio que é necessário tanto para a profissão artística/docente, mas, principalmente, conhecimento pessoal, conhecimentos de vida, ao tempo que aprendo conheço mais sobre nossa cultura, sobre nós.

Neste mesmo ano, realizei um *workshop* de Danças Afro: aula de Jongo e Maracatu, Danças de origem Africana, que são as nossas Danças Afro-Brasileiras e que também são classificadas como Danças Populares Brasileiras, ministradas por

Aline Valentin, vinda do Rio de Janeiro. A oficina foi realizada no Espaço do Afrosul, em Porto Alegre, importante local onde é difundida as Danças Afro e tudo que é relacionado a cultura afro na capital gaúcha, liderado pela coreógrafa Iara Deodoro. Outra experiência que foi muito interessante em que pude experimentar destas poéticas a partir do conhecimento que já existia em mim, e que, em parte, foi construído juntamente com a Abambaé. Esta experiência foi muito enriquecedora, pois pude ter noção corpórea de outras movimentações, instigando e fortalecendo os meus movimentos. Abaixo segue a foto com a Companhia Babalakina, eu, dentre estas mulheres maravilhosas, e a coreógrafa Aline Valentin.



Figura 15 – *Workshop* realizado no Afrosul Odomode em Porto Alegre, na foto Aline Valentin e Cia. Babalakina - Dezembro de 2015. Fotografia: Acervo pessoal.

Ter a oportunidade de realizar aulas de Danças Afro diversificadas e com outras pessoas referências em dança é necessário para mim enquanto alguém que estuda, experimenta e pesquisa a dança. Esses saberes complementam e me fazem refletir e buscar mais saberes acerca destes conhecimentos. Fruir e pesquisar dança são movimentos necessários para uma formação que é contínua, eterna. Elas

enriquecem a minha prática corpórea, artística e docente, me fazem sentir empoderada e potente para seguir em busca de conhecimento.

Recapitulando minha vida dançante percebo o quanto essas oportunidades em Danças Afro aumentaram nestes últimos 10 anos. Ao falar em oportunidades refiro-me a oferta de oficinas, vivências e espetáculos, contatos, parcerias. Penso que muito se deve a minha inserção no Curso de Dança da UFPel, mas compreendo, também, que alunos que como eu, contemporâneos, que iniciaram estas práticas em Danças Afro em outras épocas, hoje mais velhos, seguem influenciados por estas práticas de dança, e os que não estão no fazer prático da dança, seja artístico ou pedagógico, estão de alguma forma em meio a militância de resistência e valorização da cultura afro.

Hoje, depois de muitos anos de prática, avalio que as Danças Afro aspiram por momentos de valorização da sua própria dança. Percebo que poucas são as referências em Danças Afro que temos, tanto em nível municipal, tanto estadual e que pouco mudou desde que iniciei esta trajetória. Na época que comecei a dançar, como já relatado, eram apenas dois os grupos que existiam na cidade assumidamente como prática única e exclusivamente das Danças Afro. Hoje, passados mais de 16 anos, vejo que a realidade não mudou.

Bailarinos e ex bailarinos destes grupos continuam por aí, alguns, como eu, ainda dançando, outros seguiram diferentes caminhos. Há bailarinos que seguem nas Danças Afro; outros, em outros gêneros, mas ninguém formou um novo grupo, especificamente. Alguns se encaminharam para o campo da escola e lá trabalham com a dança, levando as Danças Afro sempre que possível, assim como eu. Mas a referência de grupos em Danças Afro na cidade, em relação à história e influência da cultura, ainda é muito pequena.

Fazer Danças Afro no Rio Grande do Sul é estar em contato com a nossa ancestralidade, é resistência, é uma busca em um passado que é negro, e em um presente que por vezes parece renegar o passado. Pelotas é negra, com seu passado Charqueador e escravocrata, que deixou pegadas, marcas e uma riqueza que é vista nos casarões e praças, que foram feitas por mãos negras. Desde o meu início sempre tive a plena certeza que dançar esta poética seria resistir, lutar contra o preconceito e discriminações, lidar com os estereótipos.

O Rio Grande do Sul teve suas imigrações europeias favorecidas pelo governo, o que facilitou a entrada destes, influenciando na formação de povos. Porém, o que

muitos não sabem é a forte presença negra nesta cidade ao Sul do Rio Grande do Sul. E foi devido as Charqueadas que os negros por aqui ficaram e desenvolveram suas formas de vida, entre estas as manifestações culturais que foram sendo manifestadas sob forma de resistência. Estes indivíduos eram castigados, e dançar e cantar eram suas formas de extravasar e manter viva a cultura de seus ancestrais. Através de seus corpos manifestavam o sagrado e o profano, o corpo era o único meio de comunicação e memória, era por meio dele que mantinham o contato com os seus. Foi através destes cultos de dança, festas, religiosidade que foram elaborando e transformando suas formas de dançar em terras gaúchas.

Viver no Rio Grande do Sul ainda é preservar histórias de conservadorismo, relacionados às tradições gaúchas, é vender a ideia de uma branquitude, de uma terra com poucos negros e com belas mulheres loiras de olhos azuis. Um lugar que pouco assume os negros na constituição de sua história, que não assume os Lanceiros Negros como grandes heróis da nossa revolução; logo estamos imersos e suscetíveis ao pouco conhecimento sobre a cultura afro. Ser gaúcha é ter a marca do preconceito muito forte para com o negro gaúcho, é provar que existe negro no Sul, sim!

Assim, as Danças Afro também (re) existem neste cenário, pois poucos são os grupos que desenvolvem esta dança. Após anos de prática, onde conheci alguns grupos gaúchos entre eles o AfroSul, liderado por Iara Deodoro, em Porto Alegre, e o Grupo Ewá Dandaras, de Santa Maria (SILVA, 2013), liderado por Marta Messias Silveira “Jamaica”, ambas mulheres liderando grupos relacionados a lutas de resistência, que extrapolam para além do fazer artístico da dança, o que eu leio como uma característica comum entre a prática e difusão das Danças Afro. Por certo, muitos outros grupos devem realizar suas danças em nosso estado.

Entre cursos e encontros proporcionados pela UFPel, sempre nos identificamos com pessoas que trilham caminhos próximos ao nosso, e, assim, conheci e fiz amizade com um menino que, de imediato, trocamos algumas ideias e descobrimos algo em comum no meio acadêmico: as Danças Afro. Nos conhecemos num encontro em Porto Alegre, eu da UFPel e ele, na época, da UFSM; estudando no Rio Grande do Sul, mas vindo da Bahia, formado em Educação Física, mais um ponto em comum entre nós. Desde então, sempre nos matemos em contato e diálogo, sobre a dança, a vida, as Danças Afro e essa resistência e busca por

valorização da dança e pelo empoderamento de corpos negros, como os nossos, entre outros anseios que permeiam a cultura afro-brasileira.

Minha identificação com o Manoel Luthiery, que hoje felizmente compõe o quadro de professores do Curso de Dança – UFPel, foi instantânea. Por aí, então, dançamos, estudamos e pesquisamos as Danças Afro na universidade e fora dela. Nossa primeira parceria foi no ano de 2016, quando ele me fez um convite e eu aceitei, o de levar uma coreografia para o FESMAN – Festival de Santa Maria de Artes Negras²⁷. Entre conversas e organizações fiz uma coreografia na qual eu e mais dois amigos, Fernanda Thiel e Patrick Gomes²⁸, realizamos esta criação baseados nas Danças Afro e movimentações que oscilavam entre o Contemporâneo e movimentos simbólicos dos Orixás.

Participar deste evento foi uma experiência muito interessante pois, primeiramente, coreografar a mim mesma e amigos é uma atividade que normalmente não faz parte do meu fazer diário e, segundo, pois pudemos contribuir e conversar sobre as Danças Afro, bem como, a cultura afro, fora do campo de atuação em Pelotas. Foi muito rico poder integrar o Festival e participar do evento, que me possibilitou conversar, dialogar e refletir com outras pessoas da cidade de Santa Maria, entre outros lugares do Rio Grande do Sul, sobre o mesmo assunto. A cultura, as manifestações afro-religiosas entre mesas sobre feminismo, arte negra, entre outras, além de apresentações artísticas de música, teatro e dança, foram temas em pauta. Neste mesmo evento, pude realizar, também, uma oficina de Danças Afro onde conheci o seu propositor, Jadiel Ferreira, vindo do Sergipe, o qual compartilhou ideias, movimentos, poéticas e resistências. Identifiquei-me e pude, a partir desta oficina, ter outros olhares para a dança e ver que a poética e movimentação, independentemente do local onde estamos falando/dançando e inseridos, nos comunica com nossos pares onde quer que estejamos. A dança é plural e seu fazer é diverso, mas nossas movimentações e resistências são singulares e dialogam aonde quer que estejamos.

São nestes encontros com o corpo, com nossos pares e nossas raízes que nos fortalecemos. Estas vivências vão reverberando no corpo e, também, nos

²⁷ FESMAN, Festival ocorrido em 2016 na cidade de Santa Maria-RS, o qual pude conhecer muitas pessoas, parceiras e fortalecimento das Danças Afro e cultura negra.

²⁸ Amigos que toparam participar desta atividade, um prazer dividir o palco e as ideias com eles. Fernanda Thiel amiga e colega do Curso de Dança- Licenciatura e Abambaé na época. Patrick Gomes amigo do Carnaval e colega de Companhia de Dança Afro Daniel Amaro na época.

espaços de minha convivência, entre eles a família. Minha família, como já dito, nunca foi uma família que militasse ou que fosse assumidamente negra, muito embora nunca tivessem também apontado outra etnia, ou melhor, nunca deixaram de dizer que eram negros, mas não se envolviam com grupos de pertencimento (GADEA, 2013) ou grupos que eu pudesse reconhecer que fortalecia o ser negro.

A dança trouxe, também para o espaço familiar, motivações e reflexões sobre ser negro na sociedade, as relações étnicas, e outras possibilidades que a partir da prática foram ativando no meu ser e em continuidade em minha família estas discussões. Foi instaurando outros pensamentos, às vezes incorporando novas estéticas, influenciando a corporeidade, especificamente em mim, novas lutas, conhecimentos e resistências.

O corpo que sou acessou um conhecimento que transcende o meu entender, que me leva para outro lugar, que me coloca em outros tempos, que me faz pertencer, que me faz compreender a importância do protagonismo negro seja pela dança ou por outro viés, e foi esse protagonismo capaz deste empoderamento que me proporciona ir além. É na corporeidade negra que me encontro, que me perco e que proporciono ao meu corpo o encontro com lugares nunca visitados. É neste dançar que me conheço, que me identifico e que me construo negra, sempre.

Nesta minha trajetória dançante vou pontuando alguns fatores que com certeza me possibilitaram revisitar a história do negro. E é daí que parto para outro conhecimento, que nasce nessa corporeidade a partir da dança, que me faz conhecer, visitar as memórias e valorizar uma história pouquíssimo contada nos espaços aos quais eu pertenci, entre eles a escola.

Em meados de 2013 muitas histórias se cruzaram a minha vivência. Sendo negra, e estando imbricada nestas histórias de vida, tudo fez sentido, me fez pensar e levar todos ao meu redor para este lugar de pensamento e questionamento junto comigo. Bailarina simultaneamente da Companhia de Dança Afro Daniel Amaro e da Abambaé Companhia de Danças Brasileiras me dividi em momentos que exigiram muito do meu psicológico e de meu condicionamento físico. Muitos questionamentos e também conhecimento. Foi uma fase onde me senti muito pertencente enquanto bailarina, e muito representada enquanto negra, com autoidentificação e feliz por estar fazendo parte de ambos os processos.

Estar vinculada aos dois espetáculos foi um fator bem forte neste momento, pois tudo aquilo que eu estava vivendo e presenciando na montagem de ambos

espetáculos de certa forma faziam muito sentido para a mim, tentava, na medida do possível, entender um pouquinho daquilo tudo. “Rios de Sangue” pesquisando e adentrando essa vivência da cultura negra na cidade de Pelotas, com o enriquecimento de grandes charqueadores e o avanço da economia em cima da mão-de-obra escravista. Por outro lado, buscando um referencial a partir da cultura afro-brasileira que tem potente influência nas danças brasileiras e logo, grande presença no espetáculo “Sóis”, na Abambaé, o que me fazia refletir o quanto o negro estava presente naquelas danças, permeando nossa cultura com suas histórias, religião; era um universo novo de possibilidades que se abria. Seguem imagens referentes a ambos os espetáculos, abaixo.



Figura 16 - Primeiras cenas do Espetáculo “Rios de Sangue”, realizado em junho de 2013 no Teatro Guarany. Foto: Paula Coelho.



Figura 17 – Momento de abertura do Espetáculo “Sóis”, da Abambaé Companhia de Danças Brasileiras, outubro de 2014. Foto: Marcel Ávila.

Estas imagens ilustram toda a alegria e empenho destinados aos ensaios e pesquisas referentes às práticas corporais de ambos os espetáculos. O que, simultaneamente, fornecem conhecimentos a partir da cultura afro-brasileira, potencializando minha identidade étnica-racial e, sobretudo, identidade enquanto brasileira. Aspectos que dialogam com minhas práticas docentes, no momento em que começo a dar aulas na instituição escolar e percebo estas questões refletindo também nesta prática.

Hoje, após muitos anos praticando as Danças Afro, estudando e refletindo sobre minhas práticas, percebo o quanto a dança é empoderadora e informativa para mim. Ela é meu processo de autoidentificação, de tornar-me negra, de autoafirmação e autoconhecimento, uma prática que é resistência, cultura, identidade, memória e pertencimento. E é desta forma que ela atravessa minhas práticas tanto como bailarina, quanto professora do ensino básico. Ela é necessária para o conhecimento e para as discussões que tenho realizado, seja no âmbito artístico ou no pedagógico.

Posso considerar que outras tantas formações corporais acrescentam neste meu fazer, sobretudo, as minhas relações com o carnaval, seja através de prática

como folião, e também enquanto jurada dos quesitos Comissão de frente e Mestre-Sala e porta-Bandeira, atividades estas que me dão muita alegria, pois me sinto com o pé no chão e em contato com as atividades que me movem e que me possibilitam circular entre os meus, fazendo o que gosto e podendo contribuir também em nossas formações. Abaixo o registro de um evento que participei junto com a comissão de jurados de carnaval da Companhia de Dança Afro, da qual faço parte. O evento foi realizado em Florianópolis, no ano de 2016, e, por meio dele, pudemos interagir com conhecimento direto da fonte Rio e São Paulo.



Figura 18 – Equipe de Comissão de Jurados da Companhia de Dança Afro Daniel Amaro e um dos palestrantes do evento, no 2º Encontro de Carnaval de Florianópolis, formação realizada em 2016. Foto: Acervo pessoal.

Abaixo um registro de uma das capacitações realizadas em Pelotas para jurados de carnaval. Nesta capacitação participei palestrando sobre o Quesito “Comissão de Frente”, e, além dessa, já houve outras ocasiões nas cidades onde realizamos o serviço de jurado, como Arroio Grande e Jaguarão.



Figura 19 – Capacitação de Jurados realizada na Câmara Municipal de Pelotas, onde estou palestrando sobre Comissão de Frente, 2017. Foto: Fabiana Santos.

Abaixo mais um registro referente ao carnaval de Pelotas, agora como foliã e também bailarina. O que me deixou bastante satisfeita nesta ocasião foi o fato de que trabalhamos em conjunto com amigos da dança, sobretudo, amigos que dançam e desenvolvem trabalhos também com relação às Danças Afro. Viemos representando a Comissão de Frente da Escola Academia do Samba ressaltando a história e cultura afro-brasileira, cujo tema era “Barro e sangue”, contando sobre a contribuição negra na cidade de Pelotas.



Figura 20 – Bailarinos na Comissão de Frente da Escola de Samba Academia do Samba, 2015.
Foto: Site www.hojetem.net

Como professora, assim como bailarina, penso que é minha função, e também meu dever enquanto negra, formar e instigar para uma formação nas relações étnico-raciais, e desta forma estou sempre buscando subsídios possíveis para tais contatos. Acredito, também, que, como bailarina, é através do corpo e por meio dele que devo comunicar, informar, tocando sensivelmente o indivíduo, na busca por valorização e preservação da cultura afro-brasileira.

As Danças Afro são estruturas que possibilitam meu autoconhecimento e, para tal, penso que a educação e arte, em conjunto com a linguagem artística dança, são campos potentes para trabalhar a identidade negra, a valorização da cultura negra que está presente em mim e em todos os brasileiros negros e brancos, enquanto pertencentes a esta cultura. Percebo-me como um meio de levar essas provocações

e instigar o expectador, a criança e o adulto para um pensamento por meio do movimento e do sentir no corpo. Esta dança tanto me empoderou que é a forma como me comunico com o mundo, levando a cultura dos nossos ancestrais, proporcionando o desdobramento destes conteúdos que estão incluídos no fazer Danças Afro e que vão aos poucos atravessando os espaços nos quais eu circulo.

Posso afirmar que meus grupos de pertencimento, tais como fala Gadea (2013), representados pelos grupos que vivi e experimentei a dança, tornaram e tornam-me potente. Estas experiências vão me constituindo e vão me mostrando novas formas de olhar para estas danças, para a docência, para a história, para a religião e cultura negra, tanto no Brasil, um país fortemente influenciado pelos negros, como em Pelotas, onde respiramos a cultura negra por todos os espaços.



Figura 21 - Apresentação da coreografia “Afoxé” no Festival Internacional de Folclore de Nova Petrópolis em 2015 – Foto: retirada do site do evento.

Nesta imagem o registro de um de muitos momentos marcantes em contato com orixás, suas representações e significados. Apresentação da coreografia Afoxé,

e também a nossa participação em um evento grandioso, no qual pudemos ter contato com diferentes grupos nacionais e interacionais, trocando experiências, culturas, conversas, quando possível, pois eram diversos idiomas, trocando presente, uma diversidade e troca ímpar.

Nesta trajetória dançante com a Abambaé Companhia de Danças Brasileiras um dos muitos momentos marcantes foi quando tive a oportunidade de dançar a coreografia de Iemanjá, um dos Orixás representados no espetáculo. Eu não era a bailarina que representava a Iemanjá, mas justamente nesta apresentação, que de certa forma tinha um significado forte, estava lá eu para representar a mãe d'água, no Museu do Doce da UFPel. O Evento relacionado à Semana da Consciência Negra aconteceu em uma das tantas casas que estão dispostas na volta da Praça Coronel Pedro Osório e que também traz tantas lembranças fortes referentes ao passado da cidade.



Figura 22 – Solo Iemanjá apresentação realizada na Semana da Consciência Negra de Pelotas, 2015
– Foto: Erionto Júnior.

Esta apresentação foi uma experiência diferente, pois por diversas vezes ensaiei dançando Iemanjá, mas foi justamente neste lugar de histórias fortes e

também, dolorosas, que eu dancei pela primeira vez. Ali, no momento do dançar, muitas coisas se passaram na minha cabeça, me levando para um tempo que não vivi, e dançar lemanjá naquele local foi um sinônimo de resistência de uma cultura que existe e resiste frente as histórias traçadas nesta cidade. Entre estas histórias, os maus tratos aos quais os negros foram submetidos, justamente nesta e em outras tantas casas de senhores ricos que ficam situados no chamado “Patrimônio Histórico”.

Na Companhia de Dança Afro Daniel Amaro, em 2017, surgiu a possibilidade de uma nova história, a montagem de um novo Espetáculo “Dança dos Orixás”. Hoje, olhando para trás, vejo que foram diferentes experiências nas edições que se seguiram até aqui, mas, para mim, esta experiência é ímpar, poder representar Iansã, orixá que tenho devoção, e embora eu não seja da religião afro, esta é a Orixá que cultuo, tenho fé e identificação. Orixá a qual, a partir de minhas movimentações, fui relacionada às minhas características dançantes, com as características de movimentações de Oyá, logo, fui escolhida para representá-la dançando no espetáculo, o que me deixou muito feliz. Iansã, a deusa dos ventos, dos raios e das tempestades.



Figura 23 – Meu solo Orixá Iansã, apresentação no Espetáculo “Dança dos Orixás” – 2017.

Foto: Josiane Franken.

Na foto acima podemos visualizar eu realizando meu solo “lansã”. Solo que não foi de fácil criação, foi uma busca a partir de vídeos, leituras, aulas, ensaios, improvisações e inspirações, a partir de artistas como Nildinha Fonseca, já mencionada no texto, e que também representou lansã nos espetáculos do Balé Folclórico da Bahia, artista que assumidamente sou muito fã. Posso falar que este solo está sempre em construção, sigo movimentações básicas, mas é no contato com o público, com o espaço e com o toque dos tambores que a dança acontece, sempre se transformando e reelaborando a cada nova edição do espetáculo.

E foi partir das leituras e visualizações de vídeos, conversas, que fui me aproximando das poéticas e movimentações e me apaixonando por lansã e por essa força e energia que é possibilitada a partir de Oyá. Como dançar o vento, como ser precisa e ter energia? “Mulher temperamental, rainha que viveu com Ogum e Xangô, dominando os eguns – ancestrais mortos – que transitam entre o Orum e o Ayê, entre o céu e a terra” (SABINO & LODY, 2011, p. 141), essa é Oyá, orixá à qual tenho muito respeito e relação de aproximação e veneração. Abaixo mais um registro de lansã.



Figura 24 – Iansã nos bambuzais, momento onde ocorrem o passeio e contação de história com o público por entre alguns locais da Charqueada. Foto: Folamí.

Esta imagem é referente a parte inicial do espetáculo, que é guiado por uma atriz e que eu estou localizada no bambuzal em um canto da Charqueada sob o tronco de pé. Estar neste local me leva para outros lugares e me faz passar muitas coisas, no momento deste espetáculo, a cada novo público que passava por mim, e eu ali parada sob o tronco, escutando murmúrios e conversas, sentia novas sensações, inclusive tristeza em imaginar as dores de nossos ancestrais, que inclusive, também doem em mim.

Durante estas apresentações na Charqueada São João, ao longo destes dois anos de apresentações com o espetáculo, muitas experiências boas e outras nem tanto, visto que sofremos críticas por sermos um grupo formado por negros dançando naquele local de horror para o próprio negro, era o que alguns diziam. Felizmente, nós sabíamos o nosso propósito e papel ali, enquanto bailarinos e artistas, mas, principalmente, enquanto negros. Muitos elogios também sobre o espetáculo, a pesquisa, a entrega dos bailarinos, a preservação e a contação dessa

história que faz parte da cidade de Pelotas, trazendo ressignificação deste espaço e mais uma vez, empoderamento para mim.

Fazer parte do elenco da Dança dos Orixás e a repercussão tanto positiva, quanto negativa em função do local, me possibilitou inúmeras reflexões. Cada edição foi como se fosse uma nova apresentação, novo público, novas expectativas sobre o trabalho que seria apresentado e, principalmente, o envolvimento do meu corpo em meio a tudo. Nervosismo, apreensão, entrega e emoção são sentimentos que me acompanharam nestas apresentações.

Confesso que a primeira apresentação foi a mais forte de todas, pois enquanto dançava e realizava meus movimentos escutava vozes e outras coisas que não conseguia discernir direito o que eram. Logo esses medos foram passando e ao chegar na parte de encontro dos orixás tudo ficava mais leve e acontecia a dança de uma forma muito natural, é como se fôssemos os donos daquele local, resistindo a tudo, ao tempo, aos castigos e contando uma nova história de empoderamento e de luta de nossos ancestrais a partir da dança.

Sou grata à dança que faz parte da minha vida, que me faz querer saber mais, buscar mais conhecimentos e levar estes conhecimentos e práticas em dança para os meus alunos, para o outro. Ser bailarina e professora só me evidencia o quanto a prática e a teoria são boas amigas, e devem estar juntas. A partir da dança, enxerguei muitas fragilidades no conhecimento a respeito da cultura afro e, então, foi dançando que percebi que construímos e refletimos sobre esses conhecimentos, e em um dos espaços que são fundamentais e que simultaneamente é tão carente dessas discussões, que é a escola, onde tenho me proposto a levar estes saberes.

É impossível que estas experiências, e inúmeras outras que me possibilito experimentar, não sejam, de certa forma, uma interferência positiva e instigadora em minha formação, não somente como bailarina, mas, principalmente, nesta professora que se forma dia após dia. As Danças Afro estão presente em todos os momentos da minha vida, seja em minhas práticas, naquilo que eu observo nas mídias e em minhas leituras. Dançar para mim está para além do ato físico, o ato de movimentar-se, está na minha filosofia de vida, está no que me move para os saberes que me interessam e que circundam o meu fazer diário.

Ao longo fui desenvolvendo os saberes que subsidiam minha prática de vida, danço, me envolvo, pesquiso, frequento cursos, palestras, espetáculos, trazendo para a minha rotina conhecimento, o “intelecto”, informação para minha prática de

vida, artística e pedagógica, (re) afirmação da minha identidade. Nesta via de mão dupla, tripla, quadrupla, eu faço destes saberes alimento para minha alma: corpo, movimento, dança, memória, ancestralidade e oralidade.

Eu estou dentro das fontes de pesquisa utilizadas aqui, pois sou meu próprio sujeito de pesquisa, e é olhando para as minhas memórias e práticas que faço uma ação-reflexão e reflexão-ação destas, em todos os sentidos possíveis e impossíveis, pois segue para além de vida minha acadêmica, profissional e artística, é uma sabedoria para a vida.

Nessas danças da vida, em 2017, participei no Simpósio Internacional Arte na Educação Básica, em Salvador. O que juntou duas grandes vontades, apresentar meu trabalho pós TCC e visitar esta cidade podendo ter contato com pessoas que me inspiram, neste lugar que bebe da cultura afro-brasileira e respira muito axé. Foram 4 dias intensos de evento, de conversas, palestras, apresentações de trabalhos, fruição de trabalhos artísticos lindos, nos quais me encontrei, me identifiquei, me emocionei.

Estar participando de um evento na UFBA era simplesmente a realização de um sonho. Um sonho para mim que tinha essa pretensão de conhecer, quem sabe talvez de estudar e poder partilhar deste lugar, celeiro do primeiro curso de Dança do país. A ideia de apresentar uma comunicação oral neste local me deixava apreensiva e nervosa, saber que lá nesta cidade, berço das Danças Afro, foi onde tantos expoentes desta dança habitam, onde tantos (as) intelectuais passaram, fizeram formação, onde tantas pessoas negras poderosas desenvolvem os seus trabalhos.



Figura 25 - Apresentação de comunicação oral no evento Arte na Educação Básica – Salvador 2017 – Foto: Leonardo França

Feliz foi a experiência de ter a oportunidade de poder apresentar o meu trabalho neste evento e para estas pessoas, muitos doutores e mestres me ouvindo falar, o que me deixou insegura e também um tanto grata pela iniciativa de envio deste trabalho. O sentimento era de gratidão, pois, ao término da apresentação, recebi muitas contribuições, novas ideias e apontamentos. Foi uma troca incrível, potencializando e incentivando-me para continuar no caminho. Poder falar sobre identidade negra, Danças Afro e também de minha cidade, relacionando e contextualizando com as minhas práticas foi instigador.

Por outro lado, para a minha grande surpresa, um dos poucos trabalhos que falavam sobre as Danças Afro era o meu. Logo, fiquei um pouco frustrada, porque também compreendi que poucos são os negros que estão na academia, ou melhor, poucos estavam participando do evento. Com muitos negros eu pude ter contato nos bairros, em atividades fora universidade, mas no evento, em si, era eu e outros poucos que poderia contar nos dedos. De toda forma foi uma experiência ímpar, pois foram várias atividades que estavam relacionadas com a cultura afro e cultura local e, principalmente, dialogando com a cena da educação básica.

Esse evento foi mais do que um estímulo, pois mostrou o quanto eu gostaria de continuar pesquisando sobre a dança, identidade e identificação étnico-racial,

cultura afro e tudo mais que pudesse estar englobado. Apaixonei-me ainda mais pelo tema, pela cidade e por descobrir e conhecer mais acerca das Danças Afro, o que me levou a busca de mais eventos, leituras, espetáculos, visualização de documentários, filmes, séries que pudessem aumentar o meu leque de conhecimentos.

Assim, em outubro de 2018 contribui na organização local e execução do II Seminário de Dança Afro do RS “Pretagogias no ensino de dança afro”, que ocorreu na cidade de Pelotas. O evento foi idealizado pelos amigos Manoel Luthiery e Rita Lende²⁹ e dividido nas tarefas da produção local, por mim, Raquel Silveira, Bruno Freitas e Maritza Freitas³⁰, sendo realizado no cenário do Colégio Municipal Pelotense, dialogando com as Danças Afro locais, mas, sobretudo com a escola. Esse evento foi de uma contribuição bastante produtiva, trazendo pessoas de diferentes instituições como FURG, UFRGS, UFPEL, Rede Municipal SMED, ONGS e público em geral para juntos pensarmos questões acerca das Danças Afro e cultura afro-brasileira na escola, na educação e nas estratégias de ensino para práticas antirracistas, temáticas urgentes.

Estes eventos fortaleceram e fortalecem, em muitos sentidos, novas amizades e parcerias, reunindo pessoas com interesses e objetivos em comum, todos caminhando por um bem comum. Estar com Raquel, Maritza e Bruno com certeza me fortaleceu e proporcionou estar em contato com Odara e com saberes especiais no que tange a cultura afro-brasileira e a cidade de Pelotas, criaturas abençoadas e que muito fazem pela dança, pela cultura e pelos nossos na cidade de Pelotas, momentos importantes de compartilhamentos de risadas e de conhecimentos. À Rita e ao Manoel só tenho agradecimentos pela oportunidade de estar em contato com ambos, dividindo os nossos saberes locais e compartilhando de seus saberes e amizades que só fortalecem e nos empoderam.

²⁹ Amizades e parceiras de luta, Manoel já apresentado no texto, hoje professor no curso de Licenciatura em Dança – UFPel e Rita Lende, uma grande artista, formada em Dança e hoje Mestranda em Artes Cênicas na UFRGS.

³⁰ Amizades de Pelotas, Raquel e Maritza fundadoras e idealizadoras da ONG ODARA, mulheres de batalha e referências quando o assunto é Danças Afro e cultura afro-brasileira, Bruno bailarino ODARA, amigo e também parceiro nas empreitadas em relação as Danças Afro, estudante ESEF-UFPel.



Figura 26 – Mesa redonda “Negritude na pesquisa em Arte e Educação”, no II Seminário de Dança Afro do RS, 2018 – Colégio Municipal Pelotense. Foto: Leonardo França.

Acima temos uma foto, após uma das mesas, esta com a temática “Negritude na pesquisa em Arte e Educação”, com a presença da Prof.^a Dr.^a Georgina Lima e Prof.^a Ms. Carla Ávila³¹. Essa, entre outras mesas, discussões, oficinas e apresentações, podem contribuir para uma discussão e debate com o público presente, com o foco na dança, na arte e buscando problematizar a partir da cena local, reconhecendo o anseio por atividades, eventos e organizações que problematizem a partir de temáticas como as abordadas no Seminário.

Continuando na busca por conhecimentos, em 2019 retornei em Salvador. A ideia era aproveitar um pouco mais, ver livros, fazer aulas, fruir espetáculos por todos os sentidos, poder ter contato com o candomblé baiano, ir aos Blocos Afro tradicionais, poder respirar um pouco mais desta cultura por todos os poros, ir do Sagrado ao Profano. Nesta ida uma certeza, que eu já havia programado com antecedência, fazer aulas de Dança Afro na FUNCEB e com Nildinha Fonseca, que tanto admiro, me inspira, que emociona, a Iansã do Balé Folclórico da Bahia, já citada aqui no texto, a primeira bailarina e, também, preparadora física do grupo.

³¹ Importantes nomes na cidade de Pelotas quando se trata de Negritude, Cultura Afro e Relações Étnico-Raciais. Professora Doutora Georgina Lima, professora UFPEL, Professora Mestre Carla Ávila, professora da UCPEL.

O primeiro contato com a FUNCEB – Fundação de Cultura do Estado da Bahia foi de muita emoção, pois é um local que oferece tantas aulas de dança, de diferentes gêneros, muita diversidade, e que tantas pessoas pode formar. O local me trouxe uma energia muito positiva e uma sensação de pertencimento, de já ter estado naquele local. Um lugar com muita arte, muita dança, movimento, barulho, risadas e pessoas dançando por todos os lados. Foi um sonho ter o privilégio de estar lá. Então nas segundas e quartas eu era da turma de Nildinha, duas horas de muito suor, Afro saltando nos poros, muito conhecimento e uma turma muito diversa, pois pessoas de muitos lugares do Brasil vão para este curso de férias ampliar os seus saberes e beber desta fonte.

Muito pude vivenciar nestas semanas de aula com Nildinha, e o primeiro ponto que considero de extrema relevância, que faz muita diferença e carrega de axé as aulas, é a presença de músicos que tocam incessante seus atabaques durante a prática corporal, e que deixam nossos corpos nas alturas. É diferente de tudo o que já havia vivenciado até ali, mas sei que há uma mistura de muitas realizações e sensações que se mesclam e me deixavam em êxtase, pois nem sentia o corpo suar e chegar na exaustão.



Figura 27 - Nildinha Fonseca, a professora do Curso de férias na FUNCEB, minha inspiração enquanto mulher negra, bailarina, coreógrafa e professora, em janeiro de 2019. Foto: arquivo pessoal.

Acima uma foto após uma das aulas na FUNCEB, que era realizada na sala 3. Foi um prazer, uma satisfação estar nesta sala e poder participar desta turma do curso de férias junto com esta mestra que admiro muito, e junto de muitos colegas maravilhosos, que dançam muito, sabem muito, alguns que conheço das redes sociais e que também acompanho os seus trabalhos artísticos, representam as Danças Afro em seus contextos, cidades e estados.

Neste Curso observei muitos artistas negros da cena local, e foi interessante perceber o quanto eles circulam neste espaço de dança, FUNCEB, e valorizam muito o trabalho e carreira de Nildinha como uma mulher negra artista da cena soteropolitana que se mantém firme no cenário artístico, fortalecendo as Danças Afro e circulando o Brasil e o mundo, tanto com o Balé Folclórico da Bahia, como com sua dança. Neste curso, além de artistas da dança, outros tantos se uniram ao movimento corporal e afro, por lá frequentando as aulas e seguindo, diríamos, uma ideologia. Digo ideologia, pois por conhecer o trabalho destes artistas, observo que

estes defendem uma causa, a causa étnico-racial, entre estes artistas estão: Liniker, cantora negra e muito ativa nas causas de gênero e raciais, artista homossexual que assumiu identidade feminina; e o artista (global) Fabrício Oliveira, que muito tem aparecido nas últimas novelas, e tem grande representatividade negra, o que também é perceptível a partir de seus posicionamentos nas redes sociais.



Figura 28 – Após uma aula puxada de Danças Afro, Curso de Férias com Nildinha Fonseca, FUNCEB, janeiro 2019. Foto: Acervo pessoal.

Que loucura e feito foi estar neste lugar e com estas pessoas! Ter o privilégio de estar neste celeiro da cultura e manifestações afro-brasileiras, e de fato poder vivenciar a dança, de forma compartilhada, com estas pessoas tão entregues, tão potentes, um ato tão representativo, enérgico e cheio de significados para mim, um resumo de tudo que tenho buscado experimentar. Seguimos dançando, lendo, e vivendo momentos de tensão, mas muitos outros de aliança, e este sentimento que potencializa e dá muita força para continuar e sonhar muito com dias melhores. Aliança de pensamentos, ideias, sentimentos e crenças na arte, na dança, na potência dos corpos que dançam.

Em maio de 2019 começamos a organização e os ensaios para a próxima edição do Espetáculo Dança dos Orixás. Nesta edição contamos com o auxílio colaborativo artístico do artista e coreógrafo baiano Paco Gomes³², que veio somar com saberes potentes, colocando seu toque em nossa preparação corporal, a partir do Método Griolab, método o qual tem se dedicado e desenvolvido, mas, também, trazendo alguns ajustes para a cena. No dia 1º de maio de 2019, mais especificamente, começamos este processo de forma reflexiva e provocativa. Só mais um ensaio da 9ª edição da “Dança dos Orixás”, e Daniel nos relata que o ensaio terá uma dinâmica diferente e que será conduzida por Paco Gomes e, ainda, que, posteriormente, seguirá com ele, Daniel.

A dinâmica foi, na verdade, uma conversa, nada fixado no físico, ou seja, em movimentações, mas em reflexões e conversas que nos tiraram de nossa zona de conforto e nos colocaram para problematizar. Inicialmente foram lançados, para cada um de nós, bailarinos, algumas questões para pensarmos no grupo e, no final, compreendi que eram motifs, ou seja, os estímulos para criarmos uma sequência que se encaixaria em determinadas partes do espetáculo. Assim, fomos provocados para pensar em nossas performances no espetáculo, como nos colocávamos na cena, e como havia sido nossas interpretações nas edições passadas, uma reflexão crítica de si, uma autorreflexão. E as questões que mais me fizeram refletir e, de alguma forma, pensar no todo, em todo o processo, bailarinos, dança, Pelotas, cultura afro e na repercussão deste espetáculo foram: E qual é o objetivo do espetáculo? E como eu estou inserida nesta proposta? Essa é uma questão profunda e que me remete a uma série de outros fatores, que doem, que me representam e que fazem questionar outros aspectos que não tem relação direta com a dança e com a técnica, e que vão para além do que pode ser subentendido por qualquer corpo dançante, mas que é tão compreensível para os nossos corpos negros, e todos que sensivelmente podem partilhar destas sensações e sentimentos. Que atravessam meu âmbito social, artístico, pedagógico, quem eu sou, minhas práticas e crenças de vida.

³² Paco Gomes bailarino baiano, coreógrafo e professor, formado em Dança – UFBA. Hoje professor na Escola de Dança da UFBA e do Curso Livre na FUNCEB.



Figura 29- Aula/ensaio dirigida por Paco Gomes, maio de 2019. Foto: Daniel Amaro.

A foto acima ilustra um pouco dessa experimentação que foi realizada e construída a partir de fragmentos explorados por Paco. Esta foi uma das aulas em que Paco conduziu alguns momentos iniciais, além de algumas criações, aula esta realizada no Espaço de Terapias Corporais Claudia Weigartner. Na foto estou eu e, ao fundo, Paco, observando as movimentações e ao lado Cleber (Ogan) acompanhando no tambor. Quando esses tambores tocam eles têm o poder de nos levar, de nos transportar para um estado que transcende nosso espírito e entendimento. Por vezes estou de olhos fechados e sinto uma leveza, e é como se pudesse sair do chão, o movimento chega aos poucos no corpo e vai tomando conta.

Estas propostas lançadas por Paco foram para nos desafiar, pois já estávamos em nossa zona de conforto, realizando algumas movimentações e sequências que já eram parte de nós, e já estavam inscritas em nossos inconscientes. Logo, entraram em cena essas “modificações”, que foram na verdade aproveitadas a partir de nossos movimentos e organizadas de formas estratégicas na cena, o que deu muito certo, acrescentando novas explorações e dando destaque para as passagens e ligações entre um solo e outro, de cada orixá. Assim, todos os orixás foram colocados em cena e em modo retrato, frente a frente com o público.

Simultaneamente a Dança dos Orixás foi convidada para participar da Montagem de espetáculo da amiga e bailarina Naiane Ribeiro³³. Ela estuda temáticas semelhantes à minha e, neste espetáculo, especificamente, pesquisará acerca do negro e dos estereótipos, o corpo negro. Na primeira reunião da diretora com os bailarinos escolhidos foi possível observar tamanha potência e mensagem que será passada a partir da montagem deste espetáculo, em que os bailarinos são todos negros e tratam de temas tão urgentes, significativos e doloridos, não somente para a diretora, enquanto mulher negra, mas para com eles próprios, bailarinos, 3 homens negros e uma mulher.

Logo, ao começarmos a montagem e o processo de investigação de movimentos alguns métodos têm sido utilizados, de forma que nos sintamos instigados para realizar e criar movimentações a partir do que nos é proporcionado. Um processo denso, que toca as feridas e nos faz refletir, relaciona a cada dia de nossas vidas e experiências que, como pessoas negras, já vivenciamos até aqui. Muitas questões ficam imbricadas nesta reflexão, e logo vem em minha cabeça “o perigo da história única”³⁴, proferido por Chimamanda Adichie³⁵, que relata que lia livros e vislumbrava histórias que eram de uma outra realidade, que não se aproximavam da sua. Assim foi e ainda continua sendo a história que trazemos para nossos pequenos e, especificamente, para as crianças negras. Eu passei por esta história única onde não me via representada e nem identificada com o que era abordado na escola. Os cabelos, os corpos, até mesmo os movimentos. Assim se cria uma história única: conte somente uma história sobre um povo, somente uma coisa, repetidamente, e isso será o que eles se tornarão. Quando falamos de apenas uma história estamos falando de poder, de poder econômico, político e outros tantos que se tornam dominantes.

Para poder contribuir neste processo de construção de personagem, diria assim, também começo a me aproximar de leituras, vídeos, músicas, poemas, autoras. E, conforme, Chimamanda, no vídeo a “História única”, com acesso disponível na plataforma Youtube, “Todas estas histórias fazem-me quem sou, mas

³³ Naiane Ribeiro Licenciada em Dança – UFPEL e minha amiga, parceira de muitas danças, conversas, momentos dançantes na Dança dos Orixás, na Abambaé e outros tantos momentos que compartilhamos juntas.

³⁴ Para saber mais sobre o vídeo, acessar o seguinte link: <https://www.youtube.com/watch?v=EC-bh1YARsc>.

³⁵ Chimamanda Adichie é escritora e feminista nigeriana.

insistir somente em histórias negativas, é superficializar minha experiência e negligenciar as muitas outras histórias que formaram-me”. Trago essa reflexão a partir de momentos em que fui instigada, no processo de criação, onde me remeto à história única que nos foi passada na escola. Essa história única que é passada por aí a fora, e que reforça ideias e conceitos e não dá espaço para outras visões, histórias, reflexões; que engessa nossos corpos a um único padrão, que é branco, e que nos coloca como secundários, como o outro. A única história cria estereótipos.

Concordo com Chimamanda quando aponta que “Histórias importam, muitas histórias importam. Histórias têm sido usadas para expropriar e tornar maligno. Mas histórias também podem ser usadas para capacitar e humanizar [...]”. Me pergunto, qual a importância que estas histórias têm em nossas vidas e na construção de nossas histórias, já que as “histórias podem destruir a dignidade de um povo, mas histórias também podem reparar essa dignidade perdida”. É sobre isso que nossas danças, de certa forma, querem trazer, que nossas abordagens falam, querem proporcionar, de alguma forma, essa outra história, outro olhar sobre estas histórias.

Qual narrativa eu construo do meu corpo? A partir do que? De quem? Gostar do seu cabelo é também gostar do seu corpo e isso para os negros nem sempre é um fato simples. A partir do seu cabelo você constrói uma identidade. Se você se identifica com esse cabelo, com você, esta identidade é construída com amor, com orgulho, com autoidentificação. Olhar para si mesmo, e estar bem consigo mesmo, é um fator que nem sempre é possível para o negro, e é dentro destes moldes que refletimos, problematizamos, ficamos desconfortáveis e incomodados. E assim fica a questão provocativa: O corpo negro incomoda? O meu corpo negro te incomoda? Com muitas questões, provocando, problematizando e fazendo doer, doer muito, o espetáculo vai ganhando formas, e não é tarefa fácil criar, pois ao criar sentimos, sentimos dor, sentimos a dor de nossos ancestrais, a dor que ainda hoje reflete em nossos corpos, no genocídio, no abuso, no apagamento desses corpos. Nasce o espetáculo “Preto é o lugar onde moro”, e a redescoberta do trabalho contextualizado no corpo, este que, segundo Jeudy (2002), pode ser visto como um “objeto de arte”, e, de uma maneira intencional, onde a corporeidade “é uma representação objetiva” (2002, p.57) e coloca-nos, de fato, a sofrer por uma dor que foi e é sentida por todos estes corpos negros, sobretudo, uma dor que é ativada ao acessarmos nossas memórias, e foi no primeiro ensaio no porão, que algumas dores

marcaram presença constante. Abaixo um registro de nosso primeiro ensaio com o grupo no porão.



Figura 30 – Ensaio “Preto é o lugar onde moro”, no porão do Museu do Doce, com a diretora e integrantes do elenco, em junho 2019. Foto: Amanda Corrêa.

O corpo que se movimenta é o mesmo que têm inúmeras vivências, memórias e, ao dançar, acionamos estas passagens e presentificamos esses sentimentos, transformando o corpo numa representação que é repleta de significados e memórias. Quantas foram as situações, danças, movimentos, momentos em que me peguei com a cabeça longe, pensando as mais diversas loucuras, sofrendo, emocionada e vivendo de fato o movimento.

No dia 17 de junho ocorreu mais um ensaio do espetáculo “Preto é o lugar onde moro”, ocorrido à noite, envolvendo outros sentimentos e percepções sobre este local, onde tudo está tão escuro e frio. Chego no Museu do Doce, mais especificamente no porão, e percebo que já não estou me sentindo bem. Cheguei um pouco mais cedo, como o combinado, para passar individualmente a parte coreográfica que compete ao meu solo, para finalizar e ajustar alguns movimentos envolvidos na cena. No momento desta passagem, não somente a diretora do espetáculo está junto, ali se encontram, também, a menina que irá cantar, ou seja,

realizar a parte sonora/musical e também a dramaturga, todas mulheres, mas nem todas negras. E, especificamente, neste solo, muitos sentimentos entram em conflito e tomam conta do meu corpo e dos meus pensamentos, o descaso com esta mulher (eu), a solidão da mulher negra, o corpo objetificado, são estes e outros fatos que proporcionam a dor “(...) foi dessa carne negra que sangrou gota a gota a falta da sua companhia, contei os dias da sua ida marcando na pele... rasgando a epiderme... deixando uma ferida”. (DUARTE, 2016).



Figura 31 – Ensaio do meu solo no Espetáculo “Preto é o lugar onde moro”, realizado no porão da SECULT, em junho de 2019 – Foto: Naiane Ribeiro.

A foto acima foi retirada das redes sociais de Naiane Ribeiro, diretora do espetáculo “Preto é o lugar onde moro”. Esta imagem retrata justamente o meu solo, única mulher negra que dança o espetáculo, e traz um registro que contém uma reflexão, a questão da solidão desta mulher, conforme Mel Duarte (2016). Registro

este que também faz parte de meu diário, junto com outros de muitas conversas com Naiane, sobre o tema “a solidão da mulher negra”. Este texto, que é mencionado na foto, busquei nas redes sociais e trouxe para incluir aqui, compartilhando destas dores e solidão. Este ensaio retratado na imagem foi pesado, puxado, e também refletiu uma semana pesada, confusa, com muitas exigências, daquelas que nós mulheres nos colocamos, além, é claro, da sociedade. O que esperam da gente, e a gente também espera de nós, parafraseando o cantor Lenine.

Nesta cena fica evidente uma mulher que esta sufocada, sufocada pelos problemas, uma mistura de sentimentos, um conflito. Entram os meninos no final do solo, eles circundam e, com os olhares, a diminuem. Este processo faz sofrer, e reúne inúmeras sensações que marcam a vida e a pele de mulheres negras, o que se passa em mim, e que também entra em conflito com outros sentimentos que estão em ebulição. Sinto um cansaço que passa pelo corpo físico, mas que inicia no psicológico e me leva a um estado de tristeza, tristeza por tanto ocorrido, algo estranho que deixo tomar conta do meu corpo.

No ensaio, a energia que rolou foi o suficiente para nos esgotarmos. E o meu solo sempre me remetia a algumas dores, físicas e psicológicas. Físicas, pois me jogava com tudo, nas paredes, puxando os cabelos e até mesmo saindo roxa; e psicológicas porque passam muitas situações em nossa cabeça. São sentidas todas as pressões que a sociedade impõe e cobra de uma mulher, como mencionado no outro parágrafo, o que esta sociedade espera de nós, sobretudo, mulheres negras.

O ensaio se estendeu, e ao final percebemos que foi bastante proveitoso. Conseguimos passar a cena final algumas vezes repetidamente, ainda que com a falta de um dos bailarinos, mas a cena ficou muito afinada. Embora tenha sido um ensaio bastante favorável, senti, ao final deste, alguns desconfortos. Com a sensação de dever cumprido, ainda que possa doer, pois dói, ainda é dolorido o processo de realização deste espetáculo, e as questões que abordamos, vivenciamos nele, junto com ele. No pós cena fico refletindo muito sobre os cuidados com o meu corpo, e principalmente com meu lado espiritual e psicológico, pois, como me encontrava doente (processo alérgico, rinite/faringite), me percebi pensando na saúde e também no estado de espírito, já que envolvem tantas forças e sentimentos nestas cenas, assim, como em todo o processo de concepção deste espetáculo.

Eis que chega o dia tão esperado. Poderia ser mais um dia como outro qualquer, mas é atípico, pois depois de tantos dias calorosos, inicia o 24 de junho com uma manhã muito fria, um dia muito frio e um sol lindo. Acordo e sigo para escola, onde passo minha manhã trabalhando, realizando minhas atividades docentes, pois não consegui liberação para, junto com meus colegas de espetáculo, poder me concentrar. Estou na escola e o pensamento está dividido, enquanto os outros já estavam no porão do Museu do doce concentrados e organizando a rotina para as três sessões distribuídas ao longo do dia, eu estou ali apreensiva e nervosa, algo que normalmente nunca acontece. O pensamento era só um, e o nervoso tomando conta do corpo ao me lembrar de tamanha responsabilidade ao apresentar este espetáculo.

O dia foi frio, forte e intenso. Fazer parte deste espetáculo, com estas pessoas e neste lugar, com certeza é algo que marcou a minha existência. Após as 3 sessões e tantas emoções, expectativas, dores, abraços e lágrimas, resumo este dia com resistência. Dançamos, esbravejamos através de nossos movimentos, sofremos, mas foi um sofrimento de liberdade, de hoje estarmos vivos e lutando pelos nossos, um grito de resistência por nós, pelos que já se foram e pelos que ainda vem. Abaixo segue uma foto descontraída do grupo ao final do dia e das três sessões de apresentações, entre bailarinos, músicos, assistentes e diretora.



Figura 32 – Elenco completo “Preto é o lugar onde moro” após a última sessão de apresentações.
Foto: Amanda Correa.

Ao trazer minhas vivências e, juntamente delas, algumas fotos, é na ideia de compartilhar o quanto fizeram sentido, modificando-me, ao ponto de estarem aqui partilhando desta escrita comigo. Muitas são as situações diárias que me tocam, vários são os momentos dançantes que me fazem pensar sobre a importância de narrar, escrever, cutucar e fazer com que a sensibilidade possa proporcionar não só momentos de emoção, mas de desacomodação, colocando o outro para sentir e pensar junto com a gente.

A dança enquanto uma linguagem artística pode ultrapassar os limites do movimento. Ela interroga, aponta caminhos, cria dúvidas, tira o indivíduo da sua zona de conforto e tem o dever de fazê-lo pensar. Arranca lágrimas, emociona, faz suspirar e também faz doer. Danço, logo existo! Estas são as minhas formas de dançar e possibilitar não somente a mim, mas, também, aos outros momentos do pensar, sentir e fruir dança.

6. Educação e práticas antirracistas na escola: experiências de uma professorartista

Quando nos remetemos à atual escola que está posta para nós em nossos dias pensamos numa escola que seja plural e diversa, que compreenda os indivíduos na sua totalidade e nas suas diferenças. Logo que seus conteúdos, reflexões, bem como, o seu currículo, sejam pensados nestes parâmetros, que conjuguem que, aos trabalharmos com diferentes indivíduos, partilhamos de um currículo que deve engendrar uma diversidade, tanto com relação ao seu público-alvo, mas, principalmente, na formulação do material/conteúdo a ser trabalhado para esta dita diversidade. Para tanto, vamos pensar a partir da perspectiva de uma abordagem da educação que contemple e/ou inclua a Lei 10.639.

Se refletirmos, muitos são os documentos legais que amparam para o trabalho com a educação para as relações étnico-raciais e, para além da lei, que foi implementada em 2013, podemos pensar na instituição dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's), e na inclusão do tema transversal "Pluralidade cultural", que dá conta de abordarmos conteúdos contemplando a diversidade, conforme o Ministério da Educação (1997). Assim, o documento, conforme Petronilha Silva (2007, p. 49):

Admite a diversidade como parte da identidade nacional, como marca da vida social brasileira. Diversidade, no entanto, ainda tratada como diferenças étnico-raciais que se realizam em convivência harmoniosa, mesmo diante das inúmeras provas em contrário na sociedade e em suas instituições, dentre elas, as escolas.

A escola, como já dito anteriormente no texto, é o local onde diferentes sujeitos partilham do mesmo currículo, sujeitos com diferentes experiências e histórias de vidas, que carregam consigo suas marcas, as suas territorialidades, enquanto pessoas que são demarcadas por espaços de convivências e grupos de pertencimento (GADEA, 2013); que influenciam na formação dos indivíduos, esta que advém tanto de suas famílias, como de seus bairros, amigos e grupos sociais; que influenciam e vão formando este sujeito. Logo, este indivíduo traz consigo a sua cultura e traços que formam o seu jeito de ser no mundo.

Quando me reporto às minhas realidades frente à escola, penso na experiência que obtive enquanto aluna de escola pública de Pelotas, do pré até a antiga oitava série e no ensino médio. Creio ter feito parte de um currículo, posso dizer, funcional e melhor, que pensava no aluno, não enquanto um ser único, individual e com experiências que influenciavam no todo, mas que me percebia no coletivo. Logo, pouco me enxergava enquanto Juliana, e um ser com particularidades.

A ideia aqui não é levantar críticas, até porque creio que o currículo com o qual tive experiências reflete muito da época em que situava o tipo de educação que estava vigente nos anos 90 e no início dos anos 2000. A reflexão que quero trazer aqui neste texto é de pensarmos em uma escola que pode estar incluindo saberes outros que por vezes não são valorizados, e nem estão oficialmente no currículo, pouco são implementados e contemplados de fato.

Como trago em minha fala, a escola perpetua determinadas ações, assim como conteúdos, posturas, exigências, e outros tantos fatos que circundam o espaço escolar. Conforme a autora Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva (2011, p. 62), “é preciso que se compreenda como processos de aprender e ensinar tem se constituído, entre nós ao longo dos 511 anos de história de formação da nação”. O currículo é formado a partir de conteúdos que foram formatando nossa forma de pensar e, que, com certeza, refletem e mostram relações de poder, tão logo muitos destes conteúdos ainda continuam trilhando nossas escolas e não dando abertura a outros.

Penso que é interessante esta passagem de Petronilha, pois ao pensarmos nessa história da formação da educação, ao longo dos anos, algumas necessidades foram sendo reforçadas, mas penso que nunca foram enxergadas, de fato, como necessidades para os saberes escolares. Já hoje não podemos deixar com que algumas coisas fiquem de lado, vivemos em um momento atual em que questões referentes aos aspectos que tangem aos conteúdos afro-brasileiros estão muitos escancarados, e que nos impõe um pensamento de atenção para o trabalho com estes conteúdos na escola, estes que ao longo do tempo não foram pensados e que talvez, se tivessem sido incluídos, pudessem ter ajudado a diminuir, promover, refletir e prevenir situações que ainda hoje acontecem na escola, e em diferentes contextos sociais.

Logo, é necessário pensarmos nestes espaços de formação como locais propícios para trabalharmos com estes saberes que abarcam a cultura afro, como nos apresenta o Ministério da Educação do Brasil (2005, p. 11):

Na educação brasileira, a ausência de uma reflexão sobre as relações raciais no planejamento escolar tem impedido a promoção de relações interpessoais respeitáveis e igualitárias entre os agentes sociais que integram o cotidiano da escola. O silêncio sobre o racismo, o preconceito e a discriminação racial nas diversas instituições educacionais contribui para que as diferenças de fenótipo entre negros e brancos sejam entendidas como desigualdades naturais. Mais do que isso, reproduzem ou constroem os negros como sinônimos de seres inferiores. O silêncio escolar sobre o racismo cotidiano não só impede o florescimento do potencial intelectual de milhares de mentes brilhantes nas escolas brasileiras, tanto de alunos negros quanto de brancos, como também nos embrutece ao longo de nossas vidas, impedindo-nos de sermos seres realmente livres “para ser o que for e ser tudo” – livres dos preconceitos, dos estereótipos, dos estigmas, entre outros males. Portanto, como professores(as) ou cidadãos(ãs) comuns, não podemos mais nos silenciar diante do crime de racismo no cotidiano escolar, em especial se desejamos realmente ser considerados educadores e ser sujeitos de nossa própria história.

Por ser negra e por reconhecer o quanto a escola ainda está longe de trabalhar com os saberes de uma pedagogia negra, se é que posso falar assim, admito que a escola ainda tem dificuldades para trabalhar com os saberes da cultura afro-brasileira e, logo, de identificar situações que a partir destas abordagens poderiam ser evitadas se refletidas e vivenciadas pelos alunos. Nesse sentido, entendo a dança como um campo potente para estas discussões, que me permitem, aos poucos, transitar por outros saberes.

Retornando a minha vida escolar, tento me lembrar dos momentos em que percebi as Danças Afro e a cultura afro-brasileira latente nos saberes escolares e, infelizmente, não recorro de nenhum momento. Claro que compreendo que a Lei 10.639, que torna obrigatório o ensino da história e de cultura afro-brasileira na escola, de certa forma, é recente, 15 anos, tendo sido implementada em 2003, e, talvez por ser recente, após este meu período na educação básica, justifique um pouco essa ausência.

Os traços de minha geração enquanto memórias de um conteúdo que abarque a cultura afro-brasileira na escola me permitem lembrar que a escola dava conta de lembrar a escravidão, que foi um fato muito triste em nossa realidade no Brasil, mas que talvez não o único que transpasse os negros no

processo histórico em nosso país, ou seja, será que foi somente neste momento em que o negro se fez presente em nossa história?

A escola é uma das instituições sociais responsáveis pela construção de representações positivas dos afro-brasileiros e por uma educação que tenha o respeito à diversidade como parte de uma formação cidadã. Acreditam que escola, sobretudo a pública, exerce papel fundamental na construção de uma educação para a diversidade (GOMES, 2008, p. 41).

As questões étnico-raciais estão presentes no ensino básico? É uma questão discutida por todos no campo da escola? Só os professores negros devem discutir? Como se dá estas articulações na prática escolar? Os professores estão preparados para trabalhar com estes conteúdos? E as escolas?

Reflito diariamente estas questões e observo o quanto a escola, bem como os professores, tem proporcionado que os conteúdos que se relacionam com a cultura afro-brasileira, e no meu caso mais especificamente as Danças Afro, como que estes professores tem possibilitado estas práticas, ações que promovam de fato o ensino que prevê a Lei 10. 639. E, desta forma, compreendendo o quanto é necessário reformular o currículo escolar brasileiro, relacionando-o a temas próprios desses universos culturais e inserindo o aluno na realidade de uma educação multicultural (SILVA, 2016) e próprio das vivências de cada um, especificamente em Pelotas, visto a realidade local.

Entendemos formação conforme aponta Dominicé (2010, p. 94), como “um processo de socialização, do qual contextos familiares, escolares e profissionais constituem lugares de regulação de processos que se enredam uns nos outros”. Nesse sentido, o professor está incluso na formação do sujeito, e a ele cabe selecionar os conteúdos que fazem parte do ensino-aprendizagem, mas ele pode ir além, incluindo aspectos que podem fazer parte da vivência e da vida de cada aluno, contribuindo para a formação do ser humano na sua totalidade.

A escola pode, sim, fornecer parâmetros para sistematização e apropriação crítica, consciente e transformadora dos conteúdos específicos em dança e, portanto, da sociedade. A escola teria, assim, o papel não de “soltar” ou de reproduzir, mas sim de instrumentalizar e de construir conhecimento em/por meio da dança com seus alunos, pois ela é forma de conhecimento, elemento essencial para a educação do ser social (MARQUES, 2012, p. 26).

A Dança, como agente de transformação, fornece ao aluno mediante a sua prática não somente aquele saber específico da dança, mas o que engloba outros saberes como novos conhecimentos e até mesmo a adoção de novas posturas. A meu ver, cabe ao professor trazer à turma o que julga necessário para despertar não somente a experiência prática, mas a reflexão, a percepção de que todos nós fazemos parte da cultura afro e, que, embora esteja somente visível no negro, perpassa todos os brasileiros.

Não há como pensar na relação da prática docente com a construção da aprendizagem sem inferir nos papéis artístico, social, informativo e cultural do professor diante dos alunos. Na abordagem do professor fica claro que, ao trabalhar com os ensinamentos que são de origem da própria dança, muitos saberes despertam e passam a fazer parte do universo afro, que compreende muito além dos saberes técnicos e que, por vezes, extrapola para saberes que acompanham a vida de cada aluno, principalmente o aluno da etnia negra. Como professora negra tenho a preocupação constante em trazer as experiências em dança, articuladas a contextualização local, e, relacionadas com a minha história de vida.

Atualmente vejo que minha atuação como bailarina tem reverberado positivamente entre os alunos que fazem parte das escolas nas quais trabalho. Percebo que ser professora nestes espaços, e ser bailarina de Danças Afro, de certa forma, fez surgir apontamentos dos mais diversos, assuntos estes que formaram minha opinião enquanto a professora que sou, e que também me possibilitam observar a formação dos meus alunos a partir do que é levado para eles a partir das práticas que tenho feito.

Quando penso na prática docente do professor na sala de aula penso nas aproximações que o professor preocupado com a formação de seus alunos pode levar em consideração nos planejamentos de aula. Penso nas relações considerando esta lacuna que a escola deixou durante muito tempo em relação à cultura afro, muitas questões importantes de serem discutidas, e que por vezes eram resumidas em datas festivas “cumprindo” com as exigências de lei, mas com pouco aprofundamento.

Como professora penso formas que possam estar sempre incluindo estas questões na escola e em minhas práticas docentes, e encaro isso como uma espécie de dever, enquanto professora e mulher negra, de educar para a

diversidade, promovendo saberes que possam incluir todos, além de promover e valorizar a história e cultura afro que é tão pouco difundida na escola. Desvelar e refletir sobre questões, mas principalmente valorizar a cultura afro a partir da prática das Danças Afro, que é o meu chão, meu campo de atuação e substancialmente de onde parto de grande parte das discussões, sendo esta a minha forma de colocação destas questões em pauta e visibilidade na escola, este é o meu lugar de fala.

6.1. Dançando na escola: possibilidades e vivências em relações étnico-raciais

Interessam-me falar sobre as Danças Afro, seus saberes e fazeres no ambiente escolar. Por incrível que pareça, eu, bailarina de Danças Afro convicta, sou professora de dança na escola, mas na mesma que trabalho com dança, especificamente, não trabalho com esta poética, claro que por vontades administrativas da própria escola na qual fui contratada como professora do Estilo livre e Jazz³⁶. É claro que, independente do estilo que abordo nesta escola em minhas aulas, sempre que possível e dou meus “pitacos” e minhas aulas de Danças Afro entre uma prática e outra. Assim, minha experiência com dança na escola, atualmente, está relacionada a duas realidades: a primeira se dá na Escola “A”, uma Escola filantrópica, cristã que tem o Ensino Fundamental completo, onde trabalho com dança Jazz e Estilo Livre no componente extracurricular desde o ano de 2014. Na segunda escola, sou professora de Educação Física, esta Escola, considerada “B”, é uma Municipal com o Ensino Fundamental completo, onde atuo desde 2015.

Ao pensar em minhas práticas nestas escolas penso que tenho liberdade para possibilitar as vivências em Danças Afro, embora em uma dessas seja professora de outros estilos de dança. Confesso que é na escola B onde trabalho com a Educação Física que tenho me comprometido de forma fiel desde 2015, realizando atividades que se relacionam à história e cultura afro-brasileira, e desta forma,

³⁶ Estilo Livre e Jazz, são estilos de Dança, o primeiro dá a liberdade para coreografar e experimentar movimentações não enrijecidas em uma poética só, podendo ser mesclados movimentos de diferentes estilos. O Jazz traz movimentações do balé clássico, mas como surge simultaneamente ao ritmo Jazz, diz-se que sua manifestação corporal é influenciada pela música e cultura negra.

programando inúmeras atividades para incluir assuntos afins, entre eles, a dança e, especificamente as Danças Afro, mas não estando restrita somente a esta temática.

De 2015 para cá muitas atividades já foram realizadas na escola B, valorizando a cultura afro e possibilitando que os alunos possam dialogar com estas abordagens, de forma que também possam participar dando ideias de atividades para incluirmos. Abaixo segue uma foto de vivência em capoeira, que eu mesma ministrei com os colegas.



Figura 33 – Conversa sobre a cultura afro na Cidade de Pelotas e vivências de capoeira com alunos, 2017. Foto: Acervo pessoal.

Quando penso na escola, em ambas as realidades, já tive meus momentos e experiências de trabalho com as Danças Afro e, destas práticas, reflexões acerca de conhecimentos da cultura negra, que é também o que me interessa desdobrar no ambiente escolar. Trabalhar com as africanidades na escola, e especificamente com as Danças Afro, é um grande desafio, pois, em seus fazeres, outros saberes estão imbricados, além de tabus e conservadorismos carregados de estereótipos e preconceitos.

Na escola “B” foram mais momentos proporcionados com relação às danças. Não tenho muito claro quantas aulas em formato de oficina já foram ministradas por mim, digo em formato aula – oficina, é um aulão, onde abro a prática para várias

turmas ao mesmo tempo, logo, consigo também ampliar o tempo de duração, pois faço combinado com outras professoras para liberarem um tempo de seus períodos e a prática poder prolongar –.

Uma das experiências que achei mais gratificante e sábia ocorreu em 2017. Eu sempre realizando estas oficinas, sempre refletindo também sobre a repercussão destas, e, nesse referido momento pensei: este ano vou tentar algo diferente! A ideia era ter música/percussão ao vivo para aula. Logo, inicialmente pensei em um amigo que sempre toca, ou até mesmo em alguns meninos que tocam lá na Cia Daniel Amaro para dançarmos. Porém, revisitando os pensamentos lembrei que certa vez tinha visto um de meus alunos da escola em uma procissão da religião afro-brasileira no centro da cidade, e, então, isso ativou a ideia. Organizei toda oficina, inclusive com a ideia de trazer apontamentos e imagens antes da prática para contextualizar. Anteriormente a oficina, fiz o convite ao aluno “X”, que eu havia visto na procissão, já sabendo que este era de religião afro, pois ele sempre me contava de suas atividades na terreira de seu avô. A partir disso, então, a ideia se fez realidade, o aluno aceitou o convite e ficou empolgado com a ideia de tocar para os colegas dançarem. Empolgado contou-me tudo o que poderia fazer, cantar, e eu fiquei feliz da vida com aquele momento que seria muito interessante para todos, inclusive para ele.

Ao iniciar a oficina fiz toda uma colocação de imagens, e uma fala relacionando o negro na cidade de Pelotas, bem como sobre a contribuição negra nesta cidade. Logo, muitas dúvidas vieram e o papo rendeu, o que me deixou muito feliz neste aulão, que foi realizado separadamente, primeiro para as turmas do 1º, 2º e 3º e depois para o 4º e 5º ano do Ensino Fundamental. Ao refletir sobre essas atividades vejo o quão enriquecedor foram estas ações, uma vez que os alunos participam bastante trazendo suas dúvidas, curiosidades, colocações e também suas experiências.

Em uma destas turmas um aluno que sempre tem resistências sobre atividades corporais, e que eu já havia preparado anteriormente, veio cheio de questionamentos e resistências quanto ao que estava sendo proporcionado na oficina. Eu já conhecia a realidade daquele menino, pois este mesmo, em outras oportunidades, também já havia mostrado resistência. Sei que o mesmo tem crenças em outra religião, que infelizmente lhe priva de algumas práticas, mas, com jeitinho e conversa vamos convencendo e lhe incluindo nas práticas, sempre

dialogando sobre a sua importância, independente das religiões. Abaixo uma imagem referente a uma das oficinas realizadas na escola B.



Figura 34 – Oficina de Danças Afro, ministrada por mim, na Escola B, para alunos dos Anos Iniciais, 2017. Foto: acervo pessoal.

Embora tenham essas interferências em nossas ideias e propostas, são esses os desafios que enriquecem o processo, pois, ao final, o aluno entendeu o que eu estava falando. Fez perguntas, colocou suas ideias e, na hora da aula prática, mais uma vez eu o convenci, e ele ficou grudado em mim, praticou a aula e, por vezes perguntava se aquilo era uma terreira. Eu, durante todo momento passei explicando que aquilo não era uma “terreira”, como ele falava, e que era uma aula de Danças Afro, e que havia, ainda, a participação do colega, fazendo a música ao vivo, e que sim, este colega fazia parte da religião afro. Sobre este ponto ressalto a importância de trazer estes conteúdos e abordagens para as aulas e para as vivências das crianças, visando a quebra de conceitos arraigados em cada um. Entendemos que “o desconhecimento de experiências de ser, viver, pensar e realizar de africanos, faz com que ensinemos como se vivêssemos numa sociedade monocultural” (SILVA, 2011, p. 30), e neste fato está o perigo da história

única. Por isso devemos contemplar outras histórias, proporcionando este contato para os alunos e até mesmo para nossos colegas professores, fomos educados por uma escola pautada nos conhecimentos acerca da Europa e continuamos perpetuando estes saberes, sem ao menos levarmos os nossos.

É por experiências como esta que vale muito a pena continuar, contribuir com o pouco que conhecemos. Colocar os alunos para dançar, deixar que estes questionem, apontar caminhos e, junto com eles, pensar. As práticas geralmente são muito boas, me desafiam e também desafiam os alunos. Eles trazem questionamentos puros, de crianças que estão em formação e necessitam de intervenção e da mediação de adultos, educadores. Percebo que estas colocações que aparecem nas práticas só contribuem para o processo e que, junto destas, muitas outras surgem. Abaixo um registro de uma das atividades em relação às Danças Afro, agora na Escola A.

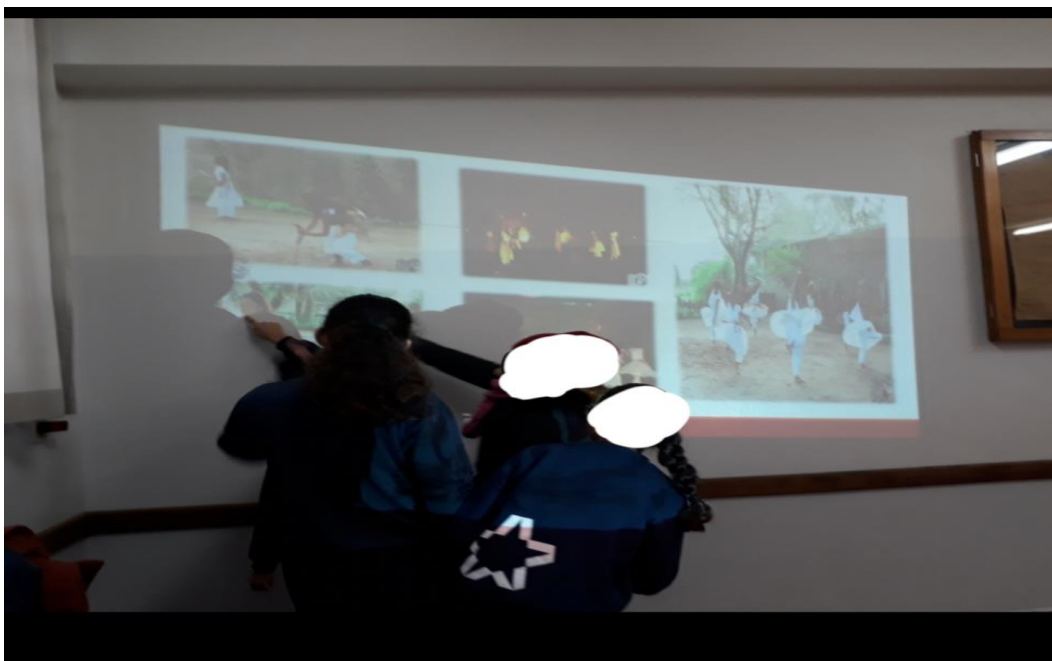


Figura 35 – Conversa Cultura negra pelotense e oficina em Danças Afro, ministrada na Escola A, 2017. Foto: Acervo Pessoal.

Neste dia realizei uma conversa com o uso do *powerpoint*, onde illustrei imagens minhas e as práticas das Danças Afro, além dos vídeos. Ocorreu uma conversa muito legal, na qual as alunas puderam falar sobre o que sabiam e o que já haviam visto e experimentado sobre, além, também, de conversarmos um pouco

sobre a Dança dos Orixás e elas trazerem um pouco de seus conhecimentos sobre as religiões afro-brasileiras. Após a nossa conversa, realizamos a oficina com direito a improvisação em Danças Afro e criação partindo das bailarinas. Além, também, de uma improvisação em Danças Afro minha, a pedido delas.

Ao conversarmos sobre estas questões muitos não se viam como negros, assim como também não me viam como mulher negra, haja vista todo o processo de apagamento que sofremos, e também a ideia de quer ser negro é estar vinculado ao que é ruim, pois sempre surgem as conversas sobre “cor de pele”. Inclusive, também, já conversamos e realizamos atividade sobre essa temática “Qual cor é a sua?” para quebrarmos com a ideia da pele que se refere à cor salmão, a qual ninguém tem. Para tal atividade levei meus lápis de cor e também um livro para instigar a discussão. Abaixo um registro do meu diário, juntamente com outros registros.

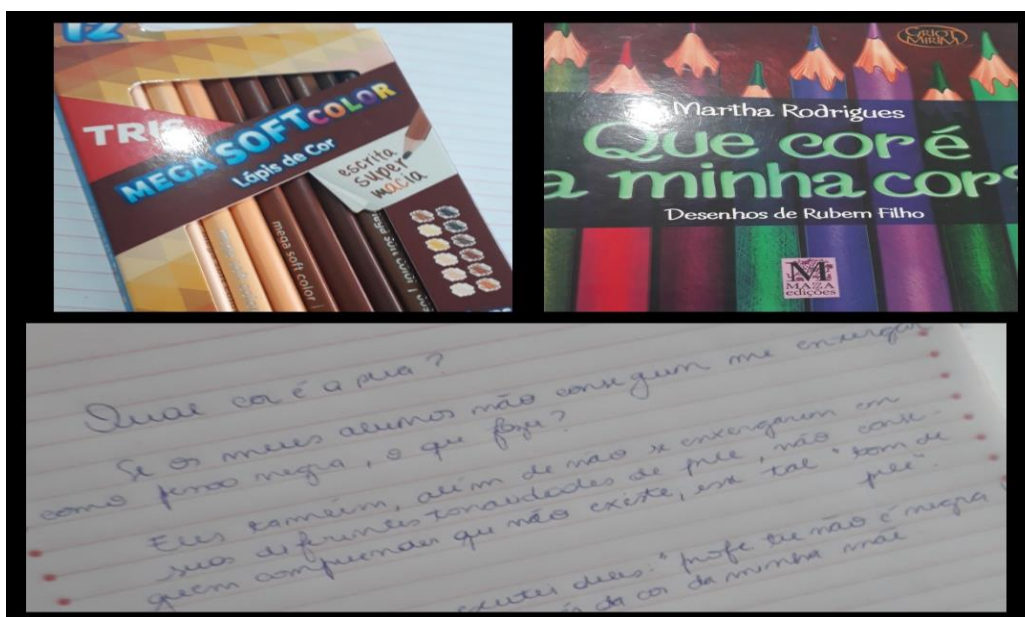


Figura 36 – “Qual cor é a sua?”, realizada com alunos das séries iniciais da Escola B, registro e observações retiradas do Diário de processos, 2018. Foto: Juliana Coelho.

Senti a necessidade de realização desta atividade, visto a dificuldade de perceber as nossas diferentes tonalidades de pele, sobretudo, a minha, e pelo fato de muitos não me enxergavam como pessoa negra. Alguns dias depois desta atividade uma aluna me levou um desenho meu, e ali eu estava negra. A partir

desta também recebi repercussões das conversas e atividades sobre nossos tons de pele, e entendo que são nestas pequenas conquistas diárias que algumas mudanças ocorrem, mudanças de postura, atitudes.

Também tenho chamado a atenção para os termos que nossos alunos utilizam, principalmente, nas séries finais. Alguns termos, quando proferidos, sempre tem o meu cutuque e problematização. “Coisa de preto”, “Fazendo negrice”, “Cabelo ruim”, “A coisa tá preta”, eu logo digo que se a coisa está preta então está boa. Muitas destas frases e provocações também são repetidas e passadas por eles, e acredito que a mudança está aí, em levar aquilo que pode marcar cada um deles para que eles também sigam reproduzindo, em suas famílias, com suas amizades.

Ser professor e atuar frente ao processo das relações étnico-raciais para mim é isso, é uma busca de práticas e vivências que possibilitem uma luta antirracista, onde possamos dançar, pensar e problematizar conjuntamente. Hoje não deixo passar nenhuma situação que eu considere de “pré”-conceito, e o mais importante é que os próprios alunos reconheçam e também adotem essas posturas, levando estes hábitos para as suas vidas e para as suas ações diárias.

7. TORNEI-ME NEGRA: notas para uma próxima dança

Ao chegar aqui retomo algumas discussões na certeza de que embora esta luta seja minha, ela é tua, ela é de todos nós! Eu tornei-me negra, e diariamente torno-me negra, todos os dias de formas diversas. Espero refletir, como um ato de espelhamento, este enegrecimento por todos os lugares em que passo, por todos os espaços onde puder, dançando, falando, trocando um olhar, através de uma ação, de uma palavra.

O encontro com a autoetnografia me possibilitou olhar para mim mesma, o autoconhecimento desta pessoa que aqui vós fala, que hoje conhece um pouco mais dela mesma, de sua família, de suas origens e senti-se feliz por estas passagens, memórias. A autoetnografia é a possibilidade do encontro, o que me permitiu a assunção de mim mesma, de ser essa que percorreu este texto, através de conceitos e possibilidades outras de uma arte e pedagogia que possa enegrecer outras pessoas mais, além de mim.

Esta escrita, mediada por este método, me possibilitou não separar o meu fazer artístico-pedagógico do fazer investigativo, o que certamente enriquece o que sou em todos os aspectos, visto que minhas práticas são um reflexo das minhas crenças, e minha investigação uma extensão das minhas práticas. Logo, eu sou estas em todos os âmbitos, não há como separar a teoria da prática e/ou prática da teoria, uma é outra, e ambas são este estudo e a professorartista que sou.

Quando olho para minha história e os atravessamentos que a dança me possibilita trabalhar em minhas práticas, julgo esta a excelente forma de contar as histórias de um povo, romper com tabus, valorizar a cultura negra e a preservação desta, principalmente na Cidade de Pelotas, a qual respira estas histórias. A escola precisa trazer esses conteúdos que são previstos por lei para o seu interior, colocar os alunos negros como protagonistas da história que pouco é contada no ambiente escolar, possibilitando que estes sujeitos façam parte e se sintam incluídos na formação do povo brasileiro, bem como na sociedade pelotense.

Penso que são estas vivências no campo pedagógico e também artístico, que me formam como professorartista e que me instigam a seguir, a questionar, a incluir estes saberes nas minhas atividades. Levar o conhecimento através do corpo, através dos meus relatos e experiências de vida, dos espetáculos, como mulher negra, deixando os alunos curiosos, mostrando a potência da dança e o

quão rica é a história da cultura afro-brasileira, vasta e empoderadora. E foi na escola que percebi que muitos alunos, ainda que inconscientemente, já tinham, de alguma forma, esta corporeidade que suscita as Danças Afro em seus corpos, seja no sacolejar de seus quadris, seja no bater palmas na roda, e é assim que trago essas aproximações com as Danças Afro, com a dança que é algo tão bom e libertador para o centro de nossas discussões, abordando diferentes temáticas.

Ao incluir estas ações eu possibilito, também, outras discussões, principalmente no que tange à identidade étnica dos alunos e, claro, a minha. Dançando e problematizando, autoafirmando minha identidade étnica-racial e, em minhas práticas, eu torno-me mais negra. Com minhas atividades pedagógicas e artísticas sinto-me empoderada e pronta para empoderar e provocar tantos outros. A autoafirmação que as Danças Afro me proporcionam sem dúvida me impulsionam a cada vez querer mais, mais por mim e por todos que precisam de representação, valorização e autoidentificação.

A Dança atua como um empoderamento potente, que proporcionou a mim experimentar e conhecer a cultura dos afro-brasileiros. Tem um papel fundamental no meu processo de formação negra, de autoconhecimento e autoidentificação, fortalecendo quem sou, uma ponte de saberes em minha formação pessoal e profissional, que me faz circular entre mundos inimaginados e levar junto comigo, outras pessoas.

Como professorartista da dança, preocupada com questões que inicialmente nasceram de uma problemática que vem de imbricações minhas, torno-me a professora e a artista que creio estar sensível e disponível para trabalhar com estas temáticas. Emprestando, dessa forma, o meu corpo, ou melhor, sendo este corpo permeado por essas intersecções que me marcam e que sou eu e que me emocionam e me fazem pensar a dança, a serviço destes saberes, um meio e um fim.

Imagino uma escola e uma educação mais negra, em que estes saberes sejam abordados, sem que tenha a Juliana, ou outra professora negra para estar lá intermediando e provocando os envolvidos com a instituição para incluírem práticas antirracistas. Na qual os conteúdos e vivências que estão relacionados a lei 10.639, sejam espontâneos e que estas não sejam ações isoladas, mas que as escolas consigam enxergar a importância e a necessidade de inclusão destes saberes.

Concluo percebendo que muito há de ser feito e pensando que são em nossas posturas e ações que podemos mudar a realidade que nos circunda. Ao que tange o “auto”, eu, como ser que me transformo diariamente, sinto-me com a escrita inacabada, na ideia de que muitas vivências ainda virão, que tantas outras não menos importantes não puderam estar aqui. Muito ainda há de ser pensado, experimentado. Sinto que gostaria de escrever mais, observar mais, ler mais sobre este tema que envolve tantas particularidades, e que, substancialmente, não irei dar conta aqui. Imagino que muito possa ser explorado, que esta escrita é inacabada e que acredito que sempre será, assim como eu mesma.

Finalizo esta dissertação com a assunção de que não termina aqui, cada novo dia, novos gestos, novas ações, novos movimentos movem-me para outros olhares e posturas, e este sentido de inacabamento que me instiga e aponta para novos rumos, me motivando a escrever e me autoconhecer mais e mais. A articulação entre a prática pedagógica e artística me move e me torna esta professoratista que está sempre em autorreflexão e na busca de melhorias para ambas atuações que, na verdade, são a mesma, são conjuntas, ocorrem entrelaçadas. Estas práticas corporais, críticas e de sensibilidade me empoderaram e me fazem me representar, seja no palco, seja na sala de aula, tornando-me, cada dia, mais negra!

8. REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda N. **O perigo da história única**. TED. 2013. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=4uXhbSWIJs>. Acesso em: 15 de abril de 2019.

AMARO, José Daniel. **Companhia de Dança Afro Daniel Amaro**. Disponível em: www.ciadanielamaro.com.br. Acesso em: 10 de novembro de 2018.

ARAÚJO, Marivânia Conceição. **A identidade e a questão racial no Jardim Alvorada em Maringá/PR**. 2012. Disponível em: <http://docplayer.com.br/19829882-A-identidade-e-a-questao-racialnojardimalvorada-em-maringa-pr>. Acesso em: 10 de novembro de 2018.

BAPTISTA, Mercedes. **Documentário “Balé de pé no chão”**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=x9CMU4aayjU>. Acesso em: 13 de junho de 2018.

BISPO; Raymundo. Mestre King – **Aulão, reconhecimento e 53 anos de Dança Afro**. Disponível em: <https://portalsoteropreta.com.br/mestre-king-aulao-reconhecimento-e-53-anos-de-danca-afro/> Acesso em: 12 de janeiro de 2018

BRANDÃO; Carlos Rodrigues. **O que é educação?** São Paulo: Brasiliense, 1981.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana**. Brasília. 2004.

BRASIL. **Secretaria de Educação Fundamental Parâmetros Curriculares Nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais** – Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF. 2005.

BRASILEIRAS. **Abambaé Companhia de Danças**. Disponível em: abambae.blogspot.com.br. Acesso em: 10 de julho de 2019.

CARNEIRO, Sueli. **Mulheres em movimento**. Estudos Avançados 17, nº 49. São Paulo. Set/Dez. 2003.

CARDOZO, Kelly, A. **Dança Afro: O que é e Como se Faz!** Minas Gerais, 2006. 15 f. Monografia (Especialização em Estudos Africanos e AfroBrasileiros) Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, 2006.

COELHO, Juliana de Moraes. **Negra, sim:** olhares docentes sobre a identidade étnica e a relação com o ensino de danças afro na cidade de Pelotas – RS. Trabalho de Conclusão de Curso – Dança – UFPel. Pelotas. 2017.

CRENSHAW, Kimberlé. **Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero.** Fem. V. 10. Florianópolis, Jan. 2002.

CRUZ, Victoria Santa. **Gritaram-me negra.** Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=RljSb7AyPc0>. Acesso em: 15 de novembro de 2017

DAVIS, Ângela. **Angela Davis, no Brasil / BAHIA** Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=1ddyxOQ45jI>. Acesso em: 19 de novembro de 2018.

DOMINICÉ, Pierre. **O processo de formação e alguns dos seus componentes relacionais.** IN: O Método (auto) biográfico e a formação. – São Paulo: Paulus, 2010. Capítulo 3 [83 – 95].

DUARTE, Mel. **Negra, nua, crua.** São Paulo: Ijumaa, 2016.

DUNHAM, Katherine. **Biografia.** Disponível: <https://www.britannica.com/biography/Katherine-Dunham>. Acesso em: 12 de Janeiro de 2018.

ELLIS, Carolyn, BOCHNER, Art. **Autoethnography, Personal Narrative, Reflexivity:** Researcher as Subject. In: DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. Handbook of qualitative research. London: Sage Publication, 2000.

FERRAZ, Fernando Marques Camargo. **O fazer das danças afro:** investigando matrizes negras em movimento. 2012. Dissertação de Mestrado – Universidade Estadual Paulista. Instituto de Artes. São Paulo SP.

FERRAZ, Débora. **A construção da identidade negra através da dança Afro-Brasileira:** a História de Mestre King. Programa Nacional de Apoio à Pesquisa - FBN/MinC. 2008.

FIGUEIREDO, Angela Lúcia Silva. **Negritude e Embranquecimento, Novas Elites da Cor:** Estudo Sobre os Profissionais liberais Negros de Salvador. ANNABLUMI, 2002.

FORTIN, Silvie. **Contribuições possíveis da etnografia e autoetnografia para a pesquisa prática na dança.** 2006. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/index.php/cena/article/view/11961>. Acesso em 15 de outubro de 2017.

GADEA, Carlos, A. **Negritude e pós-africanidade:** críticas das relações raciais contemporâneas. – Porto Alegre: Sulina, 2013.

GOMES, Nilma, Lino. **Corpo e cabelo como símbolos da identidade negra.** In: II Seminário Internacional de Educação Intercultural; Gênero e Movimentos Sociais, 2003, Florianópolis. Anais. Florianópolis: UFSC, 2003.

_____. In: **Educação Anti-racista:** caminhos abertos pela Lei Federal nº 10.639/03/ Secretaria de Educação Continuada, Alfabetizada e Diversidade. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

_____. **Identidades e Corporeidades Negras:** uma experiência com formação de professores (as) para diversidade étnico-racial, Belo Horizonte, Autêntica, 2009.

_____. **Movimento negro, saberes e a tensão regulaçãoemancipação do corpo e da corporeidade negra.** Contemporânea: Dossiê Relações Raciais e Ação Afirmativa, n. 2, p. 37-60. Jul-dez 2011.

GROSFOGUEL, Ramon. **A estrutura do conhecimento nas universidades ocidentalizadas:** racismo/sexismo epistêmico e os quatro genocídios/epistemicídios do longo século XVI. Revista Sociedade e Estado – Volume 31 Número 1 Janeiro/Abril 2016.

GUTIERREZ, Ester J. B. **Negros, charqueadas e olarias.** 3. Ed. Passo Fundo: Ed. UPF. 2011.

HALL, Stuart. **A identidade Cultural na pós-modernidade.** Tradução de Tomas Tadeu da Silva & Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: Lamparina, 2015

HOOKS, bell. **Intelectuais Negras.** Estudos feministas, v. 3, n. 2. P. 464 - 469. 1995.

JEUDY, Henri-Pierre. **O corpo como objeto de arte**. São Paulo: Estação Liberdade, 2002.

KILOMBA, Grada. **Plantation Memories**: Episodes of Everebaday Racism. Munste: Unrast Verlag, 2012. Disponível em: https://schwarzemilch.files.wordpress.com/2012/05/kilombagrada_2010_plantation-memories.pdf. Acesso 10 de outubro de 2018.

LONER, Beatriz, GILL, Lorena Almeida. **Organização negra em pelotas**: características e evolução (1870-1950). III Encontro Escravidão e Liberdade no Brasil Meridional. Universidade Federal de Santa Catarina Campus Universitário Florianópolis, SC. Maio, 2017.

LUVIZOTTO, Caroline Kraus **Cultura gaúcha e separatismo no Rio Grande do Sul [online]**. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009. 93 p. ISBN 978-85-7983-008-2. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.

MAIA. Mário de Souza. **O Sopapo e o Cabobu: etnografia de uma tradição percussiva no extremo sul do Brasil**. Tese (Doutorado em Música). Programa de Pós-Graduação em Música da UFRGS. Porto Alegre, p. 278. 2008.

MARQUES. Isabel. **Dançando na escola**. 6 ed. São Paulo. 2012.

MATTOS, Regiane Augusto de. **História e Cultura afro-brasileira** – 2. Ed. 2ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2013.

MELGAÇO, Paulo Jr. **Mercedes Batista, A criação da Identidade Negra na Dança**. Rio de Janeiro, Fundação Cultural Palmares, 2007

MIRANDA, Sol. GIORDANO, Davi. **Mercedes**: A história de vida de Mercedes Baptista sob a ótica negra como poética cênica do Grupo Emú. 1ª edição. – Editora Autografia. Rio de Janeiro, 2016.

MONTEIRO, Marianna. F. M. **Dança Afro**: Uma Dança Moderna Brasileira. In: NORA, Sigrid e SPANGHERO, Maíra. (Org.). Húmus 4. Caxias do Sul: Lorigraf, 2011, v p. 51-59.

MUNANGA, Kabeguele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil – identidade versus identidade negra**. Belo Horizonte: autentica, 2015.

OLIVEIRA, Eduardo. **Filosofia da Ancestralidade**. Curitiba. Editora Gráfica Popular, 2008.

PRANDI, Reginaldo. **De africano a afro-brasileiro: etnia, identidade, religião**. Revista USP, São Paulo, nº 46. [52-65], junho-agosto, 2000.

SABINO, Jorge & LODY, Raul. **Danças de Matriz Africana: antropologia do movimento**. – Rio de Janeiro: Pallas, 2011.

SANTOS, Hélio. **A busca de um caminho para o Brasil: a trilha do círculo vicioso**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2003.

SANTOS, Milton, S. **Culturas Africanas e Afro-brasileiras em sala de aula: saberes para os professores, fazeres para os alunos: religiosidade, musicalidade, identidade e artes visuais**. Belo Horizonte – MG. [11-21]. 2012.

SILVA, Eveline. **Cia de dança Afro Ewá – Dandaras: um estudo sobre a corporeidade de jovens negras através da Dança Afro**. Seminário Internacional Fazendo gênero – Desafios atuais do feminismo. Florianópolis. 2013.

SILVA, Fernanda Oliveira. **Os negros, a constituição de espaços para os seus e o entrelaçamento desses espaços: associações e identidades negras em Pelotas (1820-1943)**. Disponível em: <http://repositorio.pucrs.br/dspace/handle/10923/3943>. Acesso em 15 de outubro de 2017.

SILVA, Marilza Oliveira da Silva. **Ossain como poética para uma dança afro-brasileira**. Dissertação de Mestrado – Universidade Federal da Bahia. Salvador. 2016.

SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e. **Estudos Afro-Brasileiros: africanidades e cidadania**. In: GOMES, Nilma Lino e ABRAMOWICZ, Anete. Educação e Raça – Perspectivas políticas, pedagógicas e estéticas. Editora Autêntica. 2011.

Aprender, ensinar e relações étnico-raciais no Brasil. In: FONSECA, Marcus. [et al]. Relações Étnico-Raciais e Educação no Brasil. Coleção Pensar a educação. Belo horizonte: Mazza edições, 2011.

SOUZA, Ana Lúcia Silva, [et al]. **De olho na cultura: pontos de vista Afrobrasileiros**. Salvador: Centro de Estudos Afro-Orientais; Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2005.

TELLES, Edward. **O Significado da Raça na Sociedade Brasileira**. Tradução de Race in Another America: The Significance of Skin Color in Brazil. Princeton e Oxford: Princeton University Press. 2004.

TORRES, Luiz Henrique. **A cidade do Rio Grande: escravidão e presença negra**. Biblo, v. 22, n. p. 101-117, 2008. Disponível em: <<https://www.seer.furg.br/biblos/article/viewFile/859/339>> Acesso em: 29 de setembro de 2016.

TORRES, Luiz Henrique. **Carlos Santos**: trajetória biográfica. Porto Alegre: CORAG/Assembléia Legislativa do Rio Grande do Sul, 2004.

WAQUANT, Louic, J. D. **Notas etnográficas de um aprendiz de boxe**. Tradução Angela Ramalho – Rio de Janeiro: Relume Damara, 2002.